



C. S. D. P.
DUPLICATA

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

- I. **Carta do Reitor-Mor (pág. 3)**
"TRABALHO E TEMPERANÇA" CONTRA O ABURGUESAMENTO
 O sonho de Dom Bosco — Pontos de interrogação para os anos Setenta. — 1. Trabalho e temperança, binômio inseparável — 2. O trabalho, uma pedagogia e uma espiritualidade — O trabalho, uma missão que se cumpre em alegria — Quando o trabalho se substitui à oração — 3. O ensinamento do CGE — 4. Convide a um leal confronto — O campo da luta — As advertências práticas dos Regulamentos — 5. O tempo, tesouro que se deve traficar — O serviço salesiano que chamamos de assistência — Modos sem conta de perder tempo — 6. O escopo do nosso trabalho: evangelizar — Tempo livre não seja tempo perdido — Conclusão.
- II. **Disposições e normas (faltam neste número)**
- III. **Comunicações (pág. 43)**
 1. A Estréia do Reitor-Mor para 1975 — 2. Três documentos de orientação do Conselho Superior — 3. Constituída a Delegação do Vietnam — 4. Nomeações — 5. Falecimento de dois Bispos salesianos — 6. Iniciativas para o Centenário das Missões Salesianas — 7. A caminho do Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores — 8. Multiplicam-se os Cursos de Formação Permanente — 9. O Curso de Pastoral Juvenil Latino-Americana — 10. O Curso Missionário Salesiano — 11. Solidariedade Fraternal.
- IV. **Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral (pág.55)**
- V. **Documentos (pág. 59)**
 1. As etapas iniciais da Formação Permanente — 2. Diretivas e orientações para os Cap. Insp. 75 — 3. Sobre a ereção da Delegação do Vietnam — 4. Sobre os irmãos que abandonam o sacerdócio.
- VI. **Dos Noticiários Inspetoriais (pág. 94)**
 1. Duas iniciativas da Região Pacífico-Caribe — 2. Uma exceção no quadro geral — 3. Idade média 34-25 anos — 4. Cursos para locutores de rádio e tv.
- VII. **Magistério Pontifício (pág. 98)**
 1. O Dia das Missões na perspectiva do Ano Santo — 2. Diante das insídias do secularismo.
- VIII. **Necrológico — Terceiro elenco para 1974 (pág. 106)**



I. CARTA DO REITOR-MOR

“TRABALHO E TEMPERANÇA” CONTRA O ABURGUESAMENTO

Roma, outubro de 1974

Irmãos e filhos caríssimos,

Examinando situações que interessam à vida da Congregação, pareceu-me oportuno e de dever chamar a vossa atenção para um fenômeno variado e complexo nas suas manifestações, ilações e conseqüências, que dizem respeito à vossa vocação. Tem ele o nome de *ABURGUESAMENTO*.

Exatamente pelos muitos valores salesianos, e antes ainda religiosos e cristãos, que põe em crise, é que o Capítulo Geral Especial declarou “uma guerra decidida contra o aburguesamento”. Ele convidava todos (notai a palavra) “a que se renovassem no assíduo e empreendedor *espírito de trabalho*, que Dom Bosco nos ensinou” ⁽¹⁾. Em outras palavras, trata-se de grave advertência para realizarmos a nossa renovação, que não se pode derrogar, no espírito de “trabalho e temperança”, que Dom Bosco deixou como sinal distintivo de uma herança preciosa para a Congregação, antes como condição de todo necessária para que a mesma Congregação florescesse e deveras sobrevivesse.

Ante o clima que idéias e atitudes do mundo de hoje vão criando também entre nós (ao menos em certos ambientes), percebo toda a sabedoria da séria advertência do Capítulo Geral Especial e ao mesmo tempo a importância vital do argumento sobre o qual desejo entreter-me convosco. Peço-vos, pois, um pouco de atenção para juntos nos determos a fazer algumas reflexões num tom bem salesia-

(1) *Atti del CGS*, n.º 621.

no, que, espero, servirão para esclarecer e marcar valores a que, nestes momentos de mudanças e incertezas, está inseparavelmente ligada a nossa vida de consagrados e de filhos de Dom Bosco e a assinalar idéias e atitudes que até a ameaçam nas suas raízes.

O sonho de Dom Bosco

Penso que todos lembramos o sonho que Dom Bosco teve em Lanzo e que contou aos irmãos na prática das "Lembranças" a 18 de Setembro de 1876 (2).

Os sonhos de Dom Bosco contêm inegavelmente maravilhosa doutrina espiritual, que seria grave dano para a Congregação, se se perdesse por ignorância ou negligente descuido.

Calha aqui uma observação que recolho de várias partes. Tem-se notado com pena que muitos irmãos, especialmente entre os moços, conhecem bem pouco a Dom Bosco. Alguns, é o que dizem, não leram sequer uma breve vida. Passo a observação para quantos nas Inspetorias, podem e devem preocupar-se em alimentar esse conhecimento, que não é de modo algum elemento secundário para a formação e até para a identidade do Salesiano.

Estou sabendo que em várias partes se sente essa preocupação e se realizam iniciativas práticas precisamente para facilitar entre os irmãos o conhecimento de Dom Bosco e da riqueza espiritual que dele deriva. Enquanto louvo tais iniciativas, faço votos que se multipliquem, sem que se pare diante de dificuldades que não deixam de faltar. Trata-se de interesses vitais para a Congregação.

Fechado o parêntesis, tornemos ao sonho de Dom Bosco.

Brasão, palavra de ordem, distintivo

Na terceira parte do sonho, o guia misterioso que acompanha a Dom Bosco, convida-o a voltar o olhar para a in-

(2) MB, 12, 463-9.

términa planície que o circunda. São turbas incontáveis de meninos que, guiados por Salesianos, dos quatro pontos cardeais convergem para Dom Bosco.

Enquanto contempla estupefato o espetáculo maravilhoso, a personagem misteriosa acrescenta: “Olha, repara; não compreenderás tudo o que agora te digo, mas presta atenção: tudo isso que vês é a messe preparada aos salesianos. Estás vendo quão abundante é a messe? Este campo imenso em que te encontras é o campo onde os Salesianos devem trabalhar. Os Salesianos que vês são os operários da vinha de Nosso Senhor. Muitos trabalham e os conheces. O horizonte se alarga depois a perder de vista, e com gente que não conheces ainda; e isso quer dizer que não só neste século, mas também no outro e em séculos futuros, os Salesianos trabalharão o seu campo. Mas sabes como se poderá chegar a cumprir o que vês? Dir-to-ei.

“Olha: é preciso que faças gravar estas palavras que serão como o vosso brasão, a vossa palavra de ordem, o vosso distintivo. Nota bem: “O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana”. Deverás explicar estas palavras, repetir, insistir. Mandarás imprimir manual que as explique e faça compreender bem que o trabalho e a temperança são a herança que deixas à Congregação e serão também a sua glória”.

Dom Bosco aceita as palavras do guia, que assim conclui: “Estás bem persuadido disto? Entendeste-me bem? Esta é a herança que lhes haverás de deixar. E dize-lhes ainda sem rodeios que, enquanto os teus filhos corresponderem, terão sequazes ao norte e ao sul, no oriente e no ocidente”,⁽³⁾ *V. & C.*

“Enquanto corresponderem...” O guia misterioso nada acrescenta, mas deixa entender claramente que o futuro da Congregação é condicionado e é concretamente um problema de fidelidade. Pelo modo com que a personagem insiste (“É preciso que mandes imprimir estas palavras... Nota bem... Deverás explicar estas palavras, repetir, insistir... Estás bem persuadido disto?... Entendeste-me bem?... Dize-lhes ainda sem rodeios...”), compreende-se a importância capital do argumento para a vida da Congregação.

(3) *Ivi*, 466-7.

Pontos de interrogação para os anos Setenta

Dom Bosco não teve tempo de escrever o manual projetado, mas fez algo melhor: escreveu-o na sua vida, imprimiu-o profundamente no coração dos seus filhos, soube infundi-lo no estilo de vida e ação da Congregação que fundou. Quanto ao passado, tudo isso (bem, o sabemos) foi, depois da graça de Deus Nosso Senhor, a causa não última do desenvolvimento maravilhoso da nossa obra. Mas ainda hoje representa um programa de vida que, percebemos cada vez mais, de modo paradoxal com o correr dos anos, aparece como evidente e causticante atualidade.

Diante desta realidade a pergunta que com sinceridade humilde e corajosa devemos fazer-nos é esta: “Nós, Salesianos dos anos 70 fomos fiéis ao programa que Dom Bosco nos deixou com clareza inequívoca? Estamos talvez dissipando a preciosa herança espiritual que nos foi transmitida pelos nossos predecessores?”

São essas as perguntas às quais cada um — indivíduos, comunidades, desde os irmãos mais jovens aos irmãos já maduros — deve em consciência responder neste momento delicado da vida da Congregação, assumindo a responsabilidade pessoal da resposta.

As páginas que seguem não têm senão o desejo de ser uma ajuda oferecida à reflexão pessoal e comunitária sobre esta matéria, à qual se prende um conjunto de valores essenciais à nossa verdadeira renovação e mesmo à missão que temos na Igreja e à sobrevivência da nossa Congregação. Por isso renovo com insistência o pedido que dediqueis a estas páginas a vossa filial atenção. Digo filial, pois se trata de interesses importantíssimos da nossa mãe, a Congregação, os quais dependem exatamente das atitudes de vida de cada um de nós.

1. TRABALHO E TEMPERANÇA, BINÔMIO INSEPARÁVEL

Para compreender melhor o conteúdo da nossa tradição espiritual que se encerra no binômio “trabalho e temperança” que Dom Bosco nos deu como divisa, como estilo

de vida da nossa Congregação, devemos logo sublinhar que, no seu pensamento, não se trata de duas virtudes separadas ou que se possam separar. Trata-se de um todo indivisível.

A expressão “antiburguesismo” — com tudo o que subentende de recusa radical a qualquer forma larvada de naturalismo ou desfibrante edonismo, a vida vivida sob a bandeira e na obediência às pressões do mundo do consumo, que apaga toda visão de ideais — a mim me parece que ela define bem o aspecto negativo desse “todo indivisível”. O aspecto positivo consiste essencialmente numa dedicação sem reservas, contínua, concreta ao próprio trabalho apostólico e à própria missão.

O Salesiano não procura a penitência em si... É a sua vida toda que é mortificada e penitente: o ascetismo é uma só e mesma coisa com a sua ação. A sua ascese é o seu mesmo amor para com os outros sob o aspecto de exigência, porque não há amor sem sacrifício” (4). A busca de vida cômoda não é senão sinal, sintoma de que o sentido da própria missão se vai enfraquecendo em quem por vocação é “um indivíduo consagrado ao bem dos seus alunos” e “que por isso deve estar pronto a suportar qualquer incômodo ou fadiga...” (5). A vida vivida à sombra das próprias comodidades nada mais é que a denúncia do enfraquecimento do zelo da caridade apostólica em quem deve estar pronto a suportar calor e frio, sede e fome, fadigas e desprezos, sempre que se trate da glória de Deus e da salvação das almas” (6).

Tudo isso Dom Bosco por primeiro viveu pessoalmente, para isso doou instante por instante a sua vida, tudo isso transfundiu na Congregação que fundou, e deixou como herança aos seus filhos.

Nada de estranho, pois, se este denodado obreiro da vinha do Senhor, que do trabalho que realizou com amor e por amor soube fazer uma ascese, mística, pedagogia e meio eficaz de apostolado, tenha querido criar uma Congregação sob a divisa do trabalho.

(4) AUBRY JOSEPH, *Lo spirito salesiano*, 75.

(5) *Il Sistema Preventivo*, cap. III.

(6) *Cost. 1966*, art. 188.

“Mangas arregaçadas e modêlos de frugalidade”

“Como Dom Bosco, homem do povo, por natural simpatia tinha ido ao encontro dos meninos, para enobrecê-los, assim também a Congregação Salesiana, por sua mesma natureza e pelas mesmas instâncias, tendia a se inserir nas classes populares, e até em toda a sociedade, para contribuir ao progresso e justiça social. A sociedade que imaginava os religiosos como indivíduos inúteis e ociosos, Dom Bosco apresentava os Salesianos a trabalhar, ao lado de qualquer cidadão, e sobretudo ao lado do indigente” (7).

Nesse quadro é que podemos compreender o plano de Dom Bosco: fundar uma Congregação de religiosos “de mangas arregaçadas” e que fossem também “um modêlo de frugalidade” (8). A sua vocação em prol das classes populares exigia, como testemunho, um estilo de vida que os tornasse semelhantes a elas, vivendo sobriamente e ganhando o pão com o suor do rosto. Se “o mote da Congregação — trabalho e temperança — para cada um dos sócios é uma lembrança do empenho ascético individual, perante a opinião pública assumia o significado de testemunho e demonstração apostólica” (9).

Penso que deve ser constante em cada um de nós essa lembrança das origens, circunstâncias e motivações que levaram Dom Bosco a fundar a sua Congregação e caracterizá-la com particular estilo de vida afim de que correspondesse melhor à missão que Deus lhe confiava no seio da Igreja. Deveria tornar-se fonte fecunda de reflexão e inspiração, e critério objetivo para verificar a autenticidade da nossa vocação e a fidelidade da nossa correspondência pessoal e comunitária neste momento da nossa história.

2. O TRABALHO: UMA PEDAGOGIA E UMA ESPIRITUALIDADE

Mas a vida alegremente austera e intensamente ativa, no pensamento de Dom Bosco, caracteriza a sua Congregação

(7) STELLA PIETRO, *Dom Bosco*, II, 369-70.

(8) *MB*, 4, 192.

(9) STELLA PIETRO, *O.C.*, II, 373.

não só — por assim dizer — “ad extra”, não tem, a saber, valor somente de testemunho exterior.

Não se quer com isso dar pouca importância ao valor do testemunho do trabalho, testemunho esse que no Concílio Vaticano II foi acolhido na esfera da pobreza religiosa e proposto a todos os religiosos. Devem eles perceber que cumprindo seus encargos “obedecem à lei comum do trabalho” e são convidados a buscar por essa maneira os meios necessários ao seu sustento e às suas obras” (10).

Queria pôr aqui em relevo que para Dom Bosco o trabalho não é isto só, que Dom Bosco fez do trabalho não só um testemunho; fez porém ainda mais, uma pedagogia, uma espiritualidade.

A vida é dever, é trabalho, é missão

Dom Bosco, o Santo da alegria sem limites, que aos seus jovens indica como caminho da santidade “estarem muito alegres” (11), não é um santo que transige. Tem uma idéia muito séria da vida, amadurecida na pobre casa de Bechi, na escola incomparável de sua mamãe, numa infância e adolescência que esteve precocemente em contato com a dureza da vida. A vida para Dom Bosco não é passatempo nem divertimento, mas empenho sério. É “dever” com tudo o que de sagrado esta expressão encerra no seu pensamento.

Por trabalho entende precisamente “o cumprimento dos deveres do próprio estado, quer seja o estudo, quer uma arte ou ofício” (12). O trabalho é uma tarefa, missão que Deus confiou ao homem, por isso é “dever”. Falando aos jovens disse: “O homem nasceu para trabalhar” (13). “Quem não trabalha não tem direito de comer” (14), e “furta a Deus e aos seus superiores” (15).

Um pouco por temperamento e um pouco por convicção profunda, Dom Bosco não tolera os preguiçosos, os parasi

(10) PC, n.º 13c.

(11) MB, 5, 356.

(12) *Regolamento per la Casa annessa all'Oratorio*, in MB, 4, 748.

(13) *Ib.*

(14) MB, 3, 354.

(15) MB, 4, 748.

tas; tem horror ao ócio, considerando-o como “fonte nefasta de todos os vícios” (16). Considera “ócio” tudo o que é evasão do próprio dever. Quer que, a tempo, os jovens se habituem a trabalhar, porque — costuma repetir — “Quem, de moço não se habitua ao trabalho, quase sempre será um preguiçoso até à velhice, com desonra... causando um mal irreparável à sua alma” (17).

“Não descansava nem deixava descansar”

Para os Salesianos as recomendações de Dom Bosco ao trabalho vinham a ter uma perspectiva diversa. Não é só o cumprimento de um “dever”, mas realiza uma missão de salvação, que recebeu de Deus: é “colaborar” com Ele na obra da Redenção, é por-se em sintonia com Ele, com a sua incessante ação no mundo; é sentir-se continuamente estimulado pela sua caridade (18).

Com razão é que o Pe. Ceria poderá escrever: “Ardendo em zêlo Dom Bosco não descansava nunca, nem deixava descansar” (19). “Nós, afirmava, não paramos nunca; há sempre um trabalho que encalça outro... Vejo que no momento em que parássemos, a Congregação começaria a decair” (20).

Essa preocupação — afirma ainda o Pe. Ceria — não o deixou nem sequer no leito da morte. Assim fala no dia 27 de dezembro de 1887 a Dom J. Cagliari: “Recomendo-te digas a todos os Salesianos que trabalhem com zêlo. Trabalho, Trabalho!” E seis dias depois, ao Pe. Rua: “Dirás aos Salesianos que lhes recomendo o trabalho, o trabalho” (21).

O Trabalho: missão que se cumpre na alegria

O Pe. Caviglia, depois de haver notado que “noventa e nove por cento” das falas de Dom Bosco aos Salesianos “são

(16) *Il giovane Provveduto*, 45.

(17) *MB*, 4, 748.

(18) *Il Cor.*, 5,14.

(19) CERIA EUGENIO, *Annali della Società Salesiana*, 1, 722.

(20) *MB*, 1, 515.

(21) CERIA EUGENIO, *O.C.*, 1, 725.

sobre o trabalho, temperança e pobreza”, acrescenta: “austeridade, portanto, de vida, que pareceria oposta à alegria” (22). Entretanto, nada é mais estranho ao espírito de Dom Bosco do que um trabalho feito à força, ou mesmo um trabalho a que se sujeita tão somente por necessidade: um trabalho que é maldição do pecado, um trabalho que não é remido pela cruz de Cristo. Pessoalmente para Dom Bosco o trabalho “não era uma fadiga, mas uma paixão”.

“A austeridade — continua o Pe. Caviglia — está na prática, na vontade do sacrifício, no desapego, no tom da vida: trabalha-se, sofre-se, pena-se com alegria, porque em tudo entra o coração e a alma recebe assim a têmpera de ideais alevantados, dispõe-se assim à superação do não necessário, que lhe permite a máxima desenvoltura de movimentos e de espírito” (23).

O segredo de “*servire Domino in laetitia*” antes de tudo como nota o Pe. Caviglia, é “porque em tudo entra o coração”: entra nas relações com Deus e os irmãos, entra nas relações entre súbditos e superiores, e entre educadores e jovens. É uma verdadeira ditadura do amor, que não impõe a sua lei de fora para dentro, mas que se impõe no fundo do coração de cada um, levando-o a cumprir o próprio dever espontânea e alegremente; numa palavra a cumpri-lo com amor, pondo todo o empenho, todos os recursos que tem de iniciativas e criatividade.

Com a alma que recebeu a têmpera de grandes ideais

O segundo aspecto do segredo da alegria salesiana, mesmo numa vida ativa, austera e exigente, é ao que alude o Pe. Caviglia quando fala de “alma que recebeu a têmpera de grandes ideais”. Quem é animado por grandes ideais, mesmo se se tratasse de ideais revolucionários, está disposto a tudo sacrificar e renunciar, para poder alcançá-los e tal disponibilidade perdura enquanto bem vivos forem no espírito esses ideais, enquanto não se duvida do valor que têm.

O dia em que se apagarem esses ideais, em que se começar a duvidar de sua validade, então faltará a disponibili-

(22) CAVIGLIA ALBERTO, *Don Bosco*, 93.

(23) *MB*, 4, 216.

dade, e refugiar-se numa vida ordinária “burguesa” não é senão sintoma certo do seu ocaso.

O ritmo de trabalho intenso, entusiasmado, que Dom Bosco soube imprimir na Congregação, não é senão o reflexo visível dos grandes ideais que sentiu em seu coração e soube transfundir no de seus filhos: fé profunda, amor sincero às almas dos jovens, a tranquila segurança de se achar no caminho traçado por Deus,

Animados por esses ideais, os Salesianos “se habituaram a esconder sob o anestésico da fé, do trabalho sem descanso e do entusiasmo coletivo e fraterno, os espinhos que muitas vezes pungem profundamente. Apesar de tamanha inexperiência e falta de preparação humana... a Sociedade Salesiana trabalhava, progredia, entusiasmava. E isso em grande parte vinha da tranquila certeza de ter Deus consigo, certeza essa que em Dom Bosco nascia de se saber ramo unido à videira vaticana, à videira divina; e para os filhos vinha de verem a paz e a tranquila segurança do próprio Pai” (24).

14.02.

Com a generosidade de quem diz: “vou eu”

Num clima de família, como os limites do “meu” e do “teu” se diluem no “nosso”, assim também se alarga a idéia de “dever”.

Não é “dever” tão somente o que a regra impõe a todos, ou o que a obediência impõe a cada um, é também tudo o que a solidariedade fraterna exige conforme as circunstâncias. Assim ficamos compreendendo como o “isso não me cabe” soam à blasfêmia em comunidade salesiana e o “vou eu” resume bem o espírito de generosa disponibilidade que caracteriza o verdadeiro salesiano. “Não sei quantos dias de indulgência tenha — dizia com argúcia o Pe. Caviglia — mas é certamente o maior triunfo para a Congregação, que cresceu toda com o “vou eu”, desta forma, à força de sacrifícios; só assim é que se explicam as missões” (25).

(24) STELLA PIETRO, O.C., II, 383.

(25) CAVIGLIA ALBERTO, *Conferenze*, 62.

Dom Bosco quis forjar religiosos que estivessem dispostos a fazer sacrifícios “não de saúde, não de dinheiro não de macerações e penitências, não de grandes jejuns nos alimentos, mas sim sacrifícios de vontade”. Religiosos prontos “ora a subir ao púlpito e ora a ir ajudar na cozinha; ora a dar aulas e ora a varrer; ora a dar aulas de catecismo ou a rezar na igreja e ora a assistir no recreio; ora a estudar tranquilamente na própria cela e ora a acompanhar os jovens a passear; ora a dar ordens e ora a obedecer” (26). Nessa escola “não havia trabalho confiado a irmãos coadjutores, que padres ou clérigos não o fizessem quando fosse necessário; e com toda a naturalidade seguiam o exemplo do Pai que, conforme a ocasião, sabia fazer de alfaiate, carpinteiro, mestre de música, prestidigitador, corretor de provas, pregador, escritor, confessor, sacerdote ao altar para a Missa. Todos atendiam a uma disponibilidade interior e a uma prontidão tal que observadores atentos e afetuosos podiam entrever um espírito de abnegação levado ao mais alto grau” (27). “Assim se consolidou — diz o Pe. Ceria — uma tradição da qual alhures exemplo não há” (28).

Todavia, acrescenta o mesmo Pe. Ceria, Dom Bosco “receu que com o correr dos tempos se chegasse a maior distribuição do trabalho, facilitada pelo aumento dos sócios e se fosse insinuando a tendência de uma vida acomodada”. Foi isso que fez com que ele entre advertências e ameaças escrevesse estas pesadas palavras: “Quando, entre nós, começarem as comodidades ou o bem-estar, a nossa Congregação terá acabado os seus dias” (29).

Se somos sinceros devemos confessar que o temor de Dom Bosco não era por nada infundado. Na divisão necessária do trabalho, na distribuição das tarefas, manifesta-se agora cada vez mais a exigência de uma qualificação específica dos Salesianos; mas isso não deveria modificar a preciosa característica da sua prontidão, e sobretudo a sua generosa disponibilidade para qualquer tipo de trabalho, desde que o requeira a necessidade, o bem das almas, a ajuda fraterna. Se se devesse tornar norma no seio das nossas

(26) MB, 7, 47.

(27) STELLA PIETRO, O.C., 377.

(28) CERIA EUGENIO, O.C., 1, 724.

(29) *Ib.*, 1,724-5.

comunidades o “isso não me cabe”, a Congregação se iria aproximando, como adverte Dom Bosco, da sua decadência.

Em comunhão com os irmãos

A expressão (embora Dom Bosco, precisamente pelo estilo da sua missão de educador, não esconda as preferências que tem para um tipo de trabalho comunitário), não se deve entender como expressão que exclui qualquer atividade fora da comunidade, mas que exclui todo individualismo.

Dom Bosco da vida e da ação da sua Congregação tem uma idéia muitíssimo unitária. O seu pensamento a esse respeito, expressa-o com bastante clareza numa conferência aos irmãos em Março de 1869⁽³⁰⁾, depois da aprovação definitiva da Congregação por parte da Santa Sé.

O princípio básico sobre o qual Dom Bosco funda a sua comunidade é o valor evangélico da vida fraterna (“O quam bonum et quam iucundum habitare fratres in unum”: como é bom, como é suave habitarem todos juntos como irmãos!), donde surge na vida religiosa a exigência de se viver “in unum”, que se especifica ulteriormente como exigência de se viver “in unum locum, in unum spiritum, in unum agendi finem”⁽³¹⁾.

Depois da aprovação das Constituições, Dom Bosco completa o seu pensamento delineando a relação “regra-superior-comunidade” em ordem à unidade de vida e ação que se devia tutelar e promover no seio da Congregação. Eis o que diz na conferência aos Diretores em janeiro de 1876: “Se se quiser trabalhar com bom espírito, mas fora do círculo das nossas Regras, cada um trabalhará, e, admitamos, até muito, mas o trabalho será individual e não coletivo. Ora o bem que se deve esperar das Ordens Religiosas deriva precisamente disto: trabalham coletivamente... Se nos afastamos do que é exigência estrita das Regras e se se continua a trabalhar, começará um a se afastar daqui, outro de lá por um fim bom, mas individual. Eis aqui o princípio do relaxamento”⁽³²⁾.

(30) *MB*, 9, 571-6.

(31) *MB*, 9, 573.

(32) *MB*, 12, 80-1.

Penso que agora não seja difícil colher, à luz do que expressamos, o núcleo fundamental do pensamento de Dom Bosco. Ele não só quer que a sua Congregação seja um organismo de estrutura profundamente unitária, mas quer que como tal atue com uma ação igualmente unitária, na linha traçada por Deus, manifestada na Regra, encarnada no Superior. Olhando no fundo da sua alegria pela ação “mesmo com bom espírito e com boa intenção, mas individual”, há o fantasma do individualismo, há o “quaerere quae sua sunt”, “o primeiro prego que aflige e arruina as Congregações Religiosas” (33).

Dom Bosco quer que a ação de seus filhos seja plenamente personalizada; nada mais longe do seu pensamento do que o salesiano sejam robô ou o legalismo farisaico. Quer que os Salesianos sejam filhos, irmãos, quer que sintam vivamente os problemas e os interesses da família religiosa a que pertencem vitalmente, que participem em cheio dos seus ideais e da sua missão. Quer por isso que desenvolvam com amor, com doação plena, e empregando todos os recursos pessoais, a tarefa que foi confiada a cada um, dispostos a dar a mão, fraterna e generosamente, aos irmãos que precisassem.

O individualismo é antípoda de tudo isso: quando se manifesta é sinal indubitado de que se vai diluindo o sentido de família, de que se vai dissociando progressivamente a própria comunidade religiosa, os seus ideais, a sua missão; o individualismo leva à busca do próprio e egoístico interesse, procurado independentemente da comunidade à qual pertence, ou, pior, fazendo dela instrumento dos próprios intentos.

A prevalência de tal individualismo em nossas comunidades marcaria por certo o fim da Congregação.

Em união íntima com Deus

Assim como Dom Bosco o concebeu e como procuramos descrever nas páginas precedentes, o trabalho salesiano, — bem compreendemos — não é possível sem profunda pie-

(33) *ME*, 12, 468.

dade que, notêmo-lo bem, não se soma ao trabalho, mas faz uma coisa só com ele; ou melhor ainda, uma piedade que se exprime e concretiza no trabalho.

Só uma profunda piedade pode com fundamento motivar e animar um trabalho intenso, generoso, de todo desinteressado, abraçado livremente com alegria como expressão concreta de doação total e de amor aos jovens.

Não podemos negar que muitas vezes, não tanto em teoria quanto na prática da nossa vida, não compreendemos bem as austéras exigências da nossa tradição espiritual e fizemos dela uma imagem reduzida e deformada. É mais fácil imitar Dom Bosco na sua zelosa atividade do que na sua íntima união com Deus. E nos atiramos numa atividade louca, sem nenhuma preocupação de que ela nasça e se alimente de interioridade.

Devemos reconhecer que se é salesianamente suspeita a piedade dos preguiçosos e dos egoístas, é do mesmo modo suspeito o trabalho de quem não tem profunda piedade.

Se não se trabalha para Deus, é fatal que se trabalhe para si. E quem trabalha única ou principalmente para si, além de fazer trabalho estéril (não nos esqueçamos: “Sem mim nada podeis fazer”), trabalhará enquanto durar o sucesso da sua ação, enquanto achar nele satisfação pessoal. Depois, por causa da mesma lei da vantagem pessoal que supõe, recuará até o ideal mais cômodo do... máximo rendimento com o mínimo esforço; procurará para as dificuldades compensações de variada natureza e, mais ainda as procurará para as desilusões que fatalmente acompanham um trabalho que se faz e orienta desta forma.

Se o fenômeno do “aburguesamento” é tão complexo que não pode depender só desta causa, não podemos entretanto negar que muitas vezes é exatamente esta a verdadeira causa de tantas evasões do próprio empenho sério em ordem à nossa missão, evasões para se entregar a atividades de todo individualistas e sob tantos aspectos bem discutíveis.

Assim também não podemos negar que quanto mais árdua, difícil, muitas vezes frustradora se torna hoje a nossa missão de educadores cristãos, tanto maior necessidade temos hoje, para realizar a nossa vocação, que esta ação seja

purificada e vivificada pelo profundo sentido de Deus, que se nutre no contato filial com Ele.

Foi afirmado com autoridade que sem contato vital com Deus, sem sua presença em nossa vida, parece difícil, nas circunstâncias atuais, que se possa conservar uma fé viva e completa. Como é então possível que possa evangelizar de verdade (i.é., transfundir a Palavra vital do Senhor) quem de fato, embora com as desculpas mais especiosas, não tem nem procura este contato com Deus, fonte e motivo de toda ação que queira ser verdadeiramente evangelizadora? Com razão o Capítulo Geral Especial afirmou: “Para fazer com que os jovens e os adultos encontrem Cristo, é necessário primeiro tê-Lo encontrado pessoalmente”⁽³⁴⁾.

Devemos ter coragem de falar verdade a nós mesmos e perguntar-nos: que lugar damos realmente aos contatos com Deus em nosso dia de trabalho? Que momentos periódicos de oração, suficientemente prolongados (tempos fortes) reservamos, para nos restaurar de uma fatal dispersão, do cansaço, do nervosismo próprio da vida de hoje e inerentes ao próprio trabalho que nos prende?

Quando o trabalho se substitui à oração

As Constituições e os Regulamentos oferecem-nos a propósito ajudas eficazes e indicações concretas, fruto de longa e larga experiência, vivida não só em nossa Congregação mas na Igreja. Recusar ou como quer que seja tornar inoperantes tais ajudas que são insubstituíveis, converte-se numa forma de fatal suicídio espiritual e apostólico.

O fato teria um resultado ainda mais grave se o abandono ou recusa destas ajudas fosse praticado por toda uma comunidade. Nesse caso, além do mais, seriam com razão responsáveis também os dirigentes da comunidade, que têm o preciso mandato de criar os pressupostos para que os Salesianos “*Vitam habeant, et abundantius habeant*” (tenham a vida, e a tenham em abundância).

Com muita razão os superiores da comunidade são chamados “animadores”. Trata-se, com efeito, de vida verdadei-

(34) *Atti del CGS*, n.º 306.

ra, e as Constituições não requerem uma observância como quer que seja formalista e material de inexpressivas e estereis práticas devotas, mas exigem que os Salesianos tenham o alimento espiritual absolutamente necessário não só para todo consagrado e apóstolo, mas a todos os verdadeiros fiéis.

Negar com pseudo-argumentos ou recusar de fato esta realidade — só dizê-lo já é penoso — é pôr-se contra a palavra de Deus e o Evangelho, contra a Igreja e o Concílio, contra a Congregação e contra Dom Bosco (que nunca sonhou com eliminar da vida dos seus filhos o alimento da oração para que se esgotem num ativismo que não tem nada que ver com o apostolado como o bom Pai o entendia).

Bem sei, muitas vezes ouço dizer: tais e tais Salesianos não podem rezar, não conseguem achar-se juntos para rezar, porque estão carregados de trabalho. Quisera primeiramente dizer com sinceridade, que mais de uma vez, pensando bem, essa motivação não corresponde à verdade. Quem abandona e descuida a oração nem sempre está sobrecarregado de trabalho apostólico; ao contrário conhecemos excelentes e incansáveis irmãos, verdadeiros apóstolos, que sabem achar, sem extraordinário esforço, tempo para a oração.

Talvez haja outra explicação para essa fuga de oração, e devemos dizê-lo por amor da verdade, sem nos embalar-mos em vãs ilusões: trata-se às vezes só de preguiça.

Falando em geral, requer-se maior esforço pessoal para rezar do que para se atirar a um trabalho externo (é o que diz Chautard, entendido no assunto). Mas devemos dizer ainda que não raramente a preguiça é produzida e encorajada por uma fé anêmica e falha. Fé fraca e deficiente não pode certamente alimentar a oração: são valores intercomunicantes.

Situações semelhantes, não temos coragem de justificá-las. De aí é pequeno o passo para teorizar a inutilidade ou a impossibilidade da oração (e isso é a expressão mais grave e patente de uma fé lânguida e prestes a morrer). Nesse caso o único remédio será uma “conversão” profunda, que induza a rever o próprio modo de pensar para conformá-lo com os ditâmes da fé.

Quando o trabalho é demasiado absorvente

Mas reconheço que pode haver casos em que realmente, por motivo de trabalho, a oração não ache tempo fácil na vida do Salesiano. Quisera então falar a esses irmãos com fraternal franqueza, certo de que não estou manifestando somente um parecer pessoal.

As atividades, admitindo embora que estejam dentro da missão salesiana e, por isso, da obediência, não podem envolver e sufocar o Salesiano, esvaziando a sua alma, que é uma das que ele deve salvar. O trabalho não pode, como Saturno devorar os próprios filhos. São Carlos, que não estava certamente fechado em cômoda e egoística imobilidade, falava assim ao sacerdote do seu tempo (e bem sabemos que tempos eram): “Não te dês aos outros tão completamente que nada reste para ti; pois é também necessário que tu te lembres das almas que governas, mas de tal modo que não te esqueças de ti”⁽³⁵⁾. “A oração, aliás, diz um Pastor protestante, é ação, porque dá abertura à única ação eficaz que é a mesma Palavra de Deus enquanto se realiza. Essa “Palavra-Ação, acrescenta, se realiza quando a tomo para mim seriamente, quando a escuto, e assim lhe abro o caminho no mundo através da minha própria obediência”⁽³⁶⁾.

São dois então os casos. Ou o trabalho é realmente demasiado, e é preciso que seja redimensionado e sabiamente equilibrado; ou o trabalho é mal organizado e distribuído, e há obrigação de providenciar que se organizem e programem horários e empenhos, que não defraudem o Salesiano do sacrossanto direito que tem ao tempo dedicado à oração. Direito-dever certamente não menos importante e grave do que o tempo para as refeições, repouso e estudo⁽³⁷⁾.

Queria concluir este ponto com uma observação que encontrei na obra de um especialista e entendido no que se refere às crises ideológico-afetivas dos sacerdotes e religiosos nos dias de hoje. O autor leigo, que estudou a fundo mais de 700 desses casos, depois de ter pesquisado origens e moti-

(35) *Acta Ecclesiae Mediol*, 1559, 1177-8.

(36) RIGAUD S. in *Vie Spirituelle*, Ottobre 1968, 165.

(37) *Cf. Reg.*, n.º 53.

vações psicológicas, sociológicas, etc., no final da síntese que fez, põe esta inesperada pergunta, com a qual termina o seu trabalho: “Não seria conveniente recordar aos eclesiásticos logo esta nota: “Alexis Carrel observava que a perda do sentido do sagrado e da oração preanunciou sempre a queda das grandes civilizações. Teríamos, talvez, chegado à vigília do desbaratamento da nossa?” (38).

A pergunta feita por tal pessoa — ainda que não aceitamos a visão do escritor, que parece por demais pessimista — convida-nos, porém, todos a refletir. Ao contrário, encorajam-nos a olhar com esperança e confiança no dia de amanhã, tantas e tantas almas, conhecidas ou não, (e entre elas grande número dos nossos irmãos de todas as partes), que precisamente nestes nossos dias, sem fazer muito ruído, enquanto se acham entregues a uma atividade incansável a favor dos irmãos, demonstram com os fatos que rezar é necessário. Porque “rezar é respirar e viver”, não só para si, como também para o próximo ao qual Nosso Senhor nos enviou.

3. O ENSINAMENTO DO CGE

Vejam agora o que nos disse o CGE a respeito do trabalho, que tanto caracteriza o nosso espírito e estilo. Podemos colher isso em rápida síntese, de que se releva logo como a acentuação dada pela renovação a este tema está sempre na fiel continuidade da nossa tradição.

Nas Constituições renovadas, que são o fruto mais rico do CGE, achamos uma pequena condensação da nossa tradição nesta matéria. O artigo 42 recorda: “O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação” e prossegue depois: “A busca da comodidade e conforto serão ao contrário a sua morte. O Salesiano dá-se à sua missão com operosidade incansável. O trabalho apostólico é a sua mística porque lhe percebe a grandeza divina e a urgência; é a sua ascética, porque lhe aceita as duras exigências. Está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e

(38) ECK MARCEL, *L'uomo prete*, 145.

o desprezo, sempre que se tratar da glória de Deus e da salvação das almas”.

Contribuição para construção do mundo

Os Atos então, depois de ter declarado que para o Salesiano o trabalho, essa “doação total de si à sua missão apostólica”, é ao mesmo tempo “mística, ascese e exigências de consagração na liberdade, concluem: essa atitude coloca o Salesiano em sintonia com o homem de hoje, que tem a consciência de ser o “homo faber”, transformador do mundo e autor da história. Com o seu esforço de obreiro do Reino, empenha-se em contribuir para a animação cristã deste movimento”⁽³⁹⁾. É uma breve pincelada, mas nos dá modo de colocar a nossa operosidade” cotidiana no contexto mais amplo do sentido do trabalho humano e da contribuição que a Igreja, sobretudo mediante a ação dos religiosos, pretende dar à construção do mundo, afim de que “a edificação da cidade terrena tenha sempre o seu fundamento no Senhor e tenda para Ele”⁽⁴⁰⁾.

Onde, porém, o CGE encontrou os relevos mais novos sobre o tema, principalmente em ordem à nossa missão, foi quando tratou do candente tema da pobreza.

O trabalho é solidariedade com os pobres

O art. 87 das Constituições declara: “O trabalho assíduo e sacrificado é uma característica que nos foi legada por Dom Bosco e é expressão da nossa pobreza. Na cotidiana operosidade associamo-nos aos pobres que vivem da própria laboriosidade e testemunhamos aos homens de hoje o sentido humano e cristão do trabalho”.

O tema “trabalho-temperança” no sentido de testemunho de solidariedade com os pobres, que, vivido pessoalmente por Dom Bosco e seus primeiros colaboradores, tinha entretanto ficado na penumbra nas antigas Constituições, é ago-

(39) *Atti del CGS*, n.º 97.

(40) *LG*, n.º 46.

ra posto em toda luz como “forma hoje particularmente expressiva de real testemunho de proeza”⁽⁴¹⁾.

Primeiramente *testemunho pessoal*, “em nível de vida simples e austera, recusando qualquer tipo de conforto e comodidade de tipo burguês”, pronto também a participar de algum modo na insegurança que acompanha a vida do verdadeiro pobre”. Como também “num trabalho incansável, que aparece como devotamento completo à missão”⁽⁴²⁾.

Depois *testemunho coletivo*, vivido concretamente “na austeridade da vida em comum: na frugalidade da alimentação, na recusa do supérfluo, na simplicidade funcional dos edifícios, para se sentir mais próximo dos pobres”⁽⁴³⁾.

Se todos déssemos testemunho de trabalho

Neste ponto é espontânea a pergunta que podemos fazer: que imenso bem poderia fazer hoje a Congregação se, fiéis à mensagem e tradição do Pai, cada um de nós, cada uma das comunidades salesianas, déssemos todos em qualquer lugar da terra e sempre esse testemunho de trabalho? Que valor não teria o nosso estilo de vida simples, austero, para os jovens do nosso tempo, se representasse de fato uma contestação visível à sociedade de consumo, e ao mesmo tempo uma plena solidariedade com a vida dos pobres?

Pobreza e austeridade, porém, não sofrida como amarga necessidade, nem sequer sentida como privação e mortificação, mas abraçada evangelicamente como opção de vida, abraçada como valor, como fonte de alegria, de liberação da escravidão das coisas, de total disponibilidade ao amor fraterno.

Que energia de autêntica liberação poderia revelar uma Congregação que, nos seus membros, levasse aos jovens do nosso tempo uma vida concebida como empenho sério, como serviço fraterno, como “trabalho”? Porém, também aqui, não um trabalho alienante sofrido como um castigo ou nego-

(41) *Atti del CGS*, n.º 593.

(42) *Ib.*, 605.

(43) *Ib.*, 606.

ciado como uma mercadoria, mas trabalho amado como instrumento de liberação e redenção social, como fonte de progresso humano, como contribuição pessoal à edificação no mundo de uma comunidade mais humana e fraterna.

São essas as perspectivas que nos abre o CGE na linha da herança espiritual que Dom Bosco nos deixou. Não se trata de retórica balofa e enfadonha, que além de ser de mau gosto, destoaria muitíssimo na situação atual, que desencoraja até a simples veicidade do triunfalismo. Trata-se do ideal de vida que nos propõe, em perspectiva de fé, o mesmo Deus que chamou ontem a Dom Bosco e hoje a nós para desempenharmos a idêntica missão de salvação dos jovens.

Não podem os jovens deixar de se sensibilizarem por esse testemunho, em meio a um mundo que apresenta como sinais normais de êxito a conquista do dinheiro, a satisfação dos sentidos, a escalada do poder” (44). Devemos alimentarmos desses grandes ideais, que nos fazem perceber o sentido da nossa missão no mundo: só eles serão capazes de desencalhar dos escolhos do “aburguesamento”, e nos permitirão retomar com renovado alento, a velas pandas, o alto mar.

4. CONVITE A UM LEAL CONFRONTO

Renovação é sempre quase uma conversão; e toda conversão supõe um leal confronto do que se é com o que se deveria ser, para uma lúcida tomada de consciência da própria situação mais ou menos comprometida, e para uma vontade decidida de se livrar dela.

Penso eu, caros irmãos, que toda esta carta, tomada no seu conjunto, pode ser uma ocasião que vos é oferecida para fazerdes este leal confronto entre o que em concreto é a vossa vida cotidiana e o que, ao invés, deveria e poderia ser. Mas o que vou dizer-vos agora nesta parte da carta, pretenderia ser-vos ajuda ainda mais explícita, para pôr em relevo as partes da nossa fidelidade cobertas de sombra.

(44) LECUYER JOSEPH, *Relazione ai Superiori Generali su “Evangelizzazione e vita religiosa 1974”*.

Os temores de Dom Bosco

Também neste diagnóstico Dom Bosco muito nos ajuda. Por certo o que Dom Bosco nos permite identificar não é tanto o mal (que se acha em nível mais profundo), quanto os sintomas que o denunciavam. Mas a sua presença é sinal indubitado da presença do mal e reconhecer estes sintomas com lealdade não só dá ocasião a uma tempestiva e eficaz terapia mas é já sinal do começo da cura.

Conversando com os seus filhos, à noite, dia 14 de Agosto de 1876, pouco tempo depois da aprovação definitiva das Constituições — Dom Bosco tratando das causas que levam as Congregações Religiosas à ruína, indicava as seguintes: “A primeira... é a ociosidade, é trabalhar pouco”. “A segunda... é o requinte e o excesso nos alimentos e bebidas”. “A terceira... chama-se egoísmo ou espírito de reforma, chama-se murmuração, para mim é tudo a mesma coisa”. E concluía: “Lembrai-vos sempre de que se se infiltra em nós um pouco de divisão, já não andarás bem a Congregação. Unidos num só coração, faremos dez vezes mais e trabalharemos melhor” ⁽⁴⁵⁾.

Em setembro do mesmo ano, contando aos irmãos, na prática de encerramento do Retiro, o sonho a que me referi no princípio, Dom Bosco volta ao mesmo tema. Fala das causas que “afligem as Congregações religiosas, causas figuradas em quatro pregos. Sob esses pregos viam-se as seguintes escritas: “Quorum deus venter est”; “Quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi”; “Aspidis lingua eorum”; “Cubiculum otiositatis” ⁽⁴⁶⁾. (O seu deus é o estômago — Buscam seu próprio interesse, não o de Jesus Cristo — Sua língua é de víbora — Quarto da ociosidade). Se se compararem com as três causas precedentes, notaremos com surpresa que coincidem na substância.

Mas onde Dom Bosco tratou mais largamente que em qualquer outro lugar dos riscos que a Congregação poderia correr, foi no sonho famoso do manto ⁽⁴⁷⁾.

(45) *MB*, 12, 383-4.

(46) *MB*, 12, 466-7.

(47) Tido em S. Benigno a 10-9-1881. Cf. *MB*, 15,183-7.

Não é esta carta ocasião oportuna para fazer dele análise particularizada, mas para o nosso escopo bastará procurar e individuar, para além da constelação dos sintomas descritos por Dom Bosco, o mal tenebroso que ameaça a “Pia Salesiana Societas”.

No fundo se trata de crise de fé, de eclipse do sentido de Deus, a que corresponde uma concepção puramente horizontal, terrena e edonista de uma vida voltada para si, para o seu próprio interesse pessoal (“Pars nostra erunt quae super terram”; “Amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi”: A nossa parte de bem serão as coisas da terra; Amam e procuram os próprios interesses, não aqueles que dizem respeito a Jesus Cristo). Todos os demais sintomas não são mais do que efeitos, consequências de uma vida a que faltou a dimensão fundamental. São eles:

— desamor à oração (“negligentia in divinis perficiendis”);

— sensualidade (“concupiscentia oculorum”, “scurrilitas”, “gula”, “quorum deus venter est”, “potus”);

— comodismo (“accidia”, “otiositas”, “somnus”, “lectus”, “habitus”, “pecunia”, “furtum”);

— orgulho e procura de si (“superbia vitae”, e... o nada total em questão de obediência)⁽⁴⁸⁾.

Considerando esse quadro no seu conjunto, é impressionante notar como a fenomenologia do mal que Dom Bosco denuncia corresponda na sua substância ao que nós hoje chamamos “aburguesamento”. O fato nos deve fazer refletir seriamente. Mesmo prescindindo da origem, que não é certamente ordinária, do sonho, torna-se entretanto sempre um ensinamento, aviso, transmitido às gerações dos Salesianos que haveriam de suceder, a nós que estamos vivendo esta época de crise, por Dom Bosco, que (nem podemos duvidar) era animado pelo Espírito do Senhor.

O campo da luta

Ao lado do “aburguesamento” acha-se, pois, uma crise de valores, que para nós que cremos se especifica numa cri-

(48) *ME*, 15, 183-7.

se de fé; só realizando uma sua profunda renovação é que poderemos pôr o remédio onde verdadeiramente se encontra o mal. Aliás a fé, por sua vez, se concretiza ao se refletir nas mais variadas atitudes da nossa exigência; e, em vista da unidade profunda que subsiste em nossa pessoa, tem-se interação recíproca entre fé e vida. A fé renova a vida, e a vida renovada alimenta e robustece a fé.

Assim, para uma luta eficaz contra o “aburguesamento” é antes de tudo necessário redescobrir o sentido profundo da nossa vocação-missão; mas não é menos necessário que essa renovação interior se concretize numa mudança radical das nossas atitudes concretas.

Tratamos já do primeiro aspecto da nossa renovação; quereria agora demorar-me no segundo. Vamos juntos fazê-lo nesta parte da carta, falando, quanto possível, de coisas concretas.

Tendes por certo notado como Dom Bosco insiste em resguardar os seus filhos contra uns carunchos que caracteriza com absoluta precisão, definido-os fatais para a Congregação: gula (quorum deus venter est), bebidas, roupas, cama, dinheiro, ociosidade, sono, a que fazem coro outras míserias não menos deformes. A advertência me parece muito atual.

Seja por certas idéias e interpretações sobre a vida religiosa, que se dizem liberadoras, mas que na realidade são permissivas, pois que esvaziam e deformam a essência da “sequela Christi”, seja pelas solicitações ardilosas e atrevidas com que a sociedade do conforto e do consumo estimula, mesmo em nações pobres, ao supérfluo, à vida cômoda e gozadora, é fácil que também em nossos ambientes haja complacência com formas e estilos de vida que estão em evidente contraste com a nossa consagração, e mais especificamente com a nossa profissão de pobreza.

Quais as consequências de semelhantes atitudes? Uma inversão e deformação grave da tarefa que temos na Igreja. Os que com o seu teôr de vida austera e desapegada dos bens terrenos deveriam ser os contestadores ficazes da sociedade que põe o seu ideal no bem-estar e no gozo material, apresentam-se na prática quase como sequazes do mundo edonístico.

Também aqui é necessário ter antes de tudo idéias claras sobre as realidades fundamentais da vida religiosa, que não pode ser senão uma tradução na prática dos ensinamentos de Cristo. Nota constante desses ensinamentos é a “renúncia”, a ruptura franca com idéias e atitudes próprias de um mundo todo ligado a interesses materialistas.

Nunca como hoje tanta necessidade de ascese

“Se alguém quiser seguir-me, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me”. “Quem quer salvar a sua vida, perdê-la-á” “O reino de Deus padece violência, e os violentos o arrebatam”. Estreita é a porta... mas espaçoso o caminho que leva à perdição”. “Se o teu olho te escandaliza, arranca-o e lança-o fora de ti”. São palavras fortes: parece que não se devam tomar no sentido da recusa... de toda renúncia; estamos numa perspectiva bem diversa de uma solução de bem-estar.

Ora, a palavra que Jesus dirigiu a todos os cristãos, não é ainda pertinente, e com maior razão, aos que, como nós, deixaram tudo para de perto seguir a Jesus? A fio de lógica não podemos deixar de aceitar essa ilação.

Seria grave êrro crer que hoje já não haja necessidade daquilo que os nossos Pais chamaram ascese e mortificação. “Nunca talvez — diz o Pe. Voillaume — houve tanta necessidade de ascese como em nossos dias”. E depois acrescenta: “Será sempre verdade, por exemplo, que se deve praticar uma ascese no uso das bebidas, da televisão, dos passa-tempos que despertam apetites sensuais” (49).

O mesmo Pe. Voillaume a propósito de compromissos mais ou menos velados a que pode ceder na sua vida o consagrado, faz observações bem realistas. Diz ele: “Vamo-nos concedendo múltiplas pequenas compensações sem querer confessá-lo. Isso acontece a propósito de espetáculos, leituras, imaginações desordenadas; acontece também a propósito de certas amizades, em que se procuram compensações sensíveis e afetivas que não são desprovidas de certa ambigui-

(49) VOILLAUME RÉNÉ, *La vita religiosa nel mondo attuale*, 221.

dade; manifesta-se finalmente nas atitudes “materialistas”. É preciso estar atento a essas atitudes, visto que a tentação de um materialismo excessivo se agrava na idade em que, normalmente, se desejaria ter filhos” (50).

A luz do Evangelho, da sã doutrina espiritual de hoje, especialmente dos avisos paternos, façamos, portanto, a nossa revisão; e sem medo de descer a particulares que interessam o exercício da virtude da “temperança”, que, como vimos, se reflete e ramifica mais larga e profundamente do que possa parecer à primeira vista.

As advertências práticas dos Regulamentos

Se relermos alguns artigos dos novos Regulamentos, facilmente o perceberemos. Noto a propósito, mesmo que seja de passagem, que os Regulamentos são a interpretação e aplicação concreta das Constituições. Longe de depreciá-los, ou pior descurá-los, devemos praticá-los reconhecendo os valores autênticos que encerram. Minimizar ou desprezar os Regulamentos seria esvaziar de fato o conteúdo das Constituições, aceitando os enunciados de bons princípios, mas recusando as consequências lógicas que os traduzem em modos e estilo de vida concreta.

Cito alguns artigos como exemplo.

O artigo 36 é aviso incisivo aos irmãos e superiores para tomada de consciência dos nossos deveres morais no que se refere ao uso dos instrumentos de comunicação social.

O artigo 39 determina com precisão a distinção entre abertura ao próximo e indiscriminada e danosa presença de pessoas estranhas à comunidade que tem direito e necessidade da reserva e intimidade própria de uma família de consagrados.

O artigo 50 nos fala concretamente do mortificação comunitária. Queria que lesseis com tranqüila atenção o artigo 61: desce a especificações bem práticas que tocam com síntese feliz e igual clareza pontos muitos importantes da nossa temperança numa fidelidade à nossa autêntica tradição.

(50) *Ib.*, 178.

É bom reler o artigo 62, a propósito do uso do dinheiro, como também o artigo 70 relativo ao uso dos meios de transporte. Porém, parece-me de particular importância o artigo 71: exige ele que “a comunidade local é inspetorial verifique periodicamente... o próprio estado de pobreza”. É medida deveras salutar, e, precisamente para a “bôa saúde” da comunidade e de cada um, deve tornar-se operante.

Caríssimos, não subestimemos esses avisos tão práticos. Dom Bosco dizia que as coisas “pequenas” são as que fazem as coisas grandes. Temperança, austeridade, ruptura, mortificação... Pensando bem, são todos elementos e aspectos de uma mesma riqueza não só evangélica e religiosa, mas, diria, também profundamente humana.

Por isso me impressionou o que escreve um sábio, um “prêmio Nobel” que não costuma demonstrar muitas preocupações religiosas. Depois de ter censurado à juventude de hoje a busca dos prazeres em vez da busca da alegria, descreve as falhas de uma “vida desprovida de dor e toda feita de prazeres”; “ela não teria altos e baixos, pareceria uma planície sem luzes nem sombras, e seria por isso enfadonha”. Não só: esse escritor e sábio — Konrad Lorenz — conclui redescobrimo com os historiadores que a decadência das classes dirigentes e dos povos deve atribuir-se ao conforto e à falta de luta.

É uma voz que, embora de perspectiva e ângulo diverso, vem confirmar que profunda sabedoria tenha a ascese a que o Evangelho nos convida e que realismo ilumina e valoriza o aviso do nosso Pai, que acima lembramos: “Quando entre nós começarem as comodidades e o bem-estar, a nossa Congregação terá acabado os seus dias”⁽⁵¹⁾.

5. O TEMPO, TESOIRO QUE SE DEVE TRAFICAR

Uma vida que se inspira na temperança e que se empenha toda no trabalho pelo Reino, é natural que olhe para o tempo como para um tesouro que se deve traficar cuidadosamente. Partindo desta convicção profunda compreende-

(51) *MB*, 17, 272.

mos a intensidade com que Dom Bosco empregava cada instante da sua existência: “A vida é breve demais — costumava dizer. É preciso fazer depressa o pouco que se pode fazer, antes que a morte nos surpreenda”⁽⁵²⁾. “É preciso que nos proponhamos trabalhos superiores às nossas forças e talvez assim se chegue a fazer tudo o que se pode”⁽⁵³⁾.

Encher o tempo “até à borda”

No espírito do nosso Pai, deveríamos poder repetir todos os dias, não com os lábios, mas na vida e com a vida, esta bela oração de Quoist:

“É preciso não perder tempo,
não esbanjar tempo,
não matar o tempo.
Pois o tempo, Senhor, é um presente que nos dás.
Presente precível,
um presente que não se conserva.
Tenho tempo, Senhor,
tenho todo o meu tempo,
todo o tempo que me dás,
os anos da minha vida,
os dias dos meus anos,
são todos meus.
Cabe-me preenchê-los
tranquilamente,
calmamente,
mas preenchê-los inteirinhos, até à borda,
para dá-los a ti
— e que, da água sem sabor,
faças um vinho generoso,
como outrora, em Caná,
fizestes para as bodas humanas”⁽⁵⁴⁾.

O que é árduo, não é preencher um ou alguns dos momentos da nossa vida. Difícil é “preenchê-los todos”, e “pre-

(52) *MB*, 11, 409.

(53) *MB*, 12, 383.

(54) QUOIST MICHEL, *Preghiere*, 110.

enchê-los até à borda”: não só os momentos solenes, emocionantes, extraordinários (que são poucos), mas também os ordinários, comuns (que são quase todos).

Temos a doença do insólito

Nesta nossa época, tão condicionados como estamos pelos *mass-media*, perdemos o gosto e o sentido da maravilha pela novidade, e nesta condição corremos o risco de perder o gosto e o sentido da vida. Temos a doença do insólito e do excepcional. Milhões de pessoas que edificam a sociedade cumprindo o seu obscuro dever cotidiano, são tidas em menos conta que a notícia de bandidos que sequestram uma pessoa ou das tolices de uma diva do cinema ou da canção, que anda à cata de publicidade.

Essa visão retorcida da realidade corre perigo de fazer com que vivamos em contínua busca de evasão da nossa vida cotidiana, considerada muito enfadonha por ser normal, e de nos fixarmos num contínuo estado de insatisfação e inquietação, procurando alguma coisa que quebre a monotonia dos nossos dias. Assim em atitude própria de adolescente vivemos a nos iludir “esperando viver”, e paradoxalmente, corremos o risco de nunca viver. Continuamos a viver matando o tempo e o tempo acaba por nos matar.

O serviço salesiano que chamamos de “assistência”

Cabe aqui, parece-me, uma palavra prática e atual sobre uma ocupação, que é de todo característica nossa, que faz parte (ou deve fazer parte) do dia de tantos Salesianos, do seu peculiar serviço cotidiano aos jovens. Trata-se da “presença entre os jovens”, o que em nossa linguagem usual se chama “assistência”.

Essa presença do educador salesiano entre os jovens, como amigo, que — derrubando barreiras de superioridade, idade, cultura — conversa e brinca, discute, corrige, orienta, conforme os casos, é um dos elementos chave da ação e do método educativo de Dom Bosco e da nossa Família.

É verdade: achar-se no meio dos jovens em tantos momentos do dia custa (e pode ser verdadeiro cilício), exige

paciência, perseverança, e sobretudo verdadeiro e sincero amor aos jovens. Talvez seja este o verdadeiro motivo do abandono que se deplora aqui e ali, pelo qual se deixam os meninos sozinhos, privados da presença dos seus educadores, com consequências não positivas certamente.

Bem sei que se procura às vezes justificar essa negligência em nome de certas teorias. Mas a melhor tradição e experiência salesiana, feita de realidades concretas, nos diz e confirma quanta razão tinha Dom Bosco ao escrever aos Salesianos a famosa carta de Roma em 1884. Tenho a impressão de que muitas daquelas advertências do Pai poderiam ser hoje repetidas com proveito em vários ambientes nossos, onde talvez se vá perdendo o sentido da assistência salesiana e com ele algo não acidental da identidade salesiana.

Queria, caríssimos, convidar-vos a reler essa carta, que se acha reproduzida em apêndice das Constituições renovadas. Achareis nela preciosas indicações de pedagogia cristã e salesiana e confirmareis a convicção que tendes da enorme influência educativa, no sentido mais rico da palavra, que o Salesiano pode exercer com a sua presença inteligente, amiga e pastoral, não por certo de polícia, entre os meninos de hoje.

Modos sem conta de perder tempo...

A valorização do cotidiano, de que a assistência é um dos seus tantos aspectos, exige heroísmo. Explica-se, pois, que, num sentido ou noutro, se possa ceder à tentação de evadir, de perder em suma o nosso tempo... E há tantos modos de perdê-lo.

Primeiro, trabalhar pouco

O primeiro modo é precisamente trabalhar pouco. A falar verdade, não vejo que haja hoje esse perigo na Congregação. Por quanto pude ver pessoalmente, de quanto resulta das relações que me chegam de todas as partes do mundo, constato com comoção que me admira, e às vezes até com medo, que os Salesianos são e se apresentam ao mundo como

formidáveis trabalhadores, também quando a saúde exigiria um 'ralentando' no ritmo intenso e vertiginoso da sua atividade. Nas missões e nas escolas, nas paróquias, nos centros de juventude... se perigo há, é o trabalho em demasia.

Infelizmente, porém, pode dar-se o caso de quem, em comparação com este generoso exército de trabalhadores, se abrigue, com desculpas várias, à sombra das próprias comodidades, procurando "quae sua sunt".

Tal "anomalia" é possível quando o indivíduo não é interiormente animado pelo zelo da caridade, que impele a fazer por amor o que outros fazem por necessidade, estimulados pela preocupação do seu ganha-pão. Assim se explica a figura do religioso que se poderia definir como "funcionário". Passadas aquelas determinadas horas de trabalho, recolhe-se para atender aos seus "negócios particulares", sem já ficar disponível para qualquer necessidade, urgência, caridade fraterna pedida pela comunidade.

É uma forma manifestamente injustificável de egoísmo, que denota falta absoluta do sentido de família: o indivíduo vive na comunidade, de cujos frutos goza, não como membro vivo e ativo, mas como estranho.

Segundo, certas viagens e certos estudos

Sempre sobre o tema do trabalho e do tempo (que não é "nosso", mas é tempo a serviço da missão que abraçamos e da comunidade que nos envia) desejo pôr em relevo um ponto que me parece oportuno. Justamente nas Orientações Práticas relativas à renovação da pobreza dos Salesianos, o CGE deliberou que "entra no plano de redimensionamento para este sexênio que os frutos do nosso trabalho se destinem à qualificação cultural, profissional e pastoral dos irmãos, que constituem a nossa única riqueza"⁽⁵⁵⁾.

O mesmo CGE, porém, quando trata da administração dos bens temporais, afirma que os Salesianos "hão de comportar-se como depositários dos bens da Igreja, nunca se permitindo o uso arbitrário deles para proveito próprio",

(55) *Atti del CGS*, n.º 618.

lembrando que “os bens que se administram são fruto valioso do trabalho dos irmãos e sinal palpável da Providência que nos sustenta através da generosidade e dos sacrifícios, por vezes incalculáveis, de benfeitores”⁽⁵⁶⁾. São expressões que os irmãos encarregados de algum estudo jamais deveriam esquecer.

Se a Congregação enfrenta consideráveis ônus financeiros (trata-se, em concreto, dos trabalhos dos irmãos da própria Inspetoria), não é certamente porque o irmão estudante faça estudos de seus gostos pessoais sem levar em conta alguma das necessidades da comunidade e da oportunidade deles, ou porque desperdice tempo e dinheiro em viagens pseudo-culturais, ou tome o luxo de láureas a que se chega somente depois de anos que não se sabe bem como tenham sido empregados. A nossa é uma família pobre, devemos lembrá-lo. E os nossos estudos são em função da missão a que somos enviados.

Terceiro, os “carismas” a serviço de si próprio

Dom Bosco, ouvimo-lo, enumerando os elementos negativos para a vida e para o futuro da Congregação, fala dos que “amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi”. Não creio que seja fora de propósito dizer uma palavra a esse respeito. Pode suceder que se contrabandeie a busca do próprio êxito pessoal como realização de si, ou mesmo como realização dos próprios carismas.

É preciso antes de tudo ter presente que os carismas (na hipótese de que se trate de carismas autênticos, e não de veleidades ou caprichos) são “para serviço da missão” e o seu discernimento e reto exercício é confiado ao “superior ajudado pela comunidade” e não ao indivíduo⁽⁵⁷⁾.

E também não se pode esquecer que “cristãmente” não existe outra maneira de realizar-se senão com o perfeito cumprimento da vontade de Deus. É deixar-se penetrar totalmente pela caridade do Pai, que rompe as barreiras do

(56) *Ib.*, n.º 726.

(57) Cf *Const.*, art 97.

nosso egoísmo para nos tornarmos capazes de uma doação perfeita a Deus e aos irmãos; doação essa que, pela presença em nós do pecado, não pode operar-se na íntima participação do mistério pascal. Mas quem não entra na perspectiva da realização de si, que a fé nos propõe, é natural que mais tenda à busca de si, do próprio êxito pessoal, do que ao cumprimento da vontade de Deus. Nesse caso pode acontecer que o indivíduo achando que o trabalho no âmbito da nossa missão é árduo, difícil, pouco remunerador, também porque é feito em colaboração com os irmãos, sob pretextos especiosos, procure uma evasão, entregando-se a atividades de sua escolha.

Diante de certas situações devemos indagar se a contestação da validade apostólica de alguns dos nossos tipos de obras não deveria com maior lealdade e sinceridade resolver-se na contestação de uma nossa incapacidade, inércia e contra-testemunho. Assim se abandonam as nossas obras juvenis, para dedicar-se, por exemplo, sem verdadeira necessidade, sem ter recebido encargo de quem pode dar, muitas vezes sem suficiente preparação, a pequenos grupos, de preferência femininos, com resultados muitas vezes bem discutíveis, com empenhos e horários que além do mais, comprometem sem verdadeiro motivo, outros empenhos sérios da vida comunitária e religiosa. Estes fatos se tornam ainda mais graves, em se tratando de irmãos em formação.

Abandonam-se assim os jovens das obras cuja responsabilidade nos cabe, para procurar fora de casa um apostolado do próprio gosto, menos empenhativo e mais satisfatório. Abandonam-se também os humildes, os pequenos, os pobres de cultura, de fé, de meios econômicos, para se voltar ao grupo que aceite falas e encontros sobre argumentos que estão na moda, sobre o subdesenvolvimento, ou sobre a fome no mundo, ou sobre o sexo, ou sobre o compromisso político, sem olhar para lugares, horas, pessoas, situações... Há disposição para colaborar com todos, menos com os próprios irmãos; prestamo-nos ao primeiro que se nos oferece para os serviços mais alheios à nossa missão e ao nosso estilo, mas fazemos mil dificuldades e alegamos mil pretextos para o menor trabalho que nos pedem na comunidade.

Poderíamos alargar o elenco de exemplos dessas evasões, mas penso que o que se apresentou baste para um

sério exame de consciência. Também aqui, caros irmãos, devemos convencer-nos de que qualquer apostolado não na linha da nossa missão, não sufragado pelo beneplácito cordial da própria comunidade (que muitíssimas vezes é obrigada a aceitar “pro bono pacis” o fato consumado) não concorda com a vontade de Deus, e como tal será o que se quiser, mas “apostolado” já não é. O apóstolo é enviado por Deus; nestes casos que deploramos, é o indivíduo que se envia a si próprio e representa-se a si mesmo. É coisa bem mesquinha.

Quarto, o trabalho sem alma

Diria mais nua e crucialmente: pode haver entre nós quem acabe por fazer um trabalho puramente profano; a saber, quem trabalha, e às vezes muito, mas sem a preocupação de evangelizar. Por exemplo, dá-se aula, e mesmo com competência, mas no modo de fazer, em tudo o que se diz e faz, não transparece a fé: um ateu poderia fazer a mesma coisa. Para dar aula desta maneira, não teria muito sentido, ter-se um feito religioso. E semelhante atitude, compreensível numa pessoa do mundo, tornar-se-ia simplesmente escandalosa em quem publicamente fez a profissão religiosa, e na Congregação Salesiana.

A mentalidade profana, hoje, pode penetrar também em outros tipos de atividades que de per si deveriam ser especificamente religiosas. Pode-se, por exemplo, fazer uma catequese “leiga”, na qual quem toma parte é iniciado não na fé cristã, mas numa ideologia puramente humana que se contrabandeia como cristianismo. E para fazê-lo não se tem escrúpulo algum de mutilar, falsificar, instrumentalizar a Palavra de Deus, enganando as consciências.

Até as celebrações litúrgicas não ficam isentas dessas contaminações. Para alguns a celebração em vez de ser o lugar de encontro com o Cristo e no Cristo com os irmãos, pode-se degradar em liturgia da amizade, ou em lugar de discussão, quando não se torne o lugar da contestação e da acusação. Por pouco que se pense no mistério que se celebra na ação litúrgica, não há quem não veja o absurdo desorientador de tais celebrações.

Mas há algo de interesse mais amplo sobre este argumento e toca não tanto as pessoas como as comunidades.

6. O ESCOPO DO NOSSO TRABALHO: EVANGELIZAR

Penso que todos estejam de acordo, ao menos em linha de princípios, que todo o nosso trabalho, mira como à sua meta à evangelização, que abrange a educação e a formação cristã. Naturalmente, para atingir essa meta, devem-se ter em conta inúmeros elementos (lugares, pessoas, classes, idades etc.) que fazem parte da “pedagogia da evangelização”. Isso, porém, não nos deveria levar a limitar ou reduzir o nosso trabalho somente à promoção humana, cultural, social, como infelizmente pode às vezes acontecer.

Esse fenômeno desorientador, que esvaziaria de sentido a nossa missão, tem suas causas certamente. Uma é, diria, de natureza ideológica: a missão essencial e principal da Igreja hoje (e, por isso, a nossa missão) seria a “liberação do homem dos males deste mundo”. A Igreja em plano mais amplo e universal, e a Congregação no CGE, respondem que as duas ações não se excluem, mas devem proceder harmonicamente. O CGE cita a propósito a fórmula feliz do Diretório Catequético Geral: “Evangelizar civilizando, e civilizar evangelizando”⁽⁵⁸⁾.

Devemos então perguntar em concreto que é que se faz em cada uma das nossas obras para realizar esta nossa missão essencial, conforme as exigências hodiernas e especialmente perante as dos jovens. Convém recordar precisamente que o CGE fez da evangelização e da catequese o elemento central da nossa missão: não ao acaso lhe destinou dois ricos documentos, o II (Evangelização e Catequese), e o IV (Renovação pastoral).

Hoje com razão se fala de corajosas aberturas, de profundas renovações, de novas experiências, de qualificação e de requalificação dos Salesianos. Ótimo! Mas não é propriamente nestes setores que nos devemos renovar, atualizar e pôr na vanguarda ?

(58) *Atti del CGS*, n.º 276.

Convido-vos a reler o III e IV documentos com as relativas “Orientações práticas”: nesta linha é que devemos “avançar” com coragem e criatividade construtiva, se quisermos realmente levar Cristo às novas gerações. O rendimento deve visar a tornar concretamente possível hoje a adequação da Congregação ao mandato de evangelização que se insere na sua mesma vocação.

Aqui vos refiro três pensamentos “fortes” que vos servirão certamente de estímulo para realizar nos inúmeros setores das nossas atividades apostólicas essas urgentes e “novas presenças” evangélicas.

1. “Para o Salesiano, uma juventude sem Cristo e um Cristo que não encontra lugar entre a juventude, além de constituir um remorso, é um desafio e um incitamento à renovação, a procurar novos caminhos para tentar tudo, *contanto que se anuncie eficazmente a salvação de Deus* ⁽⁵⁹⁾.

2. “A nossa renovação estará na linha traçada pela Igreja, que procuraremos levar a efeito com o realismo pedagógico de Dom Bosco, expresso nestas palavras simples: *“Formar cidadãos honestos e bons cristãos”* ⁽⁶⁰⁾.

3. “Os Salesianos... consideram a catequese juvenil como a primeira atividade do apostolado salesiano. Pede, portanto, que sejam revistas e reorganizadas todas as obras em função prevalente da *formação do homem para a fé*” ⁽⁶¹⁾.

Que importância damos à catequese?

Num plano prático e imediato, a propósito da catequese, podemos propor-nos alguns quesitos que nos farão avaliar qual a situação em nossos respectivos ambientes.

Que importância damos à catequese em plano inspetorial e local? Em que ponto estão as deliberações do Capítulo Inspetorial Especial sobre este argumento? Que iniciativas

(59) *Ib.*, n.º 306.

(60) *Ib.*, n.º 316

(61) Em *Atti del Capitolo Generale XIX*, n.º 187; citato em *Atti del CGE* al n.º 229.

concretas se tomam para tornar a catequese instrumento eficaz de evangelização? A quem é ela confiada nas várias obras? Que preparação remota e próxima se lhe dá? Que métodos e subsídios se usam? Que plano se realiza na Inspeção em vista de preparação atualizada dos homens para este serviço?

Mas pode-se ainda acrescentar: a Palavra de Deus, a Eucaristia, que parte e presença têm em nossa ação formativa dos jovens e em geral das almas de que somos responsáveis?

Bem sei, e é motivo de grande consolação, que em muitos lugares faz-se trabalho inteligente e generoso, para dar especialmente aos jovens o pão nutritivo que precisamos hoje. Quereríamos fosse assim em toda a parte.

Ai de mim se não evangelizar!

Uma comunidade onde os destinatários da nossa missão, por negligência, ou pior por falsas ideologias dos educadoras, ficassem sistematicamente privadas do alimento da Palavra de Deus, da Eucaristia, do sacramento da Reconciliação não se poderia reconhecer como salesiana. Penso em nosso Pai, que, não só quando estava no Oratório, mas onde quer que se achasse, no trem ou na praça pública, perante as autoridades ou em meio aos presos, sempre sabia “evangelizar”. Como a Dom Bosco deve ressoar aos nossos ouvidos estimulantes e viva a palavra de Paulo: “Ai de mim se não evangelizar!”.

Não desconheço dificuldades de várias espécies que se opõem hoje à nossa ação evangelizadora. Diz-se por exemplo: como faremos, quando temos milhares de meninos com tantos turnos de aulas que se sucedem e nem deixam respirar? Responderei com uma pergunta. Visto que a finalidade da nossa missão não é escola nem esporte, mas evangelização, quanto de vida cristã conseguimos fazer que incida nestas turbas de meninos que se alternam por algumas horas apenas em nossa instituições?

Parece-me que não podemos eludir esta pergunta. Em todo caso devemos perguntar-nos: que é que poderemos fa-

zer nestas situações para realizar de fato a missão à qual consagramos nossa vida?

A presença de leigos devidamente preparados e conscientes de que são colaboradores ativos no trabalho de educação cristão e salesiana, serviria certamente para facilitar a solução do problema. Mas é preciso cuidar, e seriamente, desses colaboradores que, graças a Deus, se encontram e se mostram disponíveis.

Também cuidar dos pais, que se tornam colaboradores sob tantos aspectos, serve para completar o nosso trabalho.

Compreendo, porém, que para exercer uma ação eficaz de educação cristã, qual a que hoje especialmente se requer, não bastam as poucas horas de aulas. As atividades para-escolares, pós escolares, extra-escolares (recreativas, culturais, religiosas etc.) são reconhecidas como da maior importância com fins de verdadeira incidência pastoral e educativa. É coisa sabida que em muitas nações o Governo torna obrigatórias tais atividades nas escolas, encarregando delas os próprios professores.

Ora, caríssimos, queria dizer-vos eu: em muitas das nossas obras fecharam-se os internatos; não somente isso, as atividades escolares têm lugar antes do meio-dia, deixando a tarde inteirinha livre. Ora, livres dos trabalhos do internato e das aulas, que atividades educativas e religiosas se exercem nas horas pós-meridianas a favor dos jovens dos externatos? E acrescentaria: dos centros juvenis, dos oratórios? Como é que se emprega apostolicamente tanto tempo livre?

Não só isso. Em muitas nações, com o sábado e o domingo que se tornaram dias de completa vacância escolar, a que apostolados se entregam os Salesianos, na linha da nossa missão? Devemos responder com sinceridade e realismo a essas perguntas.

Sei que há mil e uma necessidades de trabalho apostólico, que realmente muitos irmãos encham ativamente esses dois dias, sentindo-se ainda mais sacerdotes e mais salesianos. Mas seria coisa bem triste se se devesse constatar que há também Salesianos que passam, como burgueses autênticos, em férias totalmente profanas, o seu "week-end"!

Quantas almas necessitadas de um bom samaritano se deixam abandonadas! Quantos irmãos já empenhados pedem auxílio para esses dias! Como é que se podem deixar desatendidos?

Tempo livre não seja tempo perdido

Também para o Salesiano, evidentemente, há e deve haver momentos de folga. Dom Bosco, santo realista, tão sensível ao humano, sabe que arco retesado é arco quebrado. Mas também no momento do descanso quer que os seus não fiquem ociosos. E para Dom Bosco “ociosidade” é não ser dono do tempo que se tem, é deixar-se dominar pelas coisas, é deixar-se arrastar pela corrente. Quer pelo contrário que o descanso dos seus Salesianos seja um descanso “ativo”: mais uma troca de ocupações do que pausa de trabalho e atividade.

Talvez melhor ainda que descrições abstratas, podem dar-nos idéia do como Dom Bosco entendesse o uso do tempo livre os originalísimos e poéticos passeios de férias de outono; eram um misto de apostolado, enriquecimento cultural, viagem cheia de aventuras, de que seus filhos eram alternativamente atores e espectadores e tudo repassado da alegria serena que Dom Bosco sabia infundir em todas as coisas.

Também o tempo livre do Salesiano não deve por isso ser ou tornar-se tempo “perdido”. Penso, por exemplo, quão enriquecedoras poderiam tornar-se as férias para a requalificação, atualização dos irmãos em inúmeros setores de nosso particular interesse. Sei que não poucas Inspetorias programaram e organizaram com ótimo êxito iniciativas de cursos articulados de várias maneiras, que resultaram utilísimos, despertando geral satisfação. Avante! . . .

Mas as férias se transformam em tempo perdido quando se tornam quebra não só das nossas ocupações ordinárias, mas também da vida concebida como empenho, que para nós se caracteriza como empenho religioso. Hoje, por causa do sentido de secularismo e relativismo que se respira sem se perceber, pode surgir a tendência de entender o

momento do repouso necessário, da distensão, como o momento da evasão, como parêntesis (pequeno ou grande, pouco importa), e às vezes como quebra da própria consagração e compromissos que ela sempre encerra e que não podem admitir parêntesis de espécie alguma.

Queria, caros irmãos que se tomasse consciência da gravíssima contradição que essa atividade viria a denunciar. Em tal hipótese a vida religiosa torna-se só um passo procura-se torná-la tolerável com a periódica evasão no paraíso perdido do “mundo”, a que não se sabe nem se quer renunciar. Realmente nesta situação a identidade do religioso já se desgastou e vive-se inconscientemente uma vida dupla.

Eis então as férias que somente um verdadeiro “burguês” pode ter: longas, em lugares e ambientes impregnados de mundanidade, com viagens compridas e dispendiosas, e companhias e encontros não desprovidos de certa ambiguidade. Assim se explica a participação em espetáculos, divertimentos que são absolutamente incompatíveis com a nossa profissão de consagrados, talvez até de cristãos.

De aqui a busca de relações femininas, que na hipótese mais otimista, tocam as raias da acrobacia, mas sem a rede, de quem pretende não acabar em quedas humilhantes.

De aqui a leitura de livros, revistas, jornais em nada construtivos e tranquilizadores, que com o tempo acabam fatalmente por embotar o senso moral, ou (é o menos que possa acontecer) acabam por estruturar uma mentalidade e depois um modo de pensar e sentir de todo contrastando com os valores que professamos e de que quereríamos ser testemunhas coerentes.

Espero e rezo para que estas hipóteses, que por certo não são positivas, fiquem só e sempre no estado de hipóteses, e que todos os Salesianos sintam realmente dia por dia que a “consagração a Deus é coisa séria, é dignidade singular que implica um empenho total. Não podemos viver na mediocridade ou no compromisso condicionado. Doutra sorte renunciaremos de fato à inteireza da doação e à perfeição da castidade em honra de Deus e nos resignamos a um celibato descolorido”⁽⁶²⁾.

(62) VOILLAUME RÉNÉ, *La vita religiosa nel mondo attuale*, 178.

Sejamos Salesianos de tempo integral

Caríssimos, começamos com o “tempo livre”, mas facilmente o assunto nos levou longe. Somos realmente Salesianos de “tempo integral”, no sentido que os empenhos que assumimos quando oferecemos a Cristo um coração íntegro e indiviso, nos acompanham em todos os momentos da nossa vida.

Propriamente esta diação vivida sem parêntesis, sem reservas nem recúos, na clareza e radicalmente é que fará de todo o tempo posto por Deus Nosso Senhor à nossa disposição, um tempo de jubilosa e construtiva liberdade, para nós e para os irmãos.

Conclusão

Como pudestes verificar, o argumento desta carta, condensação das duas palavras pragmáticas trabalho-temperança, tem tantos reflexos e ricochetes que nos fizeram tratar de valores fundamentais da nossa vida de Salesianos “consagrados a uma específica missão”. Esses valores, vimos, exigem de cada um de nós atitudes concretas que em certo sentido marcam e caracterizam a nossa identidade, a identidade que Dom Bosco lhe imprimiu. Essa identidade queremos manter pura, sem rugas, sem manchas, para continuar entre as novas gerações a missão que a Providência confiou à nossa Congregação.

Para esse fim convidamos a retornar, também comunitariamente a estas páginas para um prático exame e confronto. Será bom para todos.

Sirvam-nos de estímulo neste esforço não só o exemplo dos Salesianos que nos precederam, mas também o exemplo maravilhoso de inúmeros irmãos nossos, grande e humildes, algumas vezes bem anciãos; esses irmãos nas situações mais diversas, heróica e escondidamente, realizam com simplicidade, vivendo-a todos os dias com amor que é igual à generosidade, a palavra que o Pai ainda repetia ao Pe. Fagnano para os seus filhos de ontem e de sempre: “Lem-

bra sempre a todos os nossos Salesianos o monograma que adotamos: “labor et temperantia”. São duas armas com as quais chegaremos a vencer tudo e todos” (63).

Aceitai, peço-vos, a minha saudação fraterna que desejo chegue pessoalmente a cada um.

Encontremo-nos unidos na oração.

PE. LUIS RICCERI

Reitor-Mor

(63) CERIA EUGENIO, *Epistolario*, Lettera a mons. Fagnano del 14.10.1877.

III. COMUNICAÇÕES

2. Estréia para o ano de 1975

Para o ano de 1975, que assistirá à celebração do Ano Santo e à abertura do Centenário das Missões Salesianas, o Reitor-Mor dirigiu à Família Salesiana uma "Estréia" inspirada no duplo acontecimento. Eis o seu texto:

**À luz do Centenário das Missões Salesianas
a Família de Dom Bosco,**

**correspondendo com afeto filial ao convite do Papa para
o Ano Santo, compromete-se a viver em plenitude o ano
de 1975 como ano**

de CONVERSÃO A DEUS

**redescobrimo os valores da vocação cristã e
salesiana;**

**de RECONCILIAÇÃO COM
OS IRMAOS**

em comunhão de fé, amor e ação apostólica;

de EVANGELIZAÇÃO

inspirando-se no "projeto missionário"

indicado a Dom Bosco pela Virgem Auxiliadora.

A fim de favorecer na Família Salesiana o empenho em viver os valores de "conversão, reconciliação, evangelização", o Reitor-Mor difundiu em setembro, juntamente com a Estréia, uma "Carta à Família Salesiana". Foi ela enviada aos Inspetores, aos Diretores dos Boletins Salesianos e a outras pessoas interessadas.

2. Três documentos de orientação do Conselho Superior

Na sessão de verão o Conselho Superior publicou três documentos diretivos de argumento e amplitude diversos.

Em 24-7-1974 foi enviado aos Inspectores e irmãos “formadores” um documento intitulado “*As primeiras etapas da Formação Salesiana*”. Preparado pelo Dicastério da formação e aprovado pelo Reitor-Mor com seu Conselho, contém diretivas e orientação acerca da preparação imediata do Noviciado, ao mesmo Noviciado, e ao período dos votos temporários.

Em 27-7-1974 o Reitor-Mor enviou aos Inspectores carta sobre um assunto que — como escreveu — “é motivo de muito sofrimento para todos”: “*Os irmãos que abandonam não só a Congregação mas também o sacerdócio*”.

Em 27-7-1974 foi aprovado um breve documento contendo “*Especificações e orientação para os Capítulos Inspeccionais de 19675*”. Enviaram-no os Conselheiros aos seus Inspectores acompanhado de carta com indicações particulares para cada Região.

Estes documentos, estão transcritos, para informação dos irmãos, na seção própria deste fascículo.

3. Constituída a Delegação do Vietnam

Com um decreto o Reitor-Mor erigiu as Casas salesianas do Vietnam em Delegação especial.

Na seção “Documentos” damos o texto do decreto, que esclarece os motivos da decisão e determina a figura jurídica da nova Delegação.

4. Nomeações

O Reitor-Mor nomeou *Inspectores* os Irmãos:

- P. BERNARDO HIGGINS para a Inspeccoria inglesa;
- P. MÁRIO JIMENEZ para a Inspeccoria de Bogotá (Colômbia);
- P. MIGUEL PRAPHON para a Inspeccoria Thailandesa;
- P. JORGE SOSA para a Inspeccoria do Peru;
- P. JOÃO WAN para a Inspeccoria de Hong Kong.

O Reitor-Mor também nomeou seu *Delegado para a Delegação do Vietnam* o P. LUÍS MASSIMINO.

Por fim nomeou *Reitor Magnífico da Pontifícia Universidade Salesiana* o P. PEDRO BRAIDO.

5. Falecimento de dois Bispos salesianos

Dia 31 de maio deste ano faleceu em Pico Truncado (Argentina) Dom Maurício Magliano, Bispo de Rio Gallegos. Um seu breve perfil vem traçado no Necrológio deste fascículo.

Aos 14 de agosto faleceu também, em Carpina (Pernambuco, Brasil), Dom Antonio de Almeida Lustosa, ex Arcebispo de Fortaleza. Contava 88 anos de idade e 60 de sacerdócio. Foi Bispo residencial de 1924 a 1963.

6. Iniciativas para o Centenário das Missões Salesianas

Estão sendo preparadas para o ano centenário das Missões Salesianas uma série de iniciativas, com as quais nossa Família pretende celebrar de modo condigno esse acontecimento tão relevante na história da Congregação.

O princípio que deve animar estas iniciativas será não tanto lançar um olhar de satisfação sobre o passado (mesmo sabendo-se o muito que conseguiram realizar no campo missionário os irmãos que nos precederam), mas principalmente obter desse glorioso passado lições e ensinamentos para o futuro, e de modo especial promover para este futuro um renovado e concreto empenho de evangelização.

Nos Atos do próximo janeiro de 1975 o Reitor-Mor com sua "carta" enfrentará difusamente o tema do Centenário, apresentando as iniciativas a serem desenvolvidas, mas desde agora é possível traçar um primeiro quadro embora não definitivo.

Algumas são iniciativas de caráter cultural; outras dizem respeito mais diretamente à atividade pastoral nas Missões; outras ainda concernem à animação do que se poderia chamar a nossa "frente interna".

INICIATIVAS CULTURAIS. O "Centro de Estudos de História das Missões Salesianas", instituído pelo Reitor-Mor no início de 1973 junto à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Salesiana em Ro-

ma, está preparando com o auxílio de diversos Salesianos (missionários e especialistas) uma série de obras científicas que serão de garantido interesse e utilidade não só para nossa Família. Algumas obras estão em vésperas de próxima publicação.

Sobressaem no longo elenco dois volumes de "Miscelânea de estudos missiológicos, históricos, etnográficos, estatísticos etc." que compreendem o período 1875-1975. Dois outros volumes apresentarão "Os Inícios das Missões Salesianas na Argentina". Também foram recolhidos os escritos (memórias, diários etc.), e preparadas as biografias de algumas figuras de destaque. Também em preparação uma "Bibliografia geral das Missões Salesianas" e um "Índice bibliográfico do Boletim Salesiano".

Outra iniciativa notável em nível cultural será a fundação de um Instituto Teológico em Shillong (Índia Oriental), a que se espera acrescentar em Roma a abertura de uma Cátedra de Missiologia junto à Pontifícia Universidade Salesiana.

Prevê-se também reforma e enriquecimento de alguns Museus missionários já em funcionamento.

AS INICIATIVAS DE PASTORAL MISSIONÁRIA também são várias. Junto à Direção Geral está programado para 1975 um "Curso de Informação permanente" reservado aos missionários. A "Semana de Espiritualidade" para toda a Família Salesiana a se desenvolver durante o ano centenário, será dedicada ao tema das missões, e apreciará a presença de Missionários e de leigos não salesianos empenhados em nossas missões.

Esperamos a realização de um "encontro" dos Bispos missionários salesianos, para uma troca de experiências e para uma colaboração mais eficaz entre Congregação, Bispos e Missionários.

Dar-se-á uma especial consistência à "Expedição missionária do Centenário", de tal modo que exprima adequadamente a solidariedade, em homens e recursos, da Congregação para com as Missões. Essa expedição terá como fins específicos reforçar algumas missões já existentes com particular urgência de auxílio, e de criar alguma nova presença (nova não somente em sentido geográfico, mas também como modalidade de ação pastoral).

AS INICIATIVAS DE ANIMAÇÃO da frente interna dirigir-se-ão tanto ao campo juvenil como ao dos Cooperadores e Ex-alunos, e naturalmente aos Salesianos (de modo especial aos irmãos jovens).

Já se acham em preparação no Centro vários subsídios. Já foi lançado o Concurso para o manifesto do centenário (cf ACS n.º 275);

e estão sendo elaborados alguns documentários filmados a cores, realizados por equipes de irmãos na Ásia, África e América Latina.

Também em preparação um volume comemorativo do Centenário, que com o texto e com uma rica série de fotos traçará a vasta panorâmica das Missões salesianas de ontem e de hoje; o trabalho, de caráter divulgativo, sairá em cinco línguas (e o recomendamos para a animação missionária). Serão da mesma maneira editadas em língua italiana uma História das missões salesianas e uma Antologia de rápidos perfis missionários, sempre em caráter de divulgação.

Do Centro receber-se-ão propostas e subsídios, mas não os programas com detalhes para as diversas situações. Cabe às Inspetorias, às várias comunidades e a cada irmão inventar, programar e realizar, com o entusiasmo criativo próprio de Dom Bosco e da tradição salesiana, e com as múltiplas possibilidades que os nossos tempos proporcionam.

Falta ainda um ano para a data centenária, que será comemorada pelo Reitor-Mor em novembro de 1975 em Turim, de onde partiram os primeiros Missionários de Dom Bosco. Um ano de preparação, portanto, que com a solícita adesão de todos poderá levar a Família Salesiana a renovar felizmente o seu empenho pelas Missões.

7. Rumo ao Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores

Com o aproximar-se do Encontro Mundial marcado para agosto do próximo ano, prossegue mais intenso o trabalho da preparação. Damos a este respeito algumas notícias e recomendações.

OS ENCONTROS REGIONAIS. No período julho-setembro de 1974 realizaram-se regularmente em todo o mundo salesiano os diversos Encontros Regionais e Inter-Inspetoriais. Deles esperamos uma válida contribuição de idéias, propostas, e iniciativas.

A Comissão central agora aguarda receber as Atas relativas a esses Encontros e solicita sua remessa.

OS DELEGADOS AO ENCONTRO MUNDIAL. Começam a chegar à Comissão Central os nomes dos Delegados Inspetoriais ao Encontro Mundial, eleitos de acordo com as indicações em tempo enviadas pela Comissão Geral aos Inspetores e às Comissões Inspetoriais (Doc. CMSC 021, de 15-4-1973). Convidamos os responsáveis pelas Secretarias Inspetoriais, que ainda não o tivessem feito, a enviarem direta-

mente à Comissão Central os nomes do respectivo Delegado e de seu Suplente.

Também nos Encontros Regionais foram eleitos os Delegados Regionais e seus Suplentes: da mesma forma sejam estes nomes enviados quanto antes à Comissão Central.

A PRÓXIMA REUNIÃO DA COMISSÃO CENTRAL. Reúne-se esta Comissão no dia 26-10-1974 na Casa Generalícia para estudar a organização do Encontro Mundial em seus detalhes. Estarão em pauta os seguintes assuntos: regulamento, programa-horário, encargos diversos para a preparação e desenvolvimento, material e subsídios necessários, idiomas (traduções verbais e escritas).

Estão previstos outros encontros para mais tarde.

SUGESTÕES E PROPOSTAS. Para aproveitar a experiência dos precedentes Encontros e contribuir para o bom êxito do Encontro Mundial, a Comissão Central acolherá prazerosamente sugestões e propostas feitas pelas Comissões preparatórias dos Encontros Inspeitoriais e Regionais e de qualquer dos irmãos.

UM PRIMEIRO BALANÇO. Um primeiro e sumário balanço do trabalho realizado até agora nos indica que em todos os lugares da Congregação acha-se realmente encaminhado aquele processo de “redescoberta e reatualização” do Salesiano Coadjutor, desejado pelo Reitor-Mor” para uma fidelidade melhor ao projeto de Dom Bosco e um aprofundamento do nosso ‘ser comunitário’ de Salesianos”.

O Encontro Mundial levará para frente com certeza este aprofundamento, mas as diversas Inspeitorias não terminaram ainda seu dever: agora devem prosseguir na ação assumida de “sensibilizar e mentalizar”, favorecendo também iniciativas de oração para este fim.

8. O Segundo Curso de Pastoral Juvenil Latino-Americana

Realizou-se em Chosica (Peru) de 5 a 24 de agosto p.p., com a presença de 63 Salesianos, em sua maioria Delegados Inspeitoriais para a Pastoral Juvenil, Vocacional e Escolástica.

O curso pretendia ser uma primeira resposta, a curto prazo, à necessidade de uma maior preparação para enfrentar hoje os deveres da evangelização. Presidiu-o o Conselho para a Pastoral Juvenil P. Juvenil Dho, que também participou das instruções. Em 132 horas de trabalho, entre lições e seminários (oito horas por dia), seis docentes

universitários arrostaram as problemáticas juvenis subdivididas em dez disciplinas.

As preocupações do curso — o segundo após o de 1969 — voltavam-se para a situação concreta da juventude latino-americana, como transparece deste trecho de reflexões sugerido entre as conclusões: “Nós Salesianos da América Latina realizamos nossa pastoral juvenil inseridos em um processo de transformação do Continente Latino-Americano que se caracteriza fundamentalmente por uma situação de marginalização e dependência, e por potencial humano em maioria juvenil.

“Devemos nos capacitar de que toda a pastoral deve ser baseada a partir desta realidade histórica, sob pena de nos marginalizarmos e perdermos de vista o conjunto; ou — o que seria pior — aderirmos aos fatores que impedem o processo de libertação.

9. Multiplicam-se os Cursos de Formação Permanente

Prossegue em Roma e se propaga em outras partes do mundo salesiano a iniciativa dos “Cursos de Formação Permanente” expressamente desejados pelo Capítulo Geral Especial.

No Salesianum de Roma de 19 de outubro deste ano até à metade de fevereiro de 1975 será realizado o terceiro Curso quadrimestral em programa. Destina-se prevalentemente aos irmãos da Região de língua inglesa, e acolherá outros irmãos até o número limite de 35. Outros Cursos no Salesianum para 1975, destinados aos Missionários e aos Salesianos Coadjuutores, estão por ora em fase de estudo.

Entretanto Cursos da mesma natureza estão sendo projetados nas várias Regiões e mesmo algum já foi realizado. Em julho-agosto tivemos um em Guatemala, para 38 Salesianos Coadjuutores da Região Pacífico-Caribe. Nessa mesma Região constituiu-se um “Centro de Formação Permanente” (cf. p. 94).

Distinguiram-se duas iniciativas na Espanha: em Salamanca está sendo ministrado um Curso para Salesianos Coadjuutores (desenvolvido em três anos, e se acentua sobre a formação teológica); a outra iniciativa é o Curso de Formação Permanente que ladeia os cursos de Pastoral Juvenil em andamento no Instituto Martí-Codolar de Barcelona.

Também a Conferência Inspetorial e os Inspectores do Prata (Argentina, Uruguai e Paraguai) estudam iniciativas análogas.

É significativo que nos Cursos que se desenvolvem no mundo salesiano se encontrem empenhados vários irmãos que frequentaram os Cursos do Salesianum de Roma: estes cursos tinham exatamente em mira — entre outras coisas — preparar futuros “multiplicadores” desta que se pode bem chamar de forte e benéfica experiência espiritual.

10. O “Curso Missionário Salesiano” para a expedição de 1974

De 8 de setembro a 7 de outubro de 1974 desenvolve-se na Casa Generalícia o “Curso Missionário Salesiano”. Deste curso, organizado pelo Conselho das Missões Salesianas e dirigido pelo P. Antonio Altarejos, participam uns quinze irmãos que vão formar com outros a expedição missionária 1974, a 104.^a da extensa série iniciada por Dom Bosco.

Os futuros missionários durante o curso assistem pela manhã a lições de Missiologia ministradas no “Colégio Espanhol” por qualificados docentes de universidades católicas, e à tarde participam de “Colóquios práticos sobre argumentos salesianos”, dirigidos por Superiores e peritos da Casa Generalícia Salesiana.

Dia 2 de outubro têm programada a Audiência Pontifícia, dia 5 farão uma visita ao “Colle Don Bosco”, e no dia seguinte haverá a “Função de despedida aos missionários” na Basílica turinesa de Maria Auxiliadora.

11. Solidariedade fraterna (14.^a relação)

Solidariedade Fraterna se aproxima dos visados 300 milhões de liras, sinal que não poucos irmãos levaram a sério — também nisto — a recomendação das nossas Constituições. “Partilhamos fraternalmente tudo o que temos, em generosa solidariedade com as casas e as inspetorias da Congregação e com as necessidades da Igreja e do mundo” (art. 84).

Muitas vezes são os pobres que ajudam os pobres, as Inspetorias pobres que sentem a necessidade de ajudar Inspetorias ou obras consideradas ainda mais pobres. Por exemplo, em junho passado um Inspetor das missões da África escreveu: “Mandei transferir um milhão de liras à Inspetoria da Bolívia, dentro do espírito de Solidariedade Fraterna Salesiana. Uma Inspetoria pobre ajuda outra, em re-

conhecimento à Congregação, por todos os auxílios que ela também recebeu”.

Um Inspetor da Ásia: “Participando ativamente da Solidariedade Fraternal, queremos nos sentir de qualquer modo corresponsáveis por trabalhos, privações, dores, alegrias e esforços de tantos nossos irmãos colocados em situações mais difíceis e dolorosas que as nossas”.

As vezes são graves desgraças ou cataclismas, que golpeiam populações inteiras, a estimular a generosa iniciativa dos irmãos. “Recebemos notícias dolorosas, alarmantes, do estado de extrema miséria e de fome de inumeráveis irmãos nossos da África — escrevia em abril deste ano ao Reitor-Mor um Missionário da América Latina, por sua vez muito necessitado de ajuda; e prosseguia: — Peço-lhe portanto que me permita passar-lhe o dinheiro recolhido para minha missão, a fim de dispor dele como achar melhor, com a urgência exigida, em auxílio a Cristo na pessoa daquela pobre gente. É uma ajuda de pobres a irmãos mais pobres ainda”.

a) INSPETORIAS CUJAS DÁDIVAS JÁ FORAM RECEBIDAS

ITÁLIA

Ligure	Liras	1.000.000
Romana		3.500.000
Sícula		670.000
Vêneta de São Marcos		5.150.000

ÁFRICA

África Central		1.000.000
----------------	--	-----------

AMÉRICA

Antilhas		1.876.500
Argentina, Bahía Blanca		2.600.000
Bolívia		680.000
Brasil, Porto Alegre		1.500.000
Centro América		1.995.000
Equador		202.000

México, Guadalajara	107.200
Estados Unidos, New Rochelle	2.722.510
Estados Unidos, São Francisco	665.000
ÁSIA	
Índia, Madrastra	850.000
Japão	1.396.500
Oriente Médio	270.000
<i>Total de dádivas recebidas entre 10 de junho e 12 de setembro de 1974</i>	26.184.710
<i>Em caixa anteriormente</i>	1.366.789
<i>Total disponível em 12 de setembro de 1974</i>	27.551.499

b) DISTRIBUIÇÃO DAS QUANTIAS RECEBIDAS

EUROPA

Itália, Codigoro: paramentos para uma paróquia pobre	200.000
Jugoslávia, à Inspetoria de Lubiana (da Inspetoria de São Marcos)	500.000
Jugoslávia, Lubiana: bolsa para um Curso de Formação Permanente	500.000
Jugoslávia, Zagreb: bolsa para um Curso de Form. Permanente	500.000
Polónia, Norte: bolsa para um Curso de Formação Permanente	500.000
Polónia, Sul: bolsa para um Curso de Formação Permanente	500.000

ÁSIA

Bangladesh: ao Card. Rossi para os flagelados	2.000.000
Filipinas: bolsa para um Curso de Form. Perm.	500.000
Japão: paramentos para capela de missão	250.000
Índia, Gauhati: para favorecer a agricultura em Malligaon	

Índia, Gauhati: bolsa para um Curso de Mestres de Noviciado	135.000
Índia, Madrastra: ao Arcebispo (da Inspeção do Japão)	400.000
Índia, Madrastra: bolsa para um Curso de Mestre de Noviciado	135.000
Índia, Madrastra: para a constr. de um dispens.	1.500.000
Índia, Madrastra: para restauração da residência missionária de Arni	2.000.000
Coreia do Sul: bolsa para um Curso de Mestres de Noviciado	135.000
Thailândia: bolsa para um Curso de Mestres de Noviciado	135.000
Vietnam: bolsa para um Curso de Mestres de Noviciado	135.000

ÁFRICA

Inspecção África Central: bolsa para um Curso de de Noviciado	135.000
---	---------

AMÉRICA

Bolívia: bolsa para um Curso de Form. Perman.	500.000
Bolívia (da Inspeção da África Central)	1.000.000
Brasil, Manaus: para promoção vocacional e obras sociais da paróquia São José Operário	500.000
Brasil, Humaitá: para estada em hospital de um missionário	489.000
Chile: cinco bolsas para Cursos de Form. Perman. e Mestres de Noviciado	2.135.000
Colômbia, Contratación: para o leprosário	2.000.000
Colômbia, Bogotá: bolsa para um Curso de Formação Permanente	500.000
Equador, Mendez-Limón: à missão para um gerador de electricidade	1.500.000
Guatemala: para a Obra Social	1.500.000
Nicaragua, Managua: petrechoamento do Centro Juvenil	1.000.000

Paraguai, Assunción: para expedição de material à Escola Profissional	1.000.000
Paraguai: bolsa para um Curso de Form. Perman.	500.000
Peru, Lima: petreçamento do Centro Catequético.	1.000.000
Uruguai: bolsa para um Curso de Mestres de Nov.	135.000
Uruguai (da Inspeção de Bahía Blanca)	2.600.000
	<hr/>
<i>Total distribuído</i> (10-6 a 12-9 de 1974)	27.519.000
<i>Saldo restante</i>	32.499
	<hr/>
<i>Total em liras</i>	27.551.499

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNA

<i>Quantia recebida até 12 de setembro de 1974</i>	281.317.368
<i>Quantia distribuída até essa data</i>	281.284.869
	<hr/>
<i>Saldo em caixa</i>	32.499

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

Os meses de julho, agosto e setembro passados, situados entre dois períodos de visitas à Casa da Congregação, viram na sede o Reitor-Mor e o seu Conselho. Com exceção de breve descanso em agosto, realizou-se nesses meses intenso trabalho nas reuniões de Conselho e nos Dicastérios.

Aqui está alguma notícia a respeito, para obrigatória (ainda que sumária) informação aos irmãos.

1. As reuniões do Conselho

Em julho o Conselho tratou em primeiro lugar dos "relatórios" preparados pelos Conselheiros Regionais e de Dicastério referentes às visitas e encontros mantidos com os irmãos na primavera passada; estudou em seguida a nomeação dos novos Inspectores e a aprovação dos novos Diretores; dedicou-se depois aos compromissos futuros mais importantes, como a visita ao Extremo Oriente, os Capítulos Inspeoriais de 1975, os encontros continentais com os Inspectores.

Entretanto eram apresentados ainda pelos Dicastérios e pelos Conselhos Regionais, e às vezes de forma urgente, novos argumentos respeitantes ao governo da Congregação. Entre as coisas mais importantes: a ereção do Vietnam em Delegação dependente do Reitor-Mor; a Reunião mundial dos Salesianos Coadjuutores; novas orientações para a Procuradoria Missionária e o Centro Catequético Salesiano de Madri; a Casa Geral após os primeiros tempos em Roma; a formação dos jovens Salesianos; as comemorações por ocasião do Centenário das nossas Missões, etc.

São fruto desse trabalho entre outras coisas os documentos — discutidos, modificados, aprovados — que aparecem em sua seção nestes Atos.

2. Outras iniciativas do Reitor-Mor e do seu Conselho

O Reitor-Mor, acompanhado pelo Regional P. Ter Schure, visitou em princípios de setembro os irmãos de Berlim que festejavam o

40.º aniversário de atividade na antiga capital alemã; pelo fim do mês com o Regional P. Flora esteve presente em Selargius ao Conselho nacional dos Ex-Alunos italianos.

No dicastério da FORMAÇÃO SALESIANA preparou-se o documento sobre “As etapas iniciais da Formação Salesiana” (publicado adiante).

O P. Egidio Viganò em julho participou em Portugal de reuniões do Conselho Inspeitoral e dos diretores em que se abordaram problemas de formação dos irmãos.

Velo a lume pela LDC, com a assinatura do P. José Aubry, o comentário das Constituições renovadas “Uma estrada que conduz ao amor” (o comentário, embora não oficial, merece destaque nesta sede).

O Conselheiro da PASTORAL JUVENIL P. Juvenal Dho presidiu em agosto em Lima (Peru) o “Segundo curso de Pastoral Juvenil Latino-Americano” conforme relatório à parte.

O P. Dho presidiu além disso na Espanha “Três dias” para os responsáveis dos Aspirantados espanhóis, e em setembro a análogo encontro na Itália. Foram abordados os temas: a identidade do Aspirantado a orientação vocacional no Aspirantado, a formação espiritual, psico-afetiva, social-apostólica.

O dicastério da PASTORAL DOS ADULTOS colaborou na redação da “Convenção entre os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora com relação aos Cooperadores Salesianos”, que foi aprovada para o período de três anos, pelos respectivos Superiores-Mores.

Em setembro reuniu-se na Casa Geral a Junta encarregada de definir o programa para o “Congresso Europeu dos Ex-alunos Salesianos”.

O Conselheiro João Raineri em fins de agosto participou em Friburgo dos “Colóquios Salesianos” que este ano versavam sobre “O Cooperador no mundo atual”. Tomou parte também na reunião da Presidência Suíça dos Ex-Alunos, que se comprometeram a uma ação contra a política de expulsão dos estrangeiros do país.

O dicastério das MISSÕES organizou o “Curso Missionário Salesiano” anual em preparação à “Expedição Missionária de 1974”. O Conselheiro P. Bernardo Tohill viajou à Polónia para encontrar-se sobretudo com os jovens Irmãos desse país que dá às Missões Salesianas contribuição superior às expectativas; visitou ainda o Bispo salesiano de Adigrat (Etiópia) Dom Workú, para estudar a possibili-

dade de começar naquele país, ainda recentemente tão provado por cataclismos naturais, a atividades salesiana entre a juventude pobre.

Alguns CONSELHEIROS REGIONAIS deixaram Roma para breves encontros com seus Irmãos. Assim o P. Antônio Mérida participou em agosto da Reunião Regional dos Coadjuutores, e encontrou-se com os Inspetores da sua Região no Tibidabo (Barcelona).

O P. Ter Schure concluiu a visita à Inspeção Holandesa, e fez rápidas visitas à Alemanha do Norte, à Bélgica e a Lubiana. Na Alemanha estudou com os responsáveis locais um problema de interesse para toda a sua Região: a necessidade de um número sempre mais elevado de professores e educadores leigos em nossas escolas e internatos. Os professores, como se concluiu, inserem-se bem no nosso clima e estilo, ao passo que os educadores encontram maiores dificuldades em assimilar e praticar o sistema educativo salesiano. A necessidade urgente de uma preparação desses leigos, e as modalidades para consegui-la, foram objeto de atento estudo, porque o problema é importante também para as demais Inspetorias da Região.

Em Bruxelas o P. Ter Schure presidiu ao sepultamento do primeiro sacerdote salesiano de Rwanda, falecido em desastre automobilístico com apenas 34 anos; esteve presente à comemoração do décimo aniversário do movimento “Juventude de hoje”.

Em agosto o P. Henriquez foi a Bogotá e a Lima para a apresentação dos novos Inspetores, em seguida a Quito, Caracas e (em setembro) ao México para diversos encontros com as comunidades.

3. O programa dos próximos meses

A 30 de setembro reabre-se um período de visitas aos Irmãos nas várias partes do mundo, e a agenda dos mais diversos encontros enche-se de datas e lugares. Algumas alusões às anotações mais importantes no calendário.

Em Hong Kong de 3 a 9 de outubro realiza-se o “Encontro dos Superiores com os Inspetores do Extremo Oriente” (acham-se presentes o Reitor-Mor, os Conselheiros dos quatro Dicastérios, o Regional P. Williams).

Em seguida o *Reitor-Mor* — com o P. Viganò, P. Raineri e P. Dho — participará de jornadas de encontros na Coreia, Japão e Filipinas, até quase 20 de outubro.

Em novembro o *Vigário, P. Caetano Scrivo* pregará no Peru os Exercícios espirituais aos Inspectores da Região Atlântica.

O *P. Viganò* prosseguirá para o Vietnam e a Índia, e antes de retornar no começo de novembro a Roma estará em Cremisan.

O *P. Raineri* estará na Tailândia e na Índia, antes de voltar em fins de outubro. Depois entre 30 de outubro e 5 de novembro, presidirá no Salesianum uma “Semana de estudo sobre a formação do Cooperador Salesiano”, na qual tomam parte Salesianos e Cooperadores qualificados, a fim de aprofundar a espiritualidade leiga salesiana e estudar os modos concretos para realizá-la.

Mais ampla a viagem do *P. Dho*, que antes do encontro de Hong Kong fica alguns dias na Tailândia e no Vietnam, e após visitar o Japão e as Filipinas permanecerá mais longo tempo nos Estados Unidos, na Irlanda e na Grã-Bretanha.

O *P. Tohill*, depois de Hong Kong visitará os Irmãos que trabalham na Birmânia, e fará a visita à Inspeção Indiana de Gauhati.

O Ecônomo Geral *Pe. Ruggiero Pilla* presidirá em Quito (Equador) de 12 a 14 de novembro a “Reunião dos Ecônomos Inspeccionais Salesianos das duas Américas”, que versará sobre orientações de caráter administrativo relativas aos deveres do Ecônomo Inspeccional.

Os Conselheiros regionais estão naturalmente empenhados em suas regiões: o *P. Fiora* programou a visita canônica à Inspeção Lígure, o *P. Ter Schure* à França do Norte e provavelmente à Bélgica do Norte, o *P. Vecchi* à Inspeção do Uruguai, o *P. Williams* às Filipinas. O *P. Henriquez* completará a visita extraordinária ao Chile e dará início à visita à Inspeção de Medellín (Colômbia). O *P. Mélida* visitará a Inspeção de Barcelona e tomará parte na “Décima Assembléia Nacional dos Ex-Alunos” da Espanha.

V. DOCUMENTOS

1. As etapas iniciais da Formação Salesiana

Diretivas e orientações aprovadas pelo Conselho Superior em 24 de julho de 1974.

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO REITOR-MOR

Aos Inspetores e aos seus Conselhos, aos membros das Comissões Inspetoriais para a formação, aos Mestres de Noviciado, e aos responsáveis pelo Pre-Noviciado, Noviciado e Pós-Noviciado.

Caríssimos, um dos problemas que nos preocupa, e de todo o coração, nestes anos é decerto o da formação do pessoal. O artigo 106 das Constituições prescreve às Inspetorias responsabilidades delicadas. Toda Inspetoria deve levar em conta deliberações e estabelecer uma programação até o fim deste ano.

Inspetorias e Irmãos responsáveis pela formação têm solicitado orientação. Para se atender a tais pedidos foi realizado um longo e sério trabalho, cujo fruto tenho o prazer de vos apresentar aqui.

Trata-se de algumas "Diretivas e Orientações" sobre as etapas iniciais da formação do pessoal será parece-me, um válido subsídio para qualquer comunidade inspetorial nas delicadas responsabilidades que a descentralização implica.

Creio de dever notar, antes de mais nada, que este documento se apoia na experiência viva e ao mesmo tempo sobre os textos oficiais da Igreja e da Congregação. Inspira-se nas diretivas e na "mens" do Concílio, nos documentos do Magistério da Igreja, e do nosso Capítulo Geral Especial. É o resultado do empenho de numerosos Irmãos diretamente interessados: o Dicastério da formação, todas as Inspetorias que consultou, vários Responsáveis de diversas Comunidades formativas, e, de modo todo particular, os 38 Mestres de Novícios reunidos na Casa Generalícia de 4 de março a 4 de abril p.p. em um intenso trabalho de comissões e de reuniões plenárias.

O Conselho Superior quis também contribuir de sua parte e valorizar um trabalho realizado com tanta seriedade e competência.

Examinou, discutiu e completou o texto apresentado, concluindo pela aprovação da atual redação. Tal aprovação do Conselho Superior dá ao documento um valor oficial de diretiva e orientação “para o bem de toda a Sociedade”: neste nosso trabalho “visamos sollicitamente à unidade, ao incremento e ao aperfeiçoamento de toda a Congregação” (Const. 131).

Centraliza-se o conteúdo no Noviciado e nas duas etapas que o precedem e o seguem imediatamente. Deduz-se sua importância da natureza da “formação de base” hoje.

O atual processo de descentralização na Congregação exige, sem dúvida, uma delicada dinâmica de pluriformidade. É urgente que as Inspetorias assumam com coragem e competência as novas responsabilidades. Convido-vos a nova leitura, sobre este tema, da carta que enviei em outubro do passado ano (cfr. ACS. n.º 272, outubro-dezembro 1973). Sublinhei nessa carta que “é necessário que as diversidades do pluralismo sejam assumidas e englobadas harmoniosamente no movimento centripeto da unidade. Cada uma das Inspetorias deve ser qualitativamente a Congregação, enquanto lhe encarna a única vocação... Nenhuma comunidade inspetorial é verdadeiramente leal com os seus membros se não os leva mais além de si mesmos, se não os leva à unidade da Congregação mundial”.

Refletindo sobre nossa identidade vocacional “salesiana”, constatamos a necessidade de dar, e robustecer nas novas turmas, o sentido de sua “consagração salesiana”, a qual, para além das legítimas diferenças sócio-culturais, constitui a unidade e a realidade da Congregação. Pois bem: é principalmente através de uma formação de base capaz de garantir em toda parte os elementos comuns que esta comunidade será construída.

O Noviciado destina-se, por natureza e com uma “função insubstituível e privilegiada” (RC. 4), a cuidar dos valores próprios da identidade vocacional religiosa. Ele não pode ser um ano de currículo dos estudos, nem um ano de técnica apostólica. Nele, mais que insistir sobre a pluriformidade sócio-cultural, devem-se concentrar as preocupações formativas sobre o conteúdo da única e comum Vocação salesiana.

Se na Congregação, devido a situações novas, convém haver mais Noviciados, devemos reconhecer que, acima de tudo, existe a necessidade urgente de maior “identidade salesiana”.

Entre o pluralismo sócio-cultural e uma clara definição vocacional não existe, de per si, uma antítese, nem deveria haver desequilíbrio. No caso, porém, de um possível perigo de unilateralidade só-

cio-cultural ou de insuficiente competência formativa de base, urge saber garantir ao Noviciado a sua função de matriz salesiana. Não se pode aceitar uma atomização numérica que lhe adultere a natureza!

Nós lamentamos a diminuição das vocações e nos esforçamos em convidar os jovens a se unirem a nós para “ficar com Dom Bosco”: bem! Mas de que serviria contar com muitas vocações, se enfim não fossem autenticamente “salesianas”, ou se nós nos tornássemos incapazes de conservá-las devido à superficialidade da formação ministrada?

As “Diretivas e Orientações” que aqui vos apresento, têm a intenção de levar luz e convergência nos empenhos de formação para lhes garantir a eficácia, com seriedade e qualidade.

Tenho certeza, por isso, que, especialmente aqueles que estão mais interessados nesse assunto, aprofundarão seu estudo para transformar os valores na vida dos salesianos jovens.

Caríssimos, lembremo-nos de que Dom Bosco nos ensinou a sermos pedagogicamente práticos. Roguemos à Auxiliadora que nos acompanhe nas delicadas incumbências de formação de base a que se liga o futuro da Congregação.

Saúdo-vos com afeto

SAC. LUÍS RICCERI

INTRODUÇÃO

Fases do processo formativo

“O processo formativo — diz o CGE — deve ser unitário e contínuo em suas várias fases” (A. CGE 691). As Constituições indicam três fases “necessárias” a um candidato a fim de ser definitivamente incorporado à Congregação:

Preparação ao noviciado,

Noviciado,

Período dos votos temporários (Const. 108).

As presentes diretivas e orientações não tratam da totalidade destas fases, mas levam em consideração diretamente só o Noviciado e as duas etapas a ele imediatamente unidas, ou seja, a Preparação imediata ao Noviciado, o Noviciado e o imediato Pós-Noviciado.

“Formação de base” comum.

Este documento tem valor diretivo e de orientação para todos os sócios jovens, quer futuros clérigos, quer coadjutores; eles, “cada um a seu modo, participam todos de uma maneira plena e idêntica da mesma vocação salesiana religiosa” (A. CGE 660; cfr. n.º 146; Const. 103; Reg. 81).

A “formação de base” comum apresenta, porém, exigências práticas diferentes. É necessário conhecer e cultivar a vocação pessoal de cada um, e respeitar e favorecer as diversas inclinações dos diversos sócios, para garantir o “harmonioso e completo desenvolvimento de sua personalidade religiosa e humana”.

Isto supõe que cada Noviço esclareça o próprio empenho concreto na vida salesiana (futuro clérigo ou coadjutor) ordinariamente ao menos antes da profissão, para poder programar, do melhor modo, a formação posterior com as várias disciplinas e atividades formativas (religiosas, científicas, técnico-profissionais etc.) específicas de cada um.

Nota (cfr. A. CGS 660): ‘Para os Coadjutores trata-se muito frequentemente de potencializar, se não até mesmo de criar, ... uma praxe formativa’.

Textos oficiais para orientação

— Santa Sé: Ren. Causam: 4; 10-II; 11; 12.

— Congregação: Const. 108, 109; Regul. 72, 73; A. CGE 693, 662, 665.

1.1 PREMISSA

1.1.1 A preparação ao Noviciado, no sentido global indicado pelo CGE, implica várias atividades e empenhos que envolvem também todo o âmbito da “pastoral vocacional” e vários tipos de “aspirantado”

Referimo-nos aqui apenas àquele determinado período de tempo que precede imediatamente o Noviciado e que implica uma mais clara definição de preparação. Tal período coincide com a fase formativa que na “Renovationis Causam” é denominada “Postulado”.

1.1.2. A oportunidade de uma etapa de preparação “imediate” ao Noviciado Salesiano funda-se nos artigos 108, 109 e 110 das Consti-

tuições. O CGE não quis usar o termo “Postulado” para evitar enquadramentos jurídico-estruturais: cfr. A. CGE 662; mas os artigos 109 e 110 das Constituições exigem uma explícita e conveniente preparação ao Noviciado, indicando um clima, objetivos, uma metodologia e até mesmo um local.

Vemos refletido em tais artigos exatamente o que recomenda a “*Renovationis Causam*”: “Uma preparação para ingressar no Noviciado é tanto mais necessária, quanto mais o mundo é refretário aos valores do Cristianismo... Por conseguinte todas as Famílias Religiosas, mesmo aquelas às quais não se prescreve o “Postulado”, devem dar grande importância a esta preparação ao ingresso no Noviciado” (RC 4).

1.1.3 A experiência ensina que a ausência de período de preparação imediata. (chame-se ou não “Postulado”) torna-se verdadeiramente nociva ao Noviciado, diminuindo-lhe as possibilidades de formação religiosa salesiana.

A conveniente programação de tal período encerra empenhos que apresentam aspectos de novidade na Congregação, de modo especial depois das mudanças experimentadas na pastoral vocacional e após a realidade da diminuição do número dos aspirantes nas Inspetorias.

1.1.4 O CGE não estabeleceu nenhuma estrutura fixa a nenhuma modalidade uniforme para esta etapa de preparação ao Noviciado. Torna-se, pois, urgente para cada uma das Inspetorias considerar com seriedade a importância deste primeiro período de formação salesiana, estudando suas modalidades concretas e cuidando de sua eficácia.

1.2. *Natureza da preparação imediata ao Noviciado*

1.2.1 A natureza desta primeira etapa formativa salesiana se deduz do fato de estar vinculada intimamente ao Noviciado, pelo qual é exigida e ao qual tende explicitamente. Será necessário, portanto, inspirar-se continuamente na 2.^a parte deste documento em que se trata do “Noviciado Salesiano”.

O Noviciado dá início à Vida Religiosa (RC 13), incluindo sempre uma tríplice dimensão formativa:

— O encontro pessoal com Deus de acordo com um determinado projeto de vida evangélica;

— A ruptura consciente com o espírito do mundo;

— uma presença no mundo, como obediência apostólica a Deus.

Além disso: se a vida religiosa salesiana começa com o Noviciado, o período imediatamente anterior de formação deverá constituir a “fase preparatória” do processo de incorporação à forma de vida comunitária salesiana (cfr. RC 12, I-II). Tal preparação exige um empenho de amadurecimento distinto, por suas características específicas, do clima próprio de um Aspirantado por si mesmo mais capaz e genérico.

1.2.2 Em se tratando de uma etapa preparatória característica, embora elástica e variável segundo os cargos e as pessoas, cada Inspeção deverá programar uma estruturação clara; aos candidatos que expressaram formalmente querer entrar para a Congregação, a Inspeção deve oferecer a possibilidade de sopesar e amadurecer sua decisão de orientar-se para o Noviciado.

1.2.3 Para os “postulantes” que vivem em um “Aspirantado”, tal etapa preparatória pode coincidir cronologicamente com o último ano de estudo, mas deve caracterizar-se por um clima propriamente seu e por uma programação específica.

1.2.4 A preparação imediata ao Noviciado faz-se necessária em qualquer lugar; deverá por isso ser programada como uma “etapa oficial”, por assim dizer, em que haja o empenho de realizar uma iniciação concreta e explícita, mesmo geral, à vida salesiana na Congregação.

1.3 Objetivo da preparação imediata ao Noviciado.

1.3.1 Por ser o Noviciado a meta que dá a norma dos objetivos visados, na etapa imediatamente anterior deve haver a preocupação de provar e completar a preparação humana, o amadurecimento afetivo e espiritual dos candidatos. As Constituições exigem claramente (art. 109) um clima e uma metodologia para “amadurecer”, “conhecer a própria vocação” aprofundando seus motivos, e “decidir-se” de maneira consciente e livre a se tornar religioso salesiano.

1.3.2 “Admitem-se ao Noviciado — dizem as Constituições — somente os candidatos que apresentam aptidões e maturidade julgadas necessárias para abraçar a vida salesiana” (Const. 110, cfr. também Regul. 75). Torna-se pois imprescindível o empenho em garantir a existência das seguintes condições e critérios para a admissão.

1.3.3 *Idoneidade humana* — Conhecimento da família: ela deve ser física e psicologicamente sã e moralmente boa.

— Saúde física suficiente e psíquica boa:

antes do Noviciado deve haver um controle médico;

o exame das aptidões psíquicas seja realizado nas melhores condições, sobretudo através do contato com o postulante e de acordo com o espírito do n.º 673 dos A. CGE.

— Capacidade intelectual suficiente e critério reto.

— Maturidade sexual e afetiva proporcionada à idade:

auto controle sexual suficiente que permita entrar no Noviciado em estado de serenidade interior;

comportamento também sereno ante a mulher, tal que permita uma escolha clara para o celibato (para estes dois pontos, cfr. OT 10-11, e as recentes "Orientações educativas para a formação ao celibato sacerdotal" da Sagrada Congregação para a Educação católica, 11-4-1974).

— Capacidade de viver a vida comunitária, de trabalhar em grupo, sabendo aceitar as próprias limitações e as dos outros:

sentido de responsabilidade, lealdade e generosidade;

espírito de laboriosidade (intelectual e manual) e de temperança.

1.3.4 *Idoneidade cristã.* — Capacidade proporcionada de julgar pessoas e fatos à luz da Palavra de Deus.

— Adequada profundidade e ritmo da vida de oração e da vida sacramental.

— Uma certa experiência de direção espiritual.

— Vida cristã vivida com alegria e com algum empenho apostólico.

1.3.5 *Idoneidade salesiana* — Capacidade de realizar alguma função na vida salesiana.

— Opção consciente sobre a orientação da vida, ouvido o parecer positivo do confessor.

— Conhecimento de Dom Bosco e alguma experiência da vida salesiana.

1.3.6 Esta preparação imediata ao Noviciado não supõe que o candidato esteja em condições de satisfazer logo todas as exigências da vida de Noviciado. Deve, porém, ser julgado capaz de lá chegar progressivamente (RC 4).

1.4 Modalidades

1.4.1 Muito importa, antes de mais nada, lembrar que a "Renovationis Causam" insiste em uma dilatação da idade para a admissão dos candidatos à Vida Religiosa. "Convém confessar que a idade de admissão ao Noviciado atualmente deve ser superior à que era requerida no passado" (RC 4).

Cada Inspeção, portanto, procurará concretamente não frustrar a "mens" do artigo 80 dos Regulamentos renovados.

1.4.2 Realiza-se esta preparação normalmente fora da casa de Noviciado (cfr. RC 12, III). Sejam os candidatos confiados aos cuidados de formadores especializados, em diálogo com o Mestre de Noviciado (cfr. RC 12, IV), e "ordinariamente em alguma das nossas comunidades" (Const. 109), adaptada a este fim e aprovada pelo Inspetor com seu Conselho.

1.4.3 Especialmente no caso de coincidir esta preparação com o último ano do "Aspirantado", leve-se em consideração a possibilidade de se fazer preceder, em algum caso de particular interesse, a admissão ao Noviciado por um tempo de prova fora da casa do Aspirantado, a fim de favorecer o amadurecimento humano e afetivo do candidato (RC. 4; 12, III).

O contato com a família tem uma não pequena importância na formação.

Convém aqui relembrar o que afirma o CGE no n.º 693 dos Atos

1.4.4 Para se realizar esta primeira etapa formativa, há uma pluriformidade, de modos possíveis. Cada Inspeção deverá programar concretamente a modalidade que julgar mais condizente com sua situação histórica. A programação será tanto mais exigente quanto mais refratário aos valores da vocação religiosa for o ambiente cultural. Convirá também saber adaptar os conteúdos deste período de formação às diversas necessidades das situações.

Tal programação torna-se, hoje, um dos elementos de particular urgência no empenho de nossa renovação.

1.4.5 Quanto ao tempo dessa etapa, consideramos que, para ter resultado eficaz, deva durar normalmente um ano, e não ser inferior, ordinariamente, a seis meses (cfr. RC 12, II).

2. O Noviciado

2.1 *Condições e critérios para admissão ao Noviciado.*

2.1.1 A preparação explícita ao Noviciado, no sentido até aqui indicado, é o meio indispensável para garantir a presença e o desenvolvimento dos requisitos de admissão.

2.1.2 Para admitir um candidato ao Noviciado devem-se verificar as condições indicadas nos n.º 13.2, 13.3, 13.4, 13.5, 13.6, esclarecendo-as com os critérios de admissão à primeira profissão indicados pelo CGE (A.CGE.695).

2.2 *Fins específicos e conteúdos essenciais do Noviciado salesiano.*

Textos oficiais de orientação: Santa Sede: RC 4, 5, 13-I, 13-II, 15,31, 32.

Congregação: Const. art. 101, e mais explicitamente 110 (“abraçar a vida salesiana”) e 111 (inspirado na RC 4 e 32 II, Reg. 74 e 76) (apostolado); 77-78 (estudos). A. CGE 670 e 695 (Critério de admissão à profissão, Responsabilidades para o ingresso na Congregação.

2.2.1 Fins específicos do Noviciados salesianos.

2.2.1 Permitir à Sociedade ter uma certeza moral da “vocação” salesiana do candidato numa probabilidade determinada pelo postulado, ou seja:

de suas capacidades objetivas (físicas, psíquicas, intelectuais, morais, espirituais, práticas),

Permitir também ao próprio candidato chegar à certeza moral da própria vocação.

2.2.1.2 Iniciar o candidato na compreensão e na prática da vida consagrada apostólica salesiana, mais diretamente, porém, sob o aspecto da experiência espiritual salesiana, isto é, empenhar-se em formar a mentalidade e em adquirir as virtudes e o comportamento interior de fé, esperança e caridade do salesiano autêntico.

O desenvolvimento dos outros aspectos diretamente mais intelectuais e prático-pastorais, será posto em ação principalmente nos anos seguintes da formação.

2.2.1.3 Auxiliar o candidato à total doação de si ao Senhor na Sociedade Salesiana, em modo consciente e livre, na primeira profissão temporária, mas iluminada pela futura profissão perpétua.

2.2.2 Conteúdos essenciais do Noviciado salesiano.

O ideal a ser proposto é: “servir comunitária e totalmente a Cristo nos jovens segundo o nosso espírito”. Este ideal encontramos nos dois livros fundamentais de pensamento e de vida: O Evangelho e as Constituições (cfr. Const. 101).

Tudo isto supõe os seguintes conteúdos, usufruídos sempre no duplo nível: estudo-reflexão, e prática-experiência.

2.2.1 Deus, a quem o salesiano se doa para ser consagrado e enviado.

Aprofundar o conhecimento das Pessoas divinas (Pai e Filho-Cristo no Espírito Santo) e no seu plano, a intimidade com Elas, o sentido de doação a seu amor, louvor e serviço. O que ocorre precisamente pelos seguintes meios:

- ouvir e meditar a palavra de Deus;
- celebração da Eucaristia, das Horas, da Penitência;
- “liturgia da vida”, especialmente da vida apostólica;
- aprender a ser dócil ao Espírito Santo, e a unificar o próprio ser em Jesus Cristo (cfr. Const. 63);
- devoção filial e profunda a Maria (cfr. Const. 65).

2.2.2.2 Os jovens aos quais somos consagrados e aos quais somos enviados.

Conhecer suficientemente a atual sociedade humana e suas exigências de salvação. Habituar-se a “carregar” as necessidades maiores dos jovens do mundo atual, especialmente pobres, com o sentido do “Da mihi animas”. Exercitar-se, através de um contato “qualificado” com eles, em algumas experiências apostólicas, a ser “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens” (Const. 2).

Isto deve ser realizado em espírito de participação à missão da Igreja, e em coerência com a pastoral local.

2.2.2.3 Nós, enviados em “comunhão”.

Realizar uma autêntica vida fraterna. Aprender as virtudes humanas e cristãs da vida e ação comunitária: sentido do bem comum, diálogo, paciência, auxílio mútuo, coerência no agir juntos, alegria de família, sentido da comunhão eclesial e salesiana...

2.2.2.4 Os Conselhos Evangélicos para nos tornarmos totalmente disponíveis.

Descobrir e praticar a castidade, a pobreza e a obediência em sua tríplice dimensão teológica, apostólica, fraterna (cfr. Const. 70-72). Adquirir o sentido das renúncias necessariamente incluídas na doação por amor de Deus, ao jovem e aos irmãos.

2.2.2.5 Nós, chamados ao séquito de Dom Bosco.

Estudar e “experimentar” Dom Bosco, o espírito salesiano, a vasta Família Salesiana, o trabalho salesiano local. Adquirir os “reflexos-base” salesianos, e o sentido de pertencer à Congregação.

2.3. *O ambiente e as estruturas do Noviciado.*

2.3.1 *Responsabilidade inspetorial.* O Noviciado de uma Inspeção incorpora, definitivamente, os seus candidatos na própria Congregação como Comunidade mundial. Tem por isso uma função mui delicada, com respeito à unidade e ao desenvolvimento da Vocação Salesiana no seu futuro histórico.

Devendo erigir um Noviciado, a Inspeção examina e cuida com atenção das exigências da unidade na Congregação; e se conscientize de sua grave responsabilidade de fornecer o pessoal, os requisitos e os meios adequados à natureza própria do Noviciado (cfr. 3.3.4).

2.3.2 A importância da devida seriedade na organização do Noviciado é sancionada pelas Constituições:

— cabe ao Reitor-Mor com a aprovação do seu Conselho erigir a casa de Noviciado (Const. 110).

— O Mestre é nomeado pelo Inspetor com o consentimento de seu Conselho e a aprovação do Reitor-Mor (Const. 112); esta aprovação é necessária quer para o primeiro quer para os sucessivos triênios.

2.2.3 *Critério fundamental.* A constatação da diversidade dos tipos de Noviciado salesiano, por causa do número variável de novi-

ços, da diversidade dos ambientes culturais e sociais dos países, da situação vária das obras salesianas do lugar, não permite dar uma linha uniforme de orientação.

Podem ocorrer três tipos de Noviciado:

- totalmente separado;
- anexo a um outro grupo de formação (por exemplo “pós-noviciado”);
- anexo (em diversas maneiras) a uma obra salesiana (por ex. escola, paróquia).

Para a escolha completa do ambiente e das estruturas de um Noviciado salesiano, o “Critério Fundamental” é que propicie uma possível autêntica formação, isto é, que seja possível alcançar os fins e conteúdos do Noviciado.

2.3.4 *Critérios concretos.* A orientação fundamental supra indicada implica os seguintes critérios concretos.

2.3.4.1 *Comunidade salesiana.* O ambiente da comunidade esteja de acordo com os artigos 111, 100 e 105 das Constituições. O artigo 111 sublinha as exigências particulares de uma comunidade de Noviciado.

2.3.4.2 *Abertura apostólica.* A comunidade mesma deve oferecer possibilidades de formação em uma linha pastoral de vida salesiana real (cfr. A. CGE 670 e Reg. 74), que não defraude nem a natureza do Noviciado nem a autenticidade da ação apostólica.

2.2.4.3 *Equipe de formação.* A formação dos noviços exige que eles sejam acompanhados com atenção e dedicação por parte dos formadores.

A equipe de formadores seja válida por seu número e eficiência. Pelo menos três membros do Conselho da comunidade devem pertencer à equipe de formadores.

Nos Noviciados independentes é oportuno que o Mestre seja também Diretor. Nos demais, o Inspetor e o seu Conselho devem garantir e vigiar para que o Mestre, Diretor ou não segundo as conveniências, tenha em concreto as condições oportunas para realizar os fins do Noviciado.

2.4 Os estudos durante o Noviciado

Textos oficiais de orientação. Santa Sé: RC 15, IV (cinco temas indicados) e 29 (sentido dos estudos).

Congregação: Const. 101: O Evangelho, centro de toda a formação. Reg. 77: três setores: Cristo (RC 29, I), vida religiosa, Const. e Sociedade; art. 90: para o conjunto da formação: ciências da educação, pastoral juvenil, catequese.

2.4.1.1 Os estudos não são realizados pelo seu interesse intrínseco nem diretamente visando à qualificação apostólica, mas participam como elemento da formação específica do Noviciado.

2.4.1.2 Por conseguinte os estudos, também sérios e exigindo esforço, não visam tanto à aquisição de noções, quanto principalmente a iluminar a fé, alicerçar as convicções, apoiar e sustentar o comportamento e as opções do Noviço.

Isto vem a calhar:

- sobre a escolha das matérias,
- sobre a escolha dos professores,
- sobre o método de ensino.

2.4.1.3 Exclui-se a preparação de exames e a obtenção de diplomas oficiais, por não coincidirem com este carácter vital dos estudos. Uma certa qual fiscalização dos estudos programados pode ser útil para estimular, sem fazer prevalecer o aspecto intelectual-escolástico.

2.4.1.4 Cuidem o Mestre e os professores que os estudos penetrem na vida e no conhecimento dos noviços: consciência viva de si mesmos, relações com Deus e com os outros, oração, apostolado, prática dos votos, sentido de pertença à Igreja e à Congregação.

2.4.1.5 Leve-se em conta seriamente o art. 104 das Constituições ao se tratar da escolha dos professores.

- 2.4.1.6 Quanto à programação e ao método, tenham-se em mente:
- o nível de cultura dos noviços,
 - o programa geral de estudos estabelecido pela Inspetoria,
 - a importância do método ativo.

2.4.2 Elementos indicativos para uma programação.

2.4.2.1 *Disciplinas bíblicas*, de modo particular o Evangelho, a fim de permitir ao Noviço adesão plena à pessoa de Cristo. Estudar na Sagrada Palavra:

— os mistérios de Cristo, da comunidade, do apostolado, em si mesmos,

— mas também os modos “subjetivos” de se comportar como discípulo de Cristo.

2.4.2.2 *Disciplinas teológicas e espirituais* (recorrendo também ao Vaticano II) a fim de permitir ao Noviço situar bem a própria vida no conjunto da vida da Igreja:

— Cristo: Teologia do mistério de Cristo no plano do Pai e hoje;

— Igreja: Teologia do mistério da Igreja, da sua missão no mundo;

— Cristão: Teologia da vida espiritual batismal cristã e da ação apostólica.

— Cristão “celebrante”: Teologia da vida litúrgica e de oração;

— Cristão consagrado: Teologia e espiritualidade da vida consagrada na Igreja.

2.4.2.3 *Disciplinas salesianas* a fim de permitir ao Noviço integrar-se bem na Congregação:

— Vida e retrato espiritual de Dom Bosco;

— História da Congregação; os grandes Salesianos; a Família salesiana;

— Espírito salesiano, espiritualidade salesiana;

— Constituições e Regulamentos; Atos do CGE;

— Italiano (como instrumento para chegar às fontes salesianas).

2.4.2.4 *Disciplinas pastorais* a fim de permitir ao Noviço conduzir bem suas experiências apostólicas:

— Elementos de pedagogia (método preventivo);

— Elementos de catequese.

2.4.2.5 *Disciplinas humanas* e de cultura geral que permitem ao Noviço uma adesão mais pessoal e mais comunitária aos valores supra enumerados (números 2.4.2.1 — 2.4.2):

- Elementos de psicologia;
- Dinâmica de grupo;
- Visão sócio-religiosa da sociedade na própria nação;
- Educação no uso dos meios de comunicação social.

N.B. Esta educação deve ser feita, por uma parte, para servir positivamente à abertura humana e eclesial, e por outra, para um uso regulado no quadro de conjunto das exigências da formação do Noviciado; portanto, objeto também de domínio de si e de renúncia.

2.5 *As exercitações apostólicas durante o Noviciado.*

...*Textos oficiais de orientação.* Santa Sé: RC 5, 13, 15, 25 e 31.

Congregação: Const. 111; Reg. 76 (períodos formativos); A. CGE 670.

2.5.1 Alvos das exercitações apostólicas.

2.5.1.1 *As atividades apostólicas* a que se dedicam os Noviços devem ser encaradas como “exercitações”, dosadas e autênticas, “para lhes fazer descobrir melhor... as exigências de sua vocação religiosa e a maneira de nela perservar inabalavelmente fiéis” (RC 5). Não se pode reduzir o Noviciado a uma espécie de ano de “tirocínio”, mesmo se “não deve ser separado da vida salesiana real” (A CGE 670).

2.5.1.2 *Espiritualidade apostólica.* Em primeiro lugar educar a consciência do Noviço para o sentido apostólico mesmo nas exercitações, de tal forma que aprenda a realizar a unidade vital entre a contemplação e a ação de que fala o art. 48 das Const. (cfr.A. CGE 127).

2.5.1.3 *Aptidão à vida salesiana:* verificar a idoneidade à vida apostólica salesiana (RC 5; A. CGE 670); experimentar o método educativo salesiano (RC 5; A. CGE 670); amadurecer uma autêntica decisão vocacional salesiana (RC 5).

2.5.1.4 *Pessoal amadurecimento humano.* Ajudar a progredir em direção a um mais completo amadurecimento humano (RC 25, I; Reg. 76):

- inserção comunitária por meio do trabalho de grupo (RC 25, I);

— gradual conhecimento e aceitação da capacidade e limitações próprias e dos outros (RC 31, II e III);

— desenvolvimento da responsabilidade pessoal (RC 25, L).

Descobrir as realidades da pobreza e do trabalho, e o seu sentido (RC 25, I).

2.5.2 Tempo que se deve reservar para estas exercitações.

2.5.2.1 *Critérios gerais.* O Mestre com sua equipe estabelece o tempo, levando em conta:

— as exigências globais do Noviciado,

— a capacidade dos Noviços,

— as condições do ambiente local,

— as qualidades formativas das exercitações apostólicas.

2.5.2.2 Estas exercitações podem ser realizadas em dois modos:

— em forma habitual durante o ano,

em forma extraordinária por um período intensivo de acordo com o art. 76 dos Regulamentos.

2.5.3 Outras condições e maneiras de proceder

2.5.3.1 *Critérios na escolha das exercitações:*

— preferivelmente inscritas nas atividades de uma comunidade salesiana;

— em todos os casos, experiência salesianamente válida pelo conteúdo e pelo estilo;

— sem que os Noviços sejam os principais responsáveis.

2.5.3.2 *Modo de executar as exercitações:*

— o Mestre será sempre o responsável (RC 23, III; Regul. 76);

— os Noviços trabalhem de preferência mais em equipe do que individualmente;

— as exercitações sejam planificadas com os Noviços e com os membros interessados da comunidade onde se desenvolvem;

— são precedidas por uma preparação adequada, sob a guia de um salesiano entendido (preferivelmente da equipe formativa), e regularmente reavaliadas;

— são realizadas gradativa e continuamente.

O imediato pós-noviciado.

Textos oficiais de orientação: Concílio Vaticano II: PC 18; OT 4-12; 19-20. Santa Sé: ET 30-41.

Congregação: Const. 114-117; Regul. 81-92; A. CGE: 673-688; 695; 697.

3.1 *Premissa*

3.1.1 Após o Noviciado inicia-se a terceira fase de formação salesiana, a mais longa e complexa, denominada pelas Constituições “período de votos temporários” (art. 108), para sublinhar que se dedica a completar o “processo de amadurecimento espiritual, com vistas à profissão perpétua”. (Const. 114).

Os candidatos que não dão “esperança de poder, no futuro, ser admitidos aos votos perpétuos, não sejam admitidos aos votos temporários” (A. CGE 697). Fica estabelecido que a duração do tempo de prova dura complexivamente de ordinário seis anos: não poderá ser inferior a três nem superior a nove anos (Const. 117).

3.1.2 Toda esta fase é descrita apenas genericamente pelo CGE e necessita “ser desenvolvida pelas várias Inspetorias de harmonia com as normas das Igrejas locais e as exigências dos vários lugares” (A CGE 658). Durante o período dos votos temporários realiza-se o “Tirocínio”, que tem uma especial importância toda própria como “experiência de caráter educativo-pastoral” (Const. 116), e como “um confronto vital e intenso com a ação salesiana” (Reg. 88).

3.1.3 É importante preparar convenientemente a experiência do Tirocínio com uma etapa intermédia entre ele e o Noviciado. O decreto conciliar PC pede que os neoprofessos “não sejam destinados às obras de apostolado imediatamente depois do Noviciado” (PC 18). E os nossos Regulamentos estabelecem que “seja o Tirocínio precedido de adequada preparação pedagógica, teórica e prática” (art. 88).

Nós aqui nos referimos explícita e exclusivamente a esta etapa intermédia do Pós-Noviciado.

3.1.4 Existem, de fato, hoje na Congregação distintas modalidades de realização desta etapa, que podem ir da duração de um ano pelo menos, até à duração máxima de quatro ou cinco anos, conforme os programas de estudos que se queiram realizar antes do Tirocínio.

3.1.5 O Noviciado, como período de formação, é sem dúvida uma fase privilegiada da vida religiosa, mas como empenho salesiano é somente iniciação, isto é uma primeira base basilar, a ser completada e desenvolvida por outras posteriores (cfr. RC 4; A. CGE 691). O imediato à Pós-Noviciado é a sua etapa complementar que cada Inspeção deve programar concretamente.

Oferecemos sobre tal etapa algumas orientações em nível das pessoas, em nível das estruturas e em nível dos conteúdos.

3.2 *Em nível das pessoas: formadores e irmãos jovens.*

3.2.1 Os formadores do Pós-Noviciado sejam escolhidos cuidadosamente (Reg. 89; cfr. A. CGE 672):

- homens “espirituais”, de profunda fé e sentido salesiano;
- homens de “relacionamento”, capazes de diálogo com os jovens;
- competentes, ou ao menos informados sobre os problemas estudados pelos jovens e que estejam persuadidos do dever de continuar o trabalho do Noviciado.

3.2.2 A coerência, a continuidade entre o trabalho executado durante e após o Noviciado, seja assegurada pelo menos por reuniões entre o Mestre e os responsáveis pelo Pós-Noviciado.

3.2.3 Os irmãos jovens, individualmente ou em grupos, tornem-se corresponsáveis do andamento da comunidade, de acordo com o Regul. 83 e 85 (elasticidade, porém controlada; seja encorajada a revisão de vida, A. CGE 555, f).

3.2.4 Todo sócio jovem seja regularmente seguido e ajudado, segundo Regul. 84 e 86.

3.3 *Em nível das estruturas*

3.3.1 É de importância decisiva constituir uma comunidade explicitamente formadora e um ambiente salesianamente válido: espírito de família, entusiasmo, abertura prudente.

3.3.2 Surgem validamente possíveis três tipos de estruturas:

- o estudantado (Regul. 81);
- uma comunidade autônoma e apropriada aos irmãos jovens que freqüentam estudos fora;

— grupos de jovens irmãos integrados em uma comunidade ativa, freqüentando os estudos fora. Em tal caso torna-se necessário que estes estudantes encontrem formadores realmente empenhados para com eles (e não uma vaga comunidade formadora onde ninguém é verdadeiramente responsável), e sejam inseridos na comunidade (não vistos com parasitas e praticamente marginalizados).

3.3.3 Evitar aos Pós-Novíços uma mudança brusca e forte de regime, tal que venha a provocar uma “queda de tensão” psicológica e espiritual.

3.3.4 A seriedade e a validade da formação exigem um conjunto de condições: pessoal formador, comunidade, ensino sério, salesianidade... Tais condições nem sempre podem ser asseguradas por qualquer Inspeção. Em certas situações será necessário que algumas Inspeções do mesmo ambiente sócio-cultural (mentalidade, língua, pastoral... cfr. A. CGE 679, b) se unam para sua realização.

3.3.5 Seriamente consideradas devem ser também certas condições de ambiente: locais e espaço que permitam uma vida “humana”, e favoreçam a vida comunitária e religiosa: capela, biblioteca conveniente, instrumentos de trabalho...

3.3.6. Toda comunidade deve estudar o modo de aplicar o que se diz respeito à admissão à profissão no art. 87 dos Regul.

3.4 *Em nível dos conteúdos*

A prospectiva geral é dirigida pelo empenho definitivo na Sociedade. Ter-se-á em conta que os aspectos seguintes estão sempre presentes e que a orientação “salesiana” se difunde em todos eles. (Const. 100, 102, 105; Reg. 83, 86).

3.4.1. Formação-amadurecimento humano, salesiano.

Reforçar as qualidades de:

3.4.1.1 disciplina-liberdade-responsabilidade pessoal (por exemplo programação de tempo, uso dos meios de comunicação social, regularidade, modos de comportar-se...);

3.4.1.2 relação e vida comunitária (por exemplo bom humor, serviços domésticos, assistência aos doentes e velhos, iniciativas de animação, aceitação de todos, sentido do verdadeiro diálogo...).

3.4.2 Formação espiritual salesiana ((Const. 114, cfr. 117; 59-67; A. CGE 605, 621, 607).

“Completar o processo de amadurecimento espiritual, com vistas à profissão perpétua” (Const. 114). Substancialmente: nutrir o sentido da consagração ao Senhor para os jovens. Isto comporta:

3.4.2.1 Uma autêntica vida de oração e sacramental, segundo Const. 59-67 e Reg. 44-49 e 53; em particular continuar a educação do Noviciado à meditação pessoal e comunitária, e ao uso do sacramento da reconciliação; e cuidar ao máximo dos dias de retiro.

3.4.2.2 O espírito de trabalho e renúncia (“trabalho e temperança”), fazendo compreender em particular que a renúncia principal é a ascese do trabalho intelectual sério.

3.4.2.3 A prática leal dos votos, em particular a recusa ao “aburguesamento” (A. CGE 605, 621) e a aceitação de uma dura vida de pobre; esta prática será objeto de exame pessoal e de reflexão comunitária regular (A. CGE 607).

3.4.2.4 A educação do “sentido apostólico” como alma da atividade cotidiana, lembrando que o estudo sério é uma forma eminente de amor aos jovens com vistas à eficiência apostólica futura.

3.4.3.5 Uma reflexão aprofundada sobre a vocação salesiana; continuar, portanto, o programa de “cultura salesiana” (cfr. Referências).

3.4.3 Formação intelectual salesiana (Const. 103; Reg. 81, 88, 90).

3.4.3.1 Educar para o trabalho intelectual verdadeiro, sem diletantismo (método, clima de trabalho...)

3.4.3.2 O art. 81 dos Reg. prevê a “formação geral”:

— filosófico-teológica, iniciada de acordo com o programa estabelecido pela Inspeção;

— “pedagógico-pastoral” (Reg. 88, 90): psicologia, sociologia, pedagogia, metodologia, pastoral, catequese, sistema preventivo;

— “técnico-científica ou profissional”, que venha a se inserir convenientemente nos diversos elementos formativos precedentes (Cons. 103; Reg. 81.).

3.4.3.3 Favorecer o conhecimento das línguas. Em particular favorecer o estudo do italiano, que permanece elemento de comunicação importante entre todos os salesianos: participação em encontros internacionais, contatos com os Superiores, leitura dos documentos...

3.4.3.4 Considerando-se a grande influência dos professores nessa etapa da formação, sejam eles escolhidos e bem preparados (cfr. 3.2.1) e se mantenham vivos em seu magistério os critérios de salesianidade (cfr. relação do P. Egidio Viganò no Encontro dos docentes de teologia dogmática, Roma, UPS, 2 de janeiro de 1974, Boletim de informação da Faculdade de Teologia, n.º 2).

3.4.4.1 Para cada um encontrar uma atividade pastoral oportuna, possivelmente em pequenos grupos e em ambientes salesianos.

3.4.4.2 Garantir a qualidade formativa destas atividades, primeiro por meio de uma adequada preparação, depois por uma constatação, com o auxílio de algum salesiano competente.

3.4.4.3 Graduar e equilibrar a abertura aos ambientes externos.

3.4.4.4 "Organizar" experiências pastorais válidas e formadoras durante os meses de férias (muitas vezes não bem utilizados, quando podem e devem ser formativos).

4 REFERÊNCIAS: PROGRAMA DE CULTURA SALESIANS

O que deveria saber um salesiano antes de sua profissão perpétua (cfr. Regul. 77-78).

4.1 Os fatos

4.1.1 Dom Bosco (Regul. 77): vida e obras; o fundador inspirado por Deus; retrato espiritual-pastoral; Dom Bosco e São Francisco de Sales.

4.1.2 *A Congregação* (Regul. 77):

— história e desenvolvimento;

— história das Missões salesianas;

— figuras de grandes Salesianos: os nossos santos e servos de Deus (São Domingos Sávio, o bem-aventurado Miguel Rua, P. André Beltrami, P. Filipe Rinaldi, Coad. Simão Srugi...); os grandes missionários: Cagliero, Fragnano, Costamagna, Mathias, Cimatti; alguma figura típica de salesiano sacerdote e de salesiano coadjutor;

— o presente: situação da Congregação na Igreja; tipos de trabalhos; atualidade do nosso trabalho.

4.1.3 *Família Salesiana:*

— o passado: história das FMA (santa Maria Domingas Mazzarello e alguma figura de FMA); história dos Cooperadores e Ex-alunos;

— o presente: as FMA, as VDB e outras instituições, os Ex-alunos.

4.1.4 *No próprio país:*

— história e situação presente da Congregação e da Família Salesiana na própria Inspeção e no próprio País;

— figuras de grandes salesianos locais.

4.2 *Os valores*

4.2.1 *A nossa missão* (o projeto apostólico salesiano, Const. 1-39):

— o “carisma salesiano” na Igreja (cfr. Const. I);

— os destinatários da missão (cfr. Const. II);

— os objetivos da missão (cfr. Const. III);

— principais atividades e obras (cfr. Const. IV);

— colaboração com a Igreja local e com os organismos civis (cfr. Const. V).

4.2.2 *Nosso espírito* (Const. VI — Regul 76):

— seu “centro”: a caridade pastoral (cfr. Const. 40);

— suas expressões:

nosso estilo de trabalho (Const. 42-44);

nosso estilo de relações com outros (Const. 45-47);

nosso estilo de relação com Deus e com os santos: espiritualidade de ação (Const. 48, 67), valorização dos Sacramentos (Const. 23, 61-62), devoção a Maria Santíssima (Const. 21 c, 65);

três aspectos a se porem em evidência: centralização da Eucaristia, “sensus Ecclesiae”, espiritualidade mariana;

4.2.3 *Nosso método* (no qual convergem a missão e o espírito: Const. 16,25; (Regul. 88,90): o sistema preventivo em Dom Bosco; sua aplicação, hoje.

4.2.4 *Nossa Comunhão e consagração* (Const. 34-38; 50-98):

- a comunidade salesiana; sua vida fraterna e corresponsável;
o salesiano sacerdote e o salesiano coadjutor;
- nossa consagração “apostólico-religiosa” (Const. 68);
- os conselhos evangélicos vividos pelo salesiano.

4.2.5 *Nossa organização* (Const. V):

- situação jurídica da Congregação na Igreja;
- princípios da sua organização (Const. 123-127);
- estruturas em nível mundial;
- estruturas em nível inspetorial;
- estruturas em nível local, principais funções.

4.3 *As fontes*

4.3.1 *Literatura Salesiana*

- fontes para o estudo de Dom Bosco e da Congregação (Escritos de Dom Bosco e escritos sobre Dom Bosco);
- método da pesquisa (leituras guidas pelas fontes; orientações hermenêuticas);
- autores salesianos (ex. Lemoyne, Amadei, Ceria, Caviglia...);
- bibliografia salesiana.

Nota: Damos a seguir uma possível distribuição da literatura:

4.3.2 *Antes do Noviciado:* ler uma vida de Dom Bosco; tomar um conhecimento global da Congregação, do seu espírito e método.

4.3.3 *Noviciado (período privilegiado):*

- estudo sério de Dom Bosco (4.1.1); ler algum volume das Memórias Biográficas;

— iniciar o estudo dos temas contidos nos números 4.1.2, 4.1.3, 4.1.4, 4.2.3 em base das Constituições, Regulamentos e Atos do CGE.

4.3.4 *Pós-Noviciado* (realizado segundo diversas fórmulas possíveis): deixando aos responsáveis escolher o programa que lhes parecer mais conveniente, sugerimos, porém, uma distribuição da matéria em duas fases.

Primeiro período, logo depois do Noviciado: aprofundar o estudo dos temas de tipo prevalentemente histórico, contidos nos números 4.1.3, 4.1.4, 4.3.1.

Segundo período: aprofundar o estudo dos temas de mais alta reflexão: 4.2.1, 4.2.2, 4.2.3, 4.2.4, 4.2.5.

4.3.5 *Ano que precede a Profissão perpétua*: aprofundar os temas contidos nos números 4.1.1, 4.2.2, 4.2.4.

4.4 *Bibliografia essencial (em língua italiana)*

4.4.1 *Fontes mais diretas*

S. GIOVANI BOSCO: *Memorie dell'Oratorio 1815-1855*, Ediz. Ceria — 1946.

S. GIOVANI BOSCO: *Vita del giovanetto Savio Domenico*. Torino 1859.

S. GIOVANI BOSCO: *Epistolario*, Ediz. Ceria, 4 volumi, Torino SEI 1955.

S. G|*v. BONETTI: *Cinque lustri di storia dell'Oratorio salesiano...* Torino 1892, 744 pp.

LEMOINE, AMADEI, CERIA: *Memorie Biografiche*, san Benigno Canavese e Torino, 20 volumi, 1898-1948.

4.4.2 *História de Dom Bosco e Congregação:*

Una vita de Dom Bosco: LEMOYNE (1911-13); SALOTTI (1929); AMADEI (1929); AUFRAY (1929); CERIA (1949) HENRI BOSCO (1964).

Una vita di Don Rua: AMADEI (tre volumi, 1931-34); AUFRAY (1932); CERIA (1949).

E. CERIA: *Annali della Società Salesiana*, Torino SEI, 4 volumi 1941-51.

M. WIRTH: *Don Bosco e i Salesiani, 150 anni di storia*. Torino LDC, 1970.

M. MOLINERIS: *Don Bosco inedito*. Colle Don Bosco 1974, 485 pp.

UFFICIO SIAMPA Direz. Generale Opere Don Bosco: *Don Bosco nel mondo*, Torino, 1.^a Ediz. 1956, 3.^a Ediz. 1964.

4.4.3 *Estudos diversos sobre Dom Bosco e a Vocação Salesiana*

— EUGENIO CERIA: *Dom Bosco con Dio*, Colle Don Bosco 1947.

— F. DESRAMAUT: *Don Bosco e la vita spirituale*, Torino LDC 1968.

— P. STELLA: *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, PAS VERLAG, Vol. I, 1968; Vol. II, 1969.

— P. BRAIDO: *Religiosi nuovi per il mondo del lavoro*, Roma 1961.

— J. AUBRY: *Una via che conduce all'amore*. Commento delle Costituzioni rinnovate. Torino LDC 1974.

4.4.4 *Dom Bosco educador e seu método*

— A. CAVIGLIA: *Savio Domenico e Don Bosco*, Torino SEI 1943, 609 p.p.

— P. RICALDONE: *Don Bosco educatore*, 2 vol. Colle Don Bosco, 1951-52.

— P. BRAIDO: *Il sistema preventivo di Don Bosco*, PAS-VERLAG, 2.^a Ediz. 1964 (edizione breve: *Don Bosco*, Brescia, La Scuola, 1969).

— AA.VV.: *Il metodo preventivo* (Settimana di studio).

4.4.5 *A Família Salesiana*

— F. MACCONO: *Suor Maria Mazzarello*; Torino, 2.^a Ediz. 1934.

— E. CERIA: *I Cooperatori Salesiani. Un pò di storia*. Torino SEI, 1952.

— J. AUBRY: *Una vocazione concreta nella Chiesa: Cooperatore Salesiano*, Roma, Ufficio Naz. Cooperatori Salesiani, 1972, 221 pp.

— *Nuovo Regolamento dei Cooperatori Salesiani*, Roma 1974; Commento di Don Mário Midali, 1974.

— *Costituzioni e Regolamenti delle Volontarie di Don Bosco*, Roma 1971, (Tre volumetti di Studi a cura di Don S. Maggio).

— *La Famiglia Salesiana riflette sulla sua vocazione*, Torino LDC, 1973.

2. Indicações mais pormenorizadas e orientações para os Capítulos Inspetorias de 1975

1. *Natureza dos CI-75*

1.1 De acordo com o art. 178 das Constituições, o Capítulo Inspetorial deve ser convocado, em via ordinária, cada 3 anos. Os Capítulos Inspetoriais de 75 obedecem a tal prescrição constitucional e, portanto, se trata de Capítulos Inspetoriais, sob o ponto de vista jurídico, ordinários.

1.2 Além disso, segundo o n.º 761, parágrafo 10 e 12 dos Atos do CGE, os Capítulos Inspetoriais 75 têm uma finalidade precisa e determinante que deve, portanto, valer para todas as Inspetorias. Isso, porém, não impede que tais Capítulos, se o julgarem oportuno, possam enfrentar algum outro problema, conforme o art. 177 das Constituições.

2 *Finalidades dos CI-75*

2.1 A finalidade essencial e determinante dos CI-75 pode assim definir-se: verificar comunitariamente, com coragem e responsabilidade, se e em medida o CIE foi atuado na Inspetoria, e portanto, que aplicação prática tenham encontrado na Inspetoria, as linhas fundamentais da renovação e as orientações operativas do CGE.

2.2 Daí se segue que é absolutamente necessário evitar que o CI-75 seja uma duplicata do CIE para não correr um duplo grave risco.

2.2.1 Perder-se-ia uma ocasião muito oportuna de praticidade, de exame de consciência e de realismo, esvaziando os CI-75 de seu significado e, portanto, de sua justificação.

2.2.2 Poder-se-ia engendrar, nos irmãos, um senso de saturação e de desconfiança, com prolixas reafirmações teóricas de idéias e princípios sem a adequada correspondência de "vontade política" e de realizações concretas. Neste momento de revisão, próprio dos CI-75, um passo à frente no plano da realização, vale mais que cem passos reafirmados no papel.

3. *Indicações metodológicas.*

Para atingir as finalidades demandadas aos CI'75, podem ser úteis as seguintes indicações metodológicas.

3.1 O CI'75 poderá estender o seu exame de avaliação a todas as orientações operativas e às deliberações dos CIE, ou também poderá individualizar e precisar algumas áreas que no CIE aparecem como prioritárias para a renovação pedida pelo CGE, se se julgar que restringir, a três ou cinco áreas, o exame de avaliação, possa ser mais útil e tornar-se mais eficaz do que levar a reflexão a todas as áreas consideradas no CIE precedente.

Na segunda hipótes a obra de individualização pode ser feita pelo Inspetor e pelo seu Conselho, e/ou por uma especial comissão pre-capitular. A individualização dos assuntos a tratar deve brotar do estudo dos Altos do CIE e das necessidades concretas da Inspetoria.

Por "área prioritária" se entende um setor bem determinado, sobre o qual se fixa a atenção para um juízo de avaliação (por exemplo: renovação da vida de oração na comunidade salesiana, novas presenças pastorais entre os jovens, pastoralização da escola, a formação do pessoal, etc.).

Apesar disso, em todas as Inspetorias o CI'75 não poderá excluir, do seu exame e verificação, o "redimensionamento", do qual se trata no n.º 398 dos Atos do CGE. Quer o CIE tenha tomado deliberações concretas com relação a isso, quer tenha deixado a tarefa a uma comissão especial ao Conselho Inspetorial ou ao próximo Capítulo Inspetorial, o redimensionamento deverá ser uma das "áreas prioritárias" no sentido acima indicado.

3.2 Para todos os setores ou para cada uma das áreas escolhidas, será preciso individualizar as *linhas operativas e as deliberações* tomadas pelo CIE. Também essa tarefa pode ser feita pelo Inspetor e pelo seu Conselho e/ou por uma comissão especial pré-capitular.

3.3 Indicar quais eram, segundo o CIE, as *pessoas-chave* ou os *grupos-chave* (por exemplo: equipe dos formadores, delegados por setores, consultas, etc.) que deviam responsabilizar-se da atuação das linhas operativas de que se trata no número precedente.

3.4 Quais dificuldades ou resistências — e por quais motivos — se encontraram na fase da atuação.

3.5 Como se atingiram os objetivos e quanto os resultados alcançados se revelaram eficientes para os fins da renovação pedida pelo CGE.

3.6 Tomar deliberações operativas concretas que possam eficazmente contribuir para melhor proceder no caminho da renovação no período sucessivo, vendo-se como se possa eliminar ou diminuir os obstáculos encontrados, como remediar as deficiências verificadas, como consolidar os objetivos alcançados.

4. A "relação" do Inspetor e do seu Conselho no CI-75

4.1 No Documento 20 — Iter pós-capitular — se lê no n.º 761.12: "O Reitor-mor e alguns membros do Conselho Superior, em época oportuna, promovam encontros com os Inspectores das diversas regiões para verificar devidamente (fare il punto) a atuação do Capítulo Geral. Antes deste encontro os Inspectores enviem ao Conselho Superior uma relação, preparada juntamente com o seu Conselho e aprovada pelo Capítulo Inspetorial, na qual se dará conta da aplicação, na Inspeção, dos decretos do CGE".

4.2 A concordância entre a finalidade do CI'75 (cf. acima n.º2) e a relação pedida pelo CGE pode ser realizada em formas diversas. Indicam-se algumas para que o Inspetor com seu Conselho possa decidir qual seja mais conforme à situação concreta da Inspeção.

4.2.1 A relação pode ser concebida e redigida segundo os critérios indicados no n.º 3 deste documento e ser assim apresentada ao exame e à discussão do CI'75, para chegar, através das modificações indicadas e aceitas em fase de discussão, antes à votação per partes, e depois à votação global.

4.2.2 Outra alternativa possível é que o Inspetor com seu Conselho redija a relação baseando-se no andamento das discussões do CI, e a submeta à aprovação por partes e global, à medida que prosseguem os trabalhos capitulares.

4.2.3 Numa terceira alternativa, o Inspetor com seu Conselho poderia considerar como relação própria e aprovada pelo Capítulo Inspetorial as "Atas" do mesmo Capítulo, no qual se verbalizarão as posições e as avaliações (com as respectivas votações) do Capítulo.

3. Ereção do Vietnam em Delegação Especial

O Reitor-Mor a 12 de julho de 1974 emanou estes dois documentos

a) DECRETO DE EREÇÃO

O Reitor-Mor, considerando:

que por diversas razões de origem geográfica, histórica, social, política, cultural, etc., não se alcançam as finalidades pelas quais se constituiu a Delegação do Vietnam como parte integrante da Inspeção de Hong Kong;

que atualmente a Delegação do Vietnam é independente da Inspeção de Hong Kong no setor econômico, vocacional, provimento do pessoal e orientação pastoral;

que as diferenças existentes entre as duas nações e a distância entre as mesmas não permitem a configuração e a formação de uma verdadeira "Comunidade Inspeção", como requer o art. 162 das Constituições;

que, por todas essas razões, não convém querer manter por mais tempo a situação atual;

que, por outra, a obra salesiana no Vietnam ainda não alcançou o desenvolvimento necessário para ser ereta em Visitadoria;

visto que o resultado da consulta feita entre os irmãos da Delegação do Vietnam e entre o Inspetor e o Conselho Inspeção de Hong Kong;

tendo tido o voto favorável do Conselho Superior que examinou atentamente o problema;

decide constituir as casas salesianas do Vietnam em *Delegação Especial* diretamente dependente do Reitor-Mor, segundo as normas e as condições que serão oportunamente determinadas.

b) DETERMINAÇÃO DA FIGURA JURÍDICA DO DELEGADO DO VIETNAM

1. *Designação:* é nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho (Cf. Const. 166).

2. *Podere:* governa a delegação em nome e com o poder delegado do Reitor-Mor, com o qual deverá manter-se em estreito contacto, por meio do Conselheiro regional, informando-o frequentemente sobre o andamento da Delegacia e pedindo-lhe conselhos nos casos difíceis.

3. *Ambito do poder*

a) *Princípio geral*: a ação de governo do Delegado é análoga à do Inspetor. Exercerá, portanto, todos os poderes que competem ao Inspetor, menos aqueles que forem expressamente limitados ou excecionados, quer pela própria natureza da Delegação, quer pelas determinações que são abaixo elencadas.

b) *Conselho da Delegação*: é constituído um Conselho composto de quatro membros, nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, conforme proposta do Delegado após uma consulta feita entre os irmãos da Delegação. Este Conselho funciona de maneira análoga à do Conselho Inspetorial, e deverá ser consultado em todos os casos nos quais as Constituições e os Regulamentos prevêem ou exigem o voto ou o parecer do Conselho Inspetorial.

c) *Admissão*: o Delegado, com o voto favorável do seu Conselho, pode admitir os candidatos ao Noviciado e pode também demiti-los; além disso, sempre com o consentimento de seu Conselho, pode admitir os candidatos à profissão quer temporânea quer perpétua, e às Ordens.

4. *Algumas limitações*

a) os diretores serão nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, após apresentação feita pelo Delegado, levando em conta a consulta feita entre os irmãos.

b) As decisões de que se trata nos artigos 187 e 189 das Constituições, deverão ser submetidas à aprovação do Superior Regional.

4. **A respeito dos irmãos que deixam o sacerdócio**

O Reitor-Mor no dia 27.7.1974 enviou aos Inspetores esta carta que diz respeito a "nossos irmãos que deixam não só a Congregação, mas também o Sacerdócio".

Caro Inspetor, desejo falar-te de um assunto que é para todos motivo de muito sofrimento: trata-se dos nossos irmãos que deixam não só a Congregação, mas também o Sacerdócio.

Infelizmente estes casos hoje não são raríssimos como antigamente, e isto acontece por um complexo de causas de natureza geral que influem sobre determinadas pessoas, ou também por causas totalmente pessoais ou de ambiente.

Evidentemente, pela nossa mesma responsabilidade pastoral, cada um de nós não pode ficar indiferente perante este grave fenômeno que não poupa a nossa Congregação.

Que fazer? É claro que não há receitas específicas para curar este triste mal, e é também verdade que há casos que, somando tudo, podem ser uma purificação para a comunidade e uma libertação para a pessoa. Mas parece-me que podemos e devemos ter “eficazmente” presentes e seguir certas normas, pelas quais possamos dizer em consciência, que fizemos tudo o que estava a nosso alcance, para evitar certas dolorosas conclusões.

Na prática me parece que, como medida geral preventiva, é preciso cuidar concretamente e com paciente constância, na comunidade e em cada um dos irmãos, da vida espiritual que é o ar e o sangue absolutamente insubstituível para vivermos a nossa vocação. Sem isso é muito difícil superar os numerosos escolhos que hoje, com insídias e violências talvez desconhecidas em outros tempos, se insinuam na vida consagrada e sacerdotal. 1

Parece-me este um ponto fundamental: confirmam isso tantos de nossos irmãos quando chegam a apresentar a triste petição. Não é o caso de descer a pormenores, mas não posso deixar de repetir que somente suscitando e alimentando, nas comunidades, um clima de autêntica espiritualidade, conseguimos oferecer aos irmãos um sustentáculo válido frente às provas e às dificuldades, às quais frequentemente são hoje submetidos.

Mas o clima do qual se fala, supõe não só uma relação filial com Deus expressa na prece pessoal e comunitária, mas também uma efetiva e fraterna caridade acompanhada pela coerência generosa em viver os empenhos da consagração.

Penso que o tempo, a fadiga e as indústrias que cada Inspetor dedica a essa tarefa, serão um validíssimo serviço prestado à Inspeção.

Aqui me parece particularmente importante frisar não só a utilidade, mas a necessidade do contato pessoal do Inspetor com cada um dos irmãos. Para que tal contato seja eficaz e crie um clima de confiança e de amizade, é preciso que o Inspetor dedique um tempo conveniente à visita que faz a cada uma das comunidades. As visitas mesmo frequentes, mas apressadas, para resolver determinados problemas, não servem certamente para alimentar estes contatos que precisam de tranquilidade, de tempo, e permitem ao Inspetor perceber, em profundidade, as verdadeiras situações, antes de cada um, e depois da comunidade. 2)

Vejo imediatamente a objeção: o Inspetor é subjugado por mil problémas! É verdade! Porém o problema absolutamente prioritário, que na prática está exclusivamente nas mãos do Inspetor, é o dos Salesianos. Os outros problemas podem (e, muitas vezes, devem) ser entregues a outros, mas quem, se não o Inspetor, pode ver, compreender e chegar a resolver os problemas dos Salesianos? Certamente, em cada uma das comunidades há um Diretor, mas sabe-se que muitas vezes também o Diretor precisa desse contato e auxílio. E depois os irmãos, em tantas situações, precisam exatamente do Inspetor. Torno a repetir que estou ciente dos numerosos empenhos e preocupações que pesam sobre a pessoa do Inspetor, mas insisto dizendo que os interesses (no sentido mais rico da palavra) dos irmãos, que representam a verdadeira riqueza da Inspetoria, são absolutamente prioritários para o Inspetor.

Se as minhas palavras precisam de mais algum argumento de credibilidade, posso acrescentar que esta observação chegou até mim, da viva voz dos irmãos, os quais demonstram compreender quanto bem advém a eles e às comunidades, das visitas do Inspetor, feitas com toda a calma, encontrando-se em serena fraternidade com cada um, participando ativamente aos atos comunitários, etc.

De mais a mais devemos ter presente que todo o governo da Comunidade Inspetorial, como aparece claramente das Constituições, dos Regulamentos e do CGE, é, por sua natureza, pastoral. Não é um Conselho que trata de práticas administrativas e se preocupa com com negócios, mas sempre, direta ou indiretamente, de interesses espirituais, de almas.

3) Quanto importa então que o Conselho seja centro animador dos planos pastorais da Comunidade Inspetorial, indicando-lhe as metas, as etapas, os caminhos, os instrumentos. É o caso de perguntar se, em certas frustrações, fracassos e deserções, não tenha influenciado uma falta de metas pastorais claras e definidas.

Reconheço as dificuldades que se podem encontrar aqui e acolá a atuação prática destas diretrizes, mas devemos também admitir que, o que indico, é o caminho obrigatório para salvar supremos valores e interesses. Devemos entrar nesse caminho com decidida coragem e confiança. E mesmo que não possamos verificar imediatamente e com evidência os frutos desse trabalho precioso, é absolutamente certo que será fecundo.

Entrego a ti, caríssimo Inspetor, e a teu Conselho de ver o que se pode realizar na tua Inspetoria nesta linha.

Mas eu não ignoro que, apesar de tudo, possam explodir, às vezes, profundas crises pessoais que se podem apresentar como irreversíveis. Diante destes fatos é preciso indagar se a crise é realmente imprevista; é preciso ver se a pessoa não chegou ao passo doloroso através de um caminho penoso mais ou menos longo, com sinais manifestações que podiam fazer temer algo, a que não se prestou a atenção devida. Torna-se então natural e obrigatório repetir mais uma vez quanto seja importante para o Inspetor e para o Diretor, antes de mais nada, seguir fraternamente os irmãos. Tal interesse levará a compreendê-los; a auxiliá-los nos momentos e nas situações de mal-estar; a não colocá-los em condições de trabalho e em situações que, por qualquer motivo, resultam importunas ou pouco prudentes; a chamar-lhes a atenção, quando se notem elementos menos claros no comportamento e na atividade.

Demasiadas vezes acontece que tantos falam, mas ninguém, nem mesmo o Superior, fala ao irmão. Que adianta então queixar-se, quando é tarde demais? 4)

Mas também quando a crise se manifesta no seu aspecto mais grave, é dever do Superior fazer todo esforço para evitar, pelo menos, decisões apressadas. Diálogo paciente, portanto; convite à reflexão, à oração. Um retiro espiritual feito sob a orientação de uma pessoa verdadeiramente experimentada e capaz, não deve nunca faltar.

Afinal, como dizia acima, devemos poder dizer que fizemos tudo quanto era nosso dever, especialmente prevenindo e cuidando da crise quando estava nos seus inícios.

O que digo e recomendo com relação aos sacerdotes, é claro que vale, analogamente, para os irmãos que pedem dispensa dos votos, especialmente perpétuos. Muitas vezes se tem a sensação que, sendo cuidados e seguidos amorosamente em tempo, teriam sido salvos.

Para os sacerdotes que pedem a laicização, parece-me oportuno dizer que a Santa Sé devolve certos pedidos, não achando neles motivação suficiente.

O fato me parece vir confirmar tudo quanto estou dizendo nesta minha carta, e convida todos a refletir.

Vem a propósito uma recomendação. Quando, depois de termos feito tudo o que podíamos fazer de nossa parte, se julga oportuno introduzir semelhantes práticas, não deixe nunca o Inspetor de colocar em evidência tudo aquilo que, pessoalmente ou por meio de outrem, fez para auxiliar o irmão a superar a crise. Somos Pais e Pas-

tores que se ocupam de caríssimos irmãos: não podemos ser simples funcionários que introduzem práticas de pessoas anônimas.

Devo ainda acrescentar uma palavra sobre um ponto ligado com o assunto do qual estamos tratando: refiro-me àquilo que, com palavra jurídica se chama “absentia a domo”.

É preciso, antes de mais nada, ter presentes os limites com que esta faculdade é concedida pelo Reitor-Mor aos Inspectores: só para Sacerdotes.

Além disso, tal permissão, na intenção da Igreja, deve ser concedida para o maior bem do requerente. Para isso as normas da Santa Sé exigem que o irmão “ausente”, mas sempre salesiano, seja auxiliado espiritualmente pelos seus Superiores, os quais, a tal fim, manterão um eficiente contato com ele.

Ora bem, diante de certas crises, mesmo graves, não se vê como a “absentia a domo”, com tudo o que implica, especialmente em certas situações ambíguas e já comprometidas, seja uma solução para o *maior bem* do irmão. Não tenho conhecimento de confortadoras recuperações advindas de tantas dessas permissões.

É preciso ainda acrescentar que não se pode prolongar indefinidamente tal ausência. Que sentido pode ter? Note-se ainda que o inspector só pode cedê-la por um ano.

Há, neste ponto, situações totalmente irregulares, que, além do mais, têm reflexos infelizmente negativos sobre os irmãos e as comunidades. Compreendo que não se pode generalizar, mas é preciso em todo caso, ter bem presentes os escopos pelos quais a Igreja concede exceções, evitando qualquer aspecto deformado e qualquer deterioração.

O argumento das crises vocacionais nos chama, naturalmente, ao âmago do problema. Lamentamos a escassez das vocações: um elemento certamente assaz importante para o surgir e florescer de novas vocações é o nosso testemunho, o de cada irmão, de cada comunidade. Um testemunho ofuscado, defeituoso ou, pior ainda, negativo, enquanto pode preparar dolorosas crises entre os membros que vivem e operam na comunidade, dificilmente pode suscitar novas vocações: os jovens, hoje especialmente, são generosos, mas ao mesmo tempo são muito exigentes, quando se trata de coerência e de testemunho.

Por fim, desejo chamar a atenção sobre um perigo que pode vir exatamente do fato de haver poucas vocações. A escassez das mesmas pode fazer cair na tentação de afrouxar (annacquare) na sele-

ção dos candidatos, passando por cima de deficiências várias e de vários gêneros.

Seria este um erro e um dano gravíssimo para a Inspeção e para a Congregação. Hoje, muito mais do que ontem, a seleção deve ser extremamente séria: a revitalização da Inspeção não surgirá da quantidade obtida indiscriminadamente, mas da adequada e forte formação dos candidatos verdadeiramente aptos à vocação salesiana.

Mas pouco valeria a cuidadosa escolha no início do currículo, se depois faltasse o cuidado sério, salesianamente eficaz, dos candidatos no período da formação. Neste momento da história da Congregação este é um ponto verdadeiramente vital. Falamos disso em todas as reuniões dos Inspectores e foram esclarecidos e repetidos critérios dos quais não se pode prescindir de nenhum modo, sob pena de falência (a qual pode tomar vários aspectos) de vocações autênticas na sua origem. É preciso averiguar se e como, na Inspeção, tais critérios sejam levados em conta. Ouve-se falar de situações negativas nas quais foram colocados jovens irmãos em formação. É uma grave responsabilidade. Os nossos jovens irmãos, hoje mais do que ontem, precisam de uma formação verdadeira e forte. Essa formação depende de um centro de estudos, eficiente e sério, e de uma comunidade sacerdotal e salesiana que, especialmente pela presença de formadores capazes, dê a forma (impronta) do salesiano autêntico, capaz de responder às exigências de nossa missão hoje.

Peço desculpas pelo tamanho desta minha carta, mas os motivos são facilmente compreensíveis.

Convido-te, caríssimo Inspetor, a fazer desta carta objeto de reflexão juntamente com o teu Conselho. Creio que será útil ao governo pastoral da Inspeção, que, antes de mais nada, está a serviço dos irmãos.

Por isso aceitarei de bom grado sugestões e propostas que, com relação a este assunto, possam ser vantajosas para todos.

O Senhor nos assista e nos ajude no nosso trabalho comum.

PADRE LUIS RÍCERI

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Esta rubrica apresenta iniciativas, experiências, programas e reflexões dos irmãos (muitas vezes sobre problemas e situações apenas locais), como aparecem nos Noticiários Inspetoriais.

Sugerida também pelo CGE que recomenda a divulgação de "uma síntese das principais iniciativas postas em prática no mundo salesiano com vistas à renovação" (A. CGE n.º 763, 3b), a rubrica responde antes de mais nada a uma exigência de informação, e não comporta necessariamente um juízo de valor, da parte do Conselho Superior, com relação a quanto vem publicado.

1. Duas iniciativas da Região Pacífico-Caribe

Na Região foram construídos um "Centro Regional de Formação Permanente" e um "Grupo de reflexão salesiana". Isto é apresentado pelo N I da América Central (julho de 1974, pág. 13).

Uma iniciativa importante para o Grupo de Inspeorias salesianas da Região Pacífico-Caribe é a criação de um "Centro de Formação Permanente" de caráter dinâmico, que além de promover o reflorescimento da "salesianidade" nas Inspeorias apresentará serviços importantes para a formação permanente.

O Centro funcionará na cidade de Quito. Está programado um primeiro curso para dezembro de 1974 a janeiro de 1975, e outro de julho a setembro de 1975.

Paralelamente a este Centro, funcionará um "Grupo de reflexão salesiana", destinado a meditar sobre temas salesianos que possam ser depois objeto de diálogo em oportunos encontros, e de eventual publicação.

O grupo procurará aprofundar os ensinamentos, os fatos e as intuições de Dom Bosco, para deles extrair orientações para o Salesiano de hoje; reestudará a vida dos nossos Santos e dos Salesianos que deixaram marca na história da Congregação, para apresentá-los sob nova luz, em estilo moderno e adaptado à juventude latino-americana. Uma das suas atividades será também a tradução e adaptação de estudos efetuados em outras Regiões.

Diretor do Centro e Coordenador do Grupo será o P. Fernando Peraza.

2. Inspetoria Thainlandesa — Uma exceção no quadro geral

AILO (International Labor Organization) em recente relatório sobre “A escola profissional na Thailândia” pintou dela um quadro um tanto negativo, mas apresentou como “exceção no quadro geral” a Escola Dom Bosco de Bangkok. Eis um resumo do relatório, apresentado pelo N I Thailandês (julho de 1974).

Em geral pouquíssimos alunos, saídos das escolas profissionais da Thailândia, passa a trabalhar como operários especializados na indústria; e os que nela entram, procuram logo conquistar um lugar de empregado nos escritórios. Assim no todo pouquíssimo uso é feito da formação dada nas escolas profissionais.

Uma exceção no quadro geral acima exposto é a Escola Profissional Dom Bosco de Bangkok, cujos diplomados entram de fato na indústria como operários especializados, e não encontram dificuldade para achar um lugar. Tal fato é devido a fatores especiais, que dificilmente se podem encontrar ou reproduzir em outras escolas.

Para começar, a Escola Dom Bosco selecciona os alunos, que devem ser pobres, órfãos, e com vontade de trabalhar. Se não se atendem às duas primeiras condições não são admitidos, e se não atendem à terceira não podem ficar. Não obstante tão fortes restrições, o número dos pedidos de admissão à Escola ultrapassa sempre de muito a disponibilidade de lugares da Escola.

Em segundo lugar, além da preparação teórico-prática exigida pelas leis, a Escola Dom Bosco acostuma o aluno ao “posto de trabalho”, porque nas oficinas os rapazes desenvolvem uma atividade produtiva colocada em base semi-comercial, referente a encomendas aceitas pelo diretor com contrato regular.

Em terceiro lugar, os instrutores são Ex-alunos da própria escola que já têm experiência industrial, e portanto dão ensino não somente abstrato e desencarnado, mas muito concreto.

Em quarto lugar, os educadores dessa escola são dotados de grau não comum de dedicação pessoal, preocupados antes de tudo de levar os alunos ao amor do trabalho. Se visitantes percorrem as oficinas, os alunos não se distraem. E se alguns são chamados para conversar com eles, voltam logo depois ao seu posto preocupados tão-somente com o trabalho que estão realizando.

Acontece assim que enquanto muitas firmas na Thailândia exigem para dar emprego uma garantia financeira entra o absentismo e

o boicote, nada disso se pede aos alunos da Escola Dom Bosco, porque corre voz que eles “são muito hábeis e querem trabalhar”.

Em quinto lugar, insiste-se na manutenção do material: quando uma máquina se estraga, é consertada por alunos e instrutores juntos. Em contraste evidente com os institutos governamentais, na Escola Dom Bosco até os canos de água, as torneiras, os serviços higiênicos funcionam como devem...

Em sexto lugar, a escola continua a manter estreito contato com seus antigos alunos, sabe exatamente onde estão e o que fazem. E aproveita também as críticas e sugestões dos empregadores, a fim de melhorar os próprios programas escolares...

3. Inspetoria de Bilbao — Idade Média: 34,25 anos

A idade média dos Irmãos pertencentes à Inspetoria de Bilbao causará inveja certamente a não poucas Inspetorias (N I junho de 1974, pág. 12).

Em 1970 por ocasião dos preparativos para o Capítulo Geral, calculou-se a idade média de todos os Salesianos do mundo. Foi fixada em 42 anos.

Nessa ocasião deu-se a conhecer um quadro que colocava cada Inspetoria num determinado grupo conforme a idade média. Nossa Inspetoria achou-se situada no primeiro grupo, entre as Inspetorias mais jovens, de idade inferior aos 35 anos.

Agora ao preparar-se o relatório que o Inspetor levou a Roma, voltou-se a calcular a idade média da nossa Inspetoria, e o resultado foi de 34,25 anos.

4. Inspetoria de Buenos Aires — Cursos para anunciadores de rádio e TV

Desde 1968 funciona, na Casa Inspetorial de Buenos Aires, o Instituto Superior para as Comunicações Sociais “Cosal”, dirigido pelo Salesiano José Carlos. Eis um resumo do relatório sobre sua atividade, publicada pelo N I de Buenos Aires (junho de 1974, pág. 12-14).

O Instituto COSAL, que em 1970 conseguiu o reconhecimento oficial do Ministério competente, permite a quem o frequenta conseguir a habilitação profissional junto à Comissão Federal de Radiodifusão. Este ano, para oferecer uma preparação mais completa, o curso au-

menta de dois para três anos de sua duração. Ensinam-se nele noções de morfologia, sintaxe e fonologia espanhola, de fonética das principais línguas (inglês, francês, alemão, italiano), exercícios práticos no rádio, na TV e na dublagem de filmes. Entre as matérias há também um curso introdutivo à filosofia da comunicação, e nos três anos um curso de teologia.

O Instituto em 1969 diplomou os primeiros 5 anunciadores, e seu número foi crescendo de ano a ano. Hoje os alunos da escola que já trabalham profissionalmente na capital ou no interior do país atingem 65% do total dos diplomados.

O Instituto tem sua sede no sub-solo da Casa Inspetorial. É dotado de um estúdio profissional radiofônico completo, onde os alunos se exercitam, e gravam programas para anúncios comerciais. Tem também um estúdio de televisão ainda com meios técnicos limitados, mas suficientes para exercícios em circuito fechado. O Instituto é subvencionado somente com as quotas dos alunos, que são informados do emprego do dinheiro e colaboram, através de uma comissão especial, na administração do mesmo.

O Instituto COSAL propõe-se introduzir no mundo da comunicação profissionais competentes, e capazes de levar avante um compromisso cristão.

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. O Dia das Missões na Perspectiva do Ano Santo

Na mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1974, Paulo VI lembrou que a formação de uma autêntica consciência missionária deve basear-se numa radical renovação espiritual (In "Osservatore Romano", edição semanal em português de 18 de agosto de 1974).

(Respeitamos a ortografia)

A celebração do Dia Missionário do próximo mês de Outubro situa-se no quadro do Ano Santo, que com a sua temática de renovação e reconciliação em Cristo, se propõe um objetivo de proporções universais, e isso só se realiza na medida em que a humanidade conhece e reconhece Cristo. Evangelizar, enquanto acção que faz com que os povos conheçam Cristo e tende a renová-los e a reconciliá-los com Ele e n'Ele, significa dilatar a área e o grau do conhecimento e da aceitação da Sua Pessoa e da Sua Mensagem; significa dilatar os espaços da reconciliação na justiça e na caridade.

Como indicamos na Bula de proclamação do Ano Santo para 1975, *Apostolorum Limina*, estes motivos fundamentais do Jubileu impõem, como consequência necessária, uma nova e mais vigorosa acção apostólica e missionária da Igreja: "É necessário pois, que, durante o Ano Santo se suscite um generoso empenho em promover a evangelização, que deve absolutamente ser considerada como o primeiro ponto a realizar no programa de tal actividade. De facto, a Igreja peregrina, enviada por Deus às nações para ser sacramento universal de salvação, é, por natureza, missionária, e, no seu caminho histórico, renova-se na medida em que se torna disponível para acolher e aprofundar na fé o Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus, e ao mesmo tempo dar d'Ele o anúncio salvífico, com a palavra e com o testemunho da vida".

Se do Ano Santo afirmámos que "deve reflectir o carácter de catholicidade da vocação para o Evangelho", e que "deve conferir ao coração da Igreja as dimensões do mundo", que melhor ocasião teremos para actuar em concreto este propósito, do que a celebração do Dia Missionário, denominado pelos seus primeiros promotores "a verdadeira festa da apostolicidade, o grande dia da catholicidade"?

Significado missionário da conversão e da reconciliação

A conversão, tal como o baptismo a exige, não apresenta só um aspecto negativo, de afastamento e de desprendimento do pecado, mas também e sobretudo um aspecto positivo — como, de resto, o confirma a própria etimologia — de orientação para Deus e de aproximação de Deus, bem como para o próximo e do próximo, por Deus. Para um cristão autêntico, a glorificação de Deus, o amor a Deus e o advento do Reino de Deus à terra, devem constituir o principal objetivo da vida, em perfeita coerência com as exigências fundamentais do Pater Noster. Ora, é precisamente graças à actividade missionária da Igreja que “Deus é plenamente glorificado, desde o momento que os homens acolham de maneira consciente e plena a obra de salvação que Ele realizou em Cristo. É assim, graças a ela, que Cristo, em espírito de obediência e de amor, se consagrou para glória do Pai que O enviou a fim de que todo o género humano formasse o único Povo de Deus, se reunisse no único Corpo de Cristo, se edificasse no único Templo do Espírito Santo. E isto, ao mesmo tempo que reflete a concórdia fraterna, corresponde ao íntimo desejo de todos os homens” (Decr. *Ad Gentes*, n.º 7).

Esta fraternidade universal, que nos faz membros de uma mesma família em Jesus Cristo o Irmão mais velho, sob o mesmo Pai que está nos céus, exige uma conversão, uma abertura, uma aproximação de todos os nossos irmãos. E a conversão obriga-nos, em primeiro lugar, a conhecê-los, já que os devemos amar e dividir com eles os bens, quer de ordem material, quer de ordem moral e espiritual. Não pode, de facto, conceber-se uma família em que alguns dos membros morram de fome e outros vivam na abundância; em que uns vivam expostos às intempéries e outros em cómodas habitações; em que uns não hajam nunca ouvido falar de Jesus Cristo e outros tenham ao alcance da mão todos os meios de salvação que a Igreja possui. Se formamos uma só família com todos os homens, o amor fraterno obriga-nos também a reconciliarmo-nos com os irmãos de todas as raças, línguas, culturas e condições de vida. Contamos realmente no nosso “haver” muitos pecados de omissão e de injustiça, dos quais devemos pedir perdão ao nosso próximo.

A reconciliação com os nossos irmãos compreende a reparação dessas faltas de justiça e de caridade, e constitui, além disso, o sinal mais certo da nossa reconciliação com Deus: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus habita em nós” (1 Jo 4, 7).

Necessidade e importância de uma renovação de sinal missionário

Esta preocupação por todos os homens, traduzida no facto de sentirmos os seus problemas como nossos e de termos profunda consciência de que “todos e cada um dos homens são nossos irmãos”, este vivo desejo de reparar os egoísmos dos nossos países e os nossos próprios, são um elemento essencial para lançar uma pastoral de conversão e de reconciliação que vai necessariamente dar ao renovamento de toda a Igreja.

A formação de uma autêntica consciência missionária deve assentar numa radical renovação espiritual: antes de pregar o Evangelho, é necessário vivê-lo! Para um cristão ou para uma comunidade, o que constitui o seu primeiro anúncio missionário é a vida, se não se experimentou antes, pessoalmente que Cristo é o Salvador, dificilmente se sentirá a necessidade de O fazer conhecer a outros. Uma vez que a catolicidade — como diz o nosso Predecessor Pio XII na sua Encíclica *Fidei Donum* — é “a nota principal da verdadeira Igreja”, esta catolicidade, que quer dizer espírito missionário universalista, deve ser elemento principal na pastoral das Igrejas particulares em que subsiste vivo e operante o próprio ser da Igreja, assim como deve informar toda a ação pastoral que se pretenda renovar. “E não se deve esquecer — acrescenta-se na mencionada Encíclica — que este espiritual fervor missionário, formentado nas vossas dioceses, é penhor de renovada vitalidade religiosa para as mesmas dioceses... Sendo, pois, certo, que a vida sobrenatural consiste na caridade e se incrementa com o empenho de doação, pode bem afirmar-se que a vida católica de qualquer País se mede pelos sacrifícios a que espontaneamente se submete e se entrega pela obra missionária” (*Ibid*, p. 243).

Este princípio veio a ser confirmado pelo Concílio Vaticano II: “A graça da renovação não pode crescer nas comunidades se cada uma não procurar expandir o âmbito da caridade até às extremidades da terra, e não tiver pelos que estão longe igual solicitude que pelos seus próprios membros” (Decr. *Ad Gentes*, n.º 37).

Necessidade e urgência da evangelização

A nossa incorporação na vida mesma de Cristo, iniciada no Baptismo, aumentada pela Confirmação e aperfeiçoada pela Eucaristia, empenha-nos totalmente no plano divino da salvação que Ele veio realizar na terra. Sim, é verdade que Deus “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 *Tim*

2,4). Mas este plano, revelado de modo progressivo e que chega ao vértice em Cristo “mediador e plenitude de toda a Revelação” (Const. dogm. *Dei Verbum* n.º 7), apresenta duas propriedades específicas. O plano salvífico não abrange só alguns homens ou alguns grupos humanos, mas todos os homens e todos os povos. Por outro lado, “a chamada à fé e a resposta do crente não se verificam de maneira isolada excluindo toda a relação recíproca”, mas antes, no conjunto de um povo “que O conheça na verdade e O sirva na santidade” (Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n.º 9).

Este Povo de Deus, sujeito comunitário da fé e da vida sobrenatural, é a Igreja, à qual foi confiado o depósito da Revelação, não para que o guarde como tesouro escondido debaixo da terra, mas para que o coloque à disposição de todos os homens. Nós esperamos confiadamente que durante o Ano Santo todos os fiéis e todas as comunidades tomem consciência deste empenho missionário universal, que, derivando da própria natureza missionária da Igreja católica, é também de todas as Igrejas e comunidades locais, e de todos e cada um dos cristãos.

Consideramos, ainda, que o Espírito Santo, que actua sempre em plena harmonia com o plano salvífico do Pai e com a natureza essencialmente missionária da Igreja, realiza ao mesmo tempo um duplo movimento convergente: por um lado, conduz para a Igreja os povos não cristãos; e por outro, infunde nas almas dos baptizados o espírito missionário. Cristo, do céu — afirma o Concílio — mediante o Espírito, “actua continuamente no mundo para conduzir os homens à Igreja” (Const. Dogm. *Lumen Gentium*, n.º 48). “O Espírito Santo... unifica toda a Igreja, vivificando as instituições eclesiais... e infundindo nos corações dos fiéis o mesmo espírito missionário que havia animado o próprio Cristo” (Decr. *Ad Gentes*, n.º 4).

A obra de evangelização, além de ser necessária, é urgente: antes de mais, pela razão da Caridade divina, motivo supremo que a solicita; mas depois, também como resposta às graves necessidades espirituais do mundo actual. *Caritas Christi urget nos — o amor de Cristo constrange-nos* (2 Cor 5,14). Desde que São Paulo escreveu esta frase, o panorama religioso do mundo apresenta características que nos preocupam e entristecem. O desenvolvimento da acção missionária da Igreja continua com demasiada lentidão. Costuma dar-se como desculpa que a Igreja deve imitar a paciência de Deus. Isto é verdade: Deus é paciente, porque é eterno; Deus tem a sua hora, e nós não podemos, na nossa ânsia, pretender antecipar a hora de

Deus. Mas não esqueçamos que somos nós, com os nossos egoísmos culpáveis, com a nossa preguiça e a nossa falta de zêlo missionário, que, por assim dizer, obrigamos Deus a mostrar-se paciente, a quase seguir o passo que nós queremos marcar.

Deus é Amor, e como tal, deseja vivamente comunicar-se aos homens. Porventura não foi do Coração de Cristo que brotaram estas palavras ardentes como a lava de um vulcão: “Vim trazer o fogo à terra, e que desejo senão que ele se acenda?” (Lc 12,49). Por seu lado, o mundo actual, que, através dos sinais do nosso tempo, se dirige à Igreja pedindo-lhe que corra em sua ajuda e dê resposta completa às suas inquietações e aspirações, é como o macedônio da visão de São Paulo: “Vem à Macedônia e ajuda-nos!” (Act 16, 9-10). Todos os que somos filhos da Igreja podemos e devemos responder como o Apóstolo das Gentes, repetindo com ele: “Não me glorio por anunciar o Evangelho, pois me foi imposta essa obrigação; e ai de mim, se eu não evangelizar!” (1 Cor 9, 16).

(A esta altura Paulo VI recordou que as Obras Missionárias Pontifícias são “instrumento eficaz para a evangelização” e devem ser ajudados. E concluiu):

Apraz-nos terminar a nossa Mensagem repetindo a oração que rezamos no dia da festa litúrgica do Padroeiro das Missões, São Francisco Xavier: “Fazei, Senhor, que a Igreja encontre a sua alegria na evangelização de todos os povos”.

2. Defronte das insídias do secularismo

A tentação mais grave do nosso tempo é a de quedar-nos na esfera “horizontal” descuidando ou negando a esfera “vertical”. Sobre este perigo ao qual não escapam às vezes nem mesmo as comunidades religiosas, Paulo VI assim falou na audiência geral de 17-7-1974.

(In “Osservatore Romano”, ed. portuguesa, 21-7-1974)

(Respeitamos a ortografia)

Na escola do Concílio, uma escola que deve deixar a sua marca na vida cristã do nosso tempo, nós, crentes, nós, cristãos, nós, membros da Igreja somos educados a olhar o mundo em que vivemos com optimismo, com respeito, com simpatia. E entendemos aqui por mundo a vida real da humanidade, tal como ela é, e como poderia e de-

veria ser, sem com isso escondermos ao nosso olhar os seus males e as suas necessidades; pelo contrário, procuramos ver nestes aspectos negativos do cenário humano um incentivo para nos aproximarmos mias dele, para o servirmos melhor, porque é o amor que está na base da nossa concepção cristã do mundo. E o amor sabe descobrir o motivo do seu interesse: onde o bem existe, para o reconhecer e para dele tirar proveito; e onde existe o mal, para o curar e para lhe pôr remédio. Esta é uma grande “maturação” da consciência cristã e da atitude geral da Igreja no tempo e na sociedade; e nós, por nossa vez, devemos uniformizar a nossa mentalidade com esta visão, que em certo sentido podemos denominar nova, acerca da avaliação do panorama existencial que nos circunda, sem por isso perdermos o sentido profundo e real do bem e do mal que existem na dramática situação da nossa vida e sem nos afastarmos da disciplina do Evangelho e da Cruz, que deve orientar para a salvação o nosso caminho de peregrinos sobre a terra.

Esta visão comporta muitas consequências, uma das quais salientamos neste momento: a de reconhecer, primeiro que tudo, uma relativa, mas efectiva autonomia do mundo profano, isto é, daquele em que a religião, ou melhor a Igreja, não exerce poder algum directo; em segundo lugar, a de reconhecer também os “valores” deste mesmo mundo profano, os méritos, as virtudes, as obras, as instituições, de que ele é rico e que, no nosso tempo, mediante os estudos científicos e as organizações político-sociais, alcançou um prodigioso desenvolvimento; e em terceiro lugar, não teremos dificuldade em reconhecer que da cultura moderna podem derivar enormes vantagens para a adesão mais profunda e a profissão mais eficaz da nossa fé.

Ninguém nos considere, portanto, por princípio, adversário do progresso profano e cívico do mundo; ninguém nos acuse de “integrismo” religioso, no sentido de querer submeter directamente o mundo natural à esfera religiosa, na doutrina e na prática; ninguém nos julgue estranho à vida vivida, da história, cultor anacrónico do passado, cego e hostil à civilização do futuro.

A tentação mais grave do nosso tempo

Bendigamos o Senhor, que, desde a primeira página da Bíblia, nos ensinou, com a complacência que o Criador manifestou pela sua obra julgando-a “coisa boa” (cfr. Gén. 1, 21.25), a admiração pelo cosmo, por tudo o que é, e que reflecte na sua existência e na sua composição essencial a potência, a sabedoria de Deus, ideador, criador, sustentador de todas as coisas.

E bendigamos o Senhor pela sucessiva revelação de bondade, de presença, de amor, que Ele se dignou oferecer à humanidade mediante o plano misterioso de salvação e mediante a intervenção do próprio Verbo de Deus na trágica e gloriosa história do homem, e, depois, mediante uma animação sobrenatural do Espírito, pela qual uma “nova criatura” deve nascer do plano da redenção.

Mas, atenção, irmãos e filhos caríssimos!

Este optimismo não nos deve trair! Digamo-lo uma vez mais: a visão de uma verdade não nos leve a esquecer a visão integral da verdade. A que nos referimos agora? Referimo-nos à mais grave tentação do nosso tempo: a de reduzir a nossa ciência à esfera “horizontal”, como hoje se diz, para descurar, para esquecer, e finalmente para negar a esfera “vertical”; isto é, para fixar o nosso interesse no campo visível, experimental, temporal, humano, abdicando da nossa vocação para o Reino de Deus, invisível, inefável, eterno e sobre-humano. É nesta escolha, exclusivamente positiva em relação às coisas deste mundo, e radicalmente negativa em relação às realidades religiosas e especificamente cristãs, que o ateísmo moderno encontra a sua origem mais sedutora e mais perigosa.

Da Secularização ao Secularismo

Conheceis, sem dúvida, as expressões, soberbamente concretas e desgraçadamente totalitárias, a que chegou esta aberração do pensamento moderno, quando afirmou, com agressiva virulência, que “o homem é para o homem o ser supremo” (*Marx*), que a antropologia deve substituir a teologia (*Feuerbach*), que, no lugar do Ser supremo, se deve colocar a humanidade (*Comte*), que “Deus morreu” para o homem moderno (*W. Hamilton*, etc). A religião já não tem razão de ser, para estes profetas do materialismo, do positivismo, do fenomenismo social.

Hoje, chama-se “secularização” à tendência do pensamento que reinvidica para os valores puramente terrestres e humanos a sua realidade e o seu legítimo e necessário cultivo. Isto é justo. Mas repetimos: estejamos atentos! Esta tendência, se se isola e se desvincula das bases filosóficas e religiosas da verdade total, da Realidade real, progride caminhando sobre uma linha de equilíbrio insustentável; imediatamente cede a uma gravitação negativa; tende a transformar-se, de secularização em secularismo, de distinção em negação de qualquer outro valor filosófico e religioso; e assim é devorado, no seu movimento fatal, pelo agnosticismo, pelo laicismo, pelo ateísmo, onde ao pensamento vêm a faltar princípios absolutos e transcendentos, e

deve renunciar a um sistema lógico e objetivo de verdade, ou substituí-lo com sucedâneos alienantes de filosofias enfermas ou de formidáveis voluntarismos revolucionários: *stat pro ratione voluntas*.

Eis o perigo

Não fiquéis magoados se repetimos: estejamos atentos! Existe o perigo de sermos nós próprios, já elevados ao nível da sabedoria cristã e à firmeza da fé, arrastados por este horizontalismo, vítimas da fascinante fraqueza do secularismo, derivado de uma incauta e transigente secularização; e este perigo ameaça pessoas e movimentos que pretendem promover a justiça no mundo e a libertação do homem de muitos dos seus sofrimentos. Existe o perigo de considerar válida a fórmula que procurasse limitar a adesão a Cristo ao facto de ser Ele “para os outros” (cfr. *Bonhoeffer*), como se isto bastasse para reconhecer n’Ele o Mestre e o Salvador, sem proclamar o mistério da Sua divindade. Há o perigo de atribuir direitos absolutos e exclusivos a valores parciais; o perigo de aceitar fórmulas sociais, que, por exemplo, ao erigirem em sistema a luta de classe, a convertem inevitavelmente em ódio de classe, e o ódio de classe, num possível exercício desumano do poder de classe (cfr. “Arquipélago Gulag”), com a incapacidade final, pelo que respeita um seguidor de Cristo, de conferir ao amor de Deus o primeiro lugar na dinâmica moral, e de fundar sobre este amor um inexaurível e instante amor pelo próximo, pelo homem necessitado de elevação e de igualdade. E assim por diante.

A reflexão a fazer, seria ainda longa; mas agora é-nos suficiente a recordação de uma afirmação do grande pedagogo da nossa civilização, que foi São Bento: “*Nihil amori Christi praeponere*” — não antepor nada ao amor de Cristo.

VIII. NECROLÓGIO

P. Tiago van Brabel

* em Zwille (Holanda) 25-6-1913, † em Nimega (Holanda) 14-1-1974 com 60 anos, 36 de profissão, 28 de sacerdócio. Foi diretor por 7 anos.

Apenas ordenado sacerdote, partiu para as missões. Em Cuba, primeiro, no México depois, trabalhou incansavelmente, também como diretor, pela promoção religiosa e social do povo. Por motivo de sua pouca saúde, retornou à Holanda, onde dedicou suas energias aos emigrados espanhóis. No dia 14 de janeiro deste ano, estava rezando com a comunidade: "Ad cenam vitae aeternae perducat nos Rex aeternae gloriae", quando um enfarte lhe truncou a vida.

Coad. Félix Bürger

° em Birawa (Silésia Superior — Polônia) 29-8-1881, † em Lima (Peru) 25-7-1974 com 92 anos, 66 de profissão.

Viveu seus 66 anos de vida salesiana no trabalho e na oração. Enquanto pôde ser útil, jamais se furtou ao trabalho. E quando os achaques da velhice não lhe permitiram mais as costumeiras atividades, santificou seu tempo com oração e leitura. Lia com preferência coisas referentes à Congregação.

Coad. Vitor Citheroe

* no Sião (Índia) 4-8-1895, † na Cidade do Cabo (África do Sul) 12-6-1974 com 78 anos, 54 de profissão.

Excetuados três anos de magistério passados em San Benigno, toda a sua vida salesiana passou-a no Instituto da Cidade do Cabo, como chefe devotado da nossa escola tipográfica. De caráter aberto, simples e exemplar, afeiçoadíssimo a D. Bosco, com sua alegria inextinguível fez-se estimado por todos, especialmente pelos jovens. Seus funerais foram presididos pelo Cardeal com a presença de numerosíssimos ex-alunos em testemunho de viva gratidão.

P. Natal Dottino

* em Turim (Itália) 25-12-1887, † em Módena (Itália) 29-6-1974 com 86 anos, 70 de profissão, 61 de sacerdócio. Foi diretor por 34 anos.

Uma longa vida, passada na fidelidade aos compromissos assumidos com entusiasmo na juventude, definitivamente e sem quei-

xumes. Homem completamente livre, sem servilismo algum, cultivou a amizade como meio de apostolado. Fez da cátedra fonte para enriquecer a inteligência e o coração de seus alunos. Nos longos anos de seu superiorato, pôs sempre suas notáveis qualidades a serviço da comunidade. Trabalhou até dois dias antes de morrer.

P. Rufino Encinas

* Gejuelo de Barro (Salamanca — Espanha) 25-5-1909, † Deusto — Bilbao (Espanha) 28-2-1974 com 64 anos, 42 de profissão, 32 de sacerdócio. Foi por 22 anos diretor, por 6 vigário inspetorial.

Suas características mais relevantes foram a bondade (poucos momentos antes de morrer pôde afirmar não ter feito mal a ninguém propositadamente) e a doação total à Congregação. Por dilatados anos arcou com a responsabilidade máxima de diversas casas e o cuidado dos Cooperadores e das vocações que — como a Igreja e a Congregação — tinham merecido a oferta de sua vida. Rápido o seu desenlace, longa, porém, e dolorosa a preparação: um tumor maligno foi o seu calvário. Desejava morrer, por outro lado não escondia a vontade forte de poder ainda trabalhar.

Coad. José Ferrari

* em Pittsfield (Massachusetts — USA) 10-7-1940- † Newton (USA) 26-4-1974 com 33 anos, 14 de profissão.

Conhecido por todos como “Brother Rey”, era um artista por temperamento e habilidade; e desfrutou bem os seus dotes, em favor principalmente dos meninos que educava carinhosamente, à maneira de D. Bosco. Faleceu improvisamente, e só após sua morte vieram os irmãos a saber do terrível incômodo que tinha na cabeça, suportado com tanta fé e força de ânimo.

P. Francisco Ferrarino

* Em Grazzano (Asti — Itália) 21-3-1914, † em Courgnè (Turim — Itália) 27-6-1974 com 60 anos, 42 de profissão, 34 de sacerdócio.

Tendo-se criado numa família profundamente cristã, teve aí amadurecida, bem como uma das irmãs, a vocação religiosa. Laureado em letras, gastou suas melhores energias no apostolado do ensino. As fadigas da docência ajuntou, por muitos anos, o cuidado dos Cooperadores, que lhe apreciavam vivamente o trato discreto e fino. Ainda em pleno ritmo de atividade, vitimou-o um desastre de automóvel.

P. Santiago Francia

* em Barruecopardo (Salamanca — Espanha) 31-1-1913, † em Madri (Espanha) 24-2-1974 com 61 anos, 43 de profissão, 33 de sacerdócio.

Totalmente dedicado ao trabalho educativo, no ensino e no ministério sacerdotal, deixou nas várias casas por onde passou o reconfortante exemplo da sua bondade, humanidade, compreensão e disponibilidade. Contínuo e silencioso o seu trabalho de guia espiritual dos jovens, no confessional. Um tumor maligno truncou-lhe a vida exemplar.

X
P. Joaquim França

* em Queluz (São Paulo — Brasil) 13-11-1896, † em São José dos Campos (Brasil) 26-6-1974 com 77 anos, 58 de profissão, 50 de sacerdócio. Foi diretor por 32 anos.

Padre moço ainda, pôs-lhe Nosso Senhor sobre os ombros a cruz pesada da enfermidade, que o reduziu a uma parcial atividade na Casa de São José dos Campos, ao longo de 47 anos, até a morte. Dedicou-se a difundir na cidade a devoção a Nossa Senhora e a D. Bosco, criando e animando um florescente Centro de Cooperadores. A morte o surpreendeu quando os Salesianos e amigos lhe preparavam os festejos de seu jubileu de ouro sacerdotal. Descansa agora o seu corpo junto ao do Servo de Deus P. Rodolfo Komorek.

P. Bernardo Gaffney

* em Newcastle on Tyne (Inglaterra) 4-9-1901, † em Sliema (Malta) 5-6-1974 com 72 anos, 45 de profissão, 37 de sacerdócio.

Entrou maduro na Congregação. Mestre de música, professor de história; por três anos lecionou inglês em Quito. De volta à pátria, prestou muito serviço como confessor em língua espanhola. Nos últimos quatro anos foi-lhe confluída a igreja pública salesiana de Sliema. Morreu improvisamente, após somente dois dias de doença.

D. Mauricio Magliano

* em S. Isidro (Buenos Aires — Argentina) 22-1-1920, † em Pico Truncado (Argentina) 31-5-1974 com 54 anos, 38 de profissão, 25 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos e, por 13, bispo de Río Gallegos (Argentina).

Como diretor e pároco de Río Gallegos manifestara relevantes dotes de pastor e organizador; quando, então, se erigiu a diocese de Río Gallegos, foi feito seu bispo. Com um trabalho interessado e sacrificado, bom pastor que era, seguia seus fiéis espalhados pelos 250.000 km² da diocese. Colaborava com os párocos, os Sale

sianos e as Filhas de Maria Auxiliadora, organizando em suas casas congressos eucarísticos e marianos, encontros de dirigentes e de jovens. Pregou a todos a união, a paz e a fé. Todos o apreciavam e amavam por seu espírito cordial e conciliador e pela constante preocupação para com os pobres e os humildes. Nosso Senhor o chamou enquanto fazia a visita pastoral. Sua morte inesperada causou profundo pesar.

P. Teodoro Mattiel

* em Villanova, Motta di Livenza (Treviso — Itália) 10-1-1913, † em Pordenone (Itália) 15-5-1974 com 61 anos, 42 de profissão, 32 de sacerdócio.

Com toda a generosidade pôs à disposição de D. Bosco a vivacidade de seu caráter no serviço cristão da palavra, nas aulas e na industriosa organização dos Ex-alunos. Manteve sempre viva a lembrança dos longos sacrifícios feitos em seu favor pela mamãezinha humilde, prestando-lhe solícito e delicado atendimento, quando ela ficou sozinha.

P. João Mernik

* em Galusak (Eslovênia — Jugoslávia) 1-3-1914, † em Ramos Mejía (Argentina) 12-5-1974 com 60 anos, 39 de profissão, 30 de sacerdócio.

Nos primeiros anos de padre foi professor e assistente, sacrificando-se por muitos órgãos, por tantas e tantas famílias sem recursos que devem muito ao zelo pastoral desse autêntico filho de D. Bosco. Após uma experiência de quatro anos em campos de concentração, foi enviado à Inspetoria de Buenos Aires, para tomar conta espiritualmente dos numerosos emigrantes eslovenos. Em Ramos Mejía transcorreu a maior parte de sua vida, trabalhando pelos seus patrícios, especialmente os jovens, providenciando-lhes escola, trabalho, emprego, e acima de tudo sustentando-lhes a fé. Organizou o magnífico Ateneu D. Bosco apreciadíssimo pela população. Orientou e levou até a meta excelentes vocações sacerdotais e religiosas, fruto precioso de uma vida inteiramente doada aos outros.

P. Miguel Molineris

* em Bibiana (Turim — Itália) 28-1-1909, † em Chieri (Turim — Itália) 12-7-1974 com 65 anos, 48 de profissão, 38 de sacerdócio.

Foi o cuidadoso e paciente coletor de todo o material respeitante D. Bosco, tendo com essa finalidade palmilhado os lugares em que o

Santo viveu ou visitou; por vinte anos redator do periódico “Il Tempio di D Bosco”, nele publicou o fruto de suas pesquisas, muito satisfeito por poder assim aumentar o patrimônio histórico das “Memorie Biografiche” já de si tão rico. Recolheu depois em vários volumes o seu material histórico: “i fioretti”, “i carismi”, “i miracoli”, “gli incontri”, “gli inediti” de Dom Bosco. Tinha já preparados para publicação outros dois volumes sobre S Domingos Sávio, que costuma chamar de “o meu santinho”. Não lhe permitira a saúde delicada realizar seu sonho missionário: em compensação, viveu a vida de Salesiano com fidelidade filial, labutando enquanto lho permitiram as forças, sempre presente com seu bom exemplo e seu bom humor, unido a Deus no sofrimento e na oração.

P. Virgílio Mondini

* em Cislago (Varese — Itália) 21-3-1908, † em Parma (Itália) com 65 anos, 48 de profissão, 36 de sacerdócio.

Durante vários anos teve cargos administrativos, atencioso sempre às necessidades dos irmãos, preciso no cumprimento do seu ofício. Quando as precárias condições de saúde (na mocidade e nos anos derradeiros) obrigaram-no à inatividade, aceitou-o com fé e resignado. Foram suas características a simplicidade, piedade edificante, profundo amor à liturgia, devoção a Nossa Senhora, fidelidade ao Papa, ao Magistério e à Congregação.

P. César Moretti

* em Sarezzo (Brescia — Itália) 19-12-1942, † em Gavardo (Brescia — Itália) 18-4-1974 com 31 anos, 14 de profissão, 4 de sacerdócio.

Já no aspirantado se destacava pelo interesse eficiente com que sabia animar a liturgia dos dias festivos. Esse mesmo empenho feliz demonstrou-o quando encarregado de animar a vida espiritual dos estudantes de filosofia de Canlubang. Como professor, era muito apreciado pela disponibilidade, esculpida preparação, capacidade de diálogo. Um trágico desastre automobilístico punha fim a essa vida, moça, que era uma grande esperança para a nossa obra nas Filipinas.

P. Luís Pirondini

* em Gonzaga (Mantova — Itália) 5-10-1920, † Gênova — Sampierdarena (Itália) 10-8-1974 com 53 anos, 37 de profissão, 27 de sacerdócio.

Muito atencioso e delicado, estava sempre à disposição de quem precisasse de seu ministério sacerdotal. No trabalho de professor e

educador, feito apaixonadamente, teve sempre em mira o bem dos educandos, arrostando mesmo pesados sacrifícios. O pedido da Congregação e da Igreja para qualificação, no intuito de tornar o próprio trabalho mais efetivo, recebeu sua pronta e entusiasmada adesão, convencido como estava de que vale a pena consumir-se todo para anunciar Cristo aos irmãos. E continuou a evangelizar mesmo sob a opressão do mal inexorável, suportado serenamente, e oferecido a fim de que a salvação de Deus a todos alcançasse.

P. Félix Radman

* em Dvornik, Croácia (Iugoslávia), 10-2-1892, † em Prvič-Luka (Croácia) 23-7-1974 com 82 anos, 57 de profissão, 50 de sacerdócio.

Uma alma cândida, simples. Pontualíssimo em tudo: no trabalho, nas práticas de piedade, na vida comum. Sacerdote zeloso, fervoroso, de vocação a toda a prova. Sua morte foi quase repentina, mas parada por uma longa vida exemplar.

Coad Luís Riva

* em Monza (Milão — Itália) 9-7-1905, † em Turim, Valsalice (Itália) 19-6-1974 com 68 anos, 40 de profissão.

Na família educou-se na caridade generosa e delicada para com os pobres do bairro. Tendo-se formado contador, por alguns anos foi bancário em Roma. Como uma de suas irmãs se fizesse religiosa, ele, aos 25 anos se apresentou no nosso Instituto de Ivrea para se fazer Sacerdote. Acabou depois pedindo para ficar coadjutor, prestando serviço como secretário em vários estabelecimentos nosso por mais de quarenta anos, muito expedito e exato no desempenho dos seus encargos. Ultimamente, atormentado pela asma e fraqueza cardíaca, ofereceu a Deus com fé a oração e a paciência. Foi um salesiano coadjutor como D. Bosco queria: piedoso, pobre, trabalhador.

P. Clemente Rushton

* em Brokenhead (Cheshire — Inglaterra) 28-4-1901, † em Colne (Inglaterra) 14-5-1974 com 73 anos, 47 de profissão, 38 de sacerdócio.

Entrou adulto na Congregação, 26 anos. Homem simples, de grande bondade. Com dotes para a administração, foi ecônomo em várias casas. Muito solicitado para confissões. Esteve uma temporada em Malta como capelão militar. Morreu improvisamente na casa das Filhas de Maria Auxiliadora de Colne, onde havia quatro anos atendia como capelão e diretor espiritual.

P. Mário Ruzzon

° em Ca'Bianca, Chioggia (Venezia — Itália) 24-8-1906, † Trieste (Itália) 8-7-1974 com 67 anos, 49 de profissão, 40 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Desenvolveu seu apostolado entre a gente humilde dos nossos oratórios e paróquias, preferindo os sofredores e os doentes. Sacerdote zeloso, trabalhador incansável, sempre pronto e generoso, conquistava a amizade de todos com a simplicidade da palavra e do trato.

Coad. Carlos Salamanca

° em Tenza (Boyacá — Colômbia) 12-8-1912, † em Medellín (Colômbia) 14-8-1974 com 62 anos, 39 de profissão.

Esse nosso irmão, que Nosso Senhor tirou com uma morte repentina, até há três anos atrás desempenhava com a máxima perfeição sua ocupação de cozinheiro. Durante estes últimos 20 anos a comunidade do Sufrágio em Medellín se beneficiou com seus exemplos de trabalho e de serena piedade. A multidão que assistiu aos seus funerais atesta a estima que ele soubera conquistar.

Coad. José Santana

° em Felisberto Caldeira (Minas Gerais — Brasil) 19-3-1917, † na Missão Salesiana Sagrada Família (Marauá, Rio Negro, Brasil) 7-6-1974 com 57 anos, 29 de profissão.

Como assistente agricultor, sacristão, nas casas em que trabalhou concretizou a aspiração expressa no pedido de admissão ao noviciado: "Querendo salvar e santificar a minha alma, peço com todo o fervor a graça de ser admitido no noviciado. Com a ajuda de Deus e a proteção de Maria quero ser um santo salesiano." Nele sobressairam o espírito de sacrifício e uma terna devoção a Nossa Senhora.

P. Paulo Schindelholz

° em Courtelle (Jura Bernois — Suíça) 6-10-1908, † em Lião (França) 16-4-1974 com 65 anos, 39 de profissão, 31 de sacerdócio.

Entrou maduro na vida eclesiástica. A segunda guerra mundial lhe abalou o sistema nervoso, que a pouca saúde tornou ainda mais precário. Por uma vintena de anos associou-o Nosso Senhor ao mistério da Redenção de modo mais duro, talvez, para um salesiano: só raramente permitiu-lhe a saúde exercer o ministério de forma ativa entre os meninos. Sua profunda piedade e a confortadora assistência dos irmãos de Lião-Fontanières o ajudaram a suportar as continuadas provas. Pouco depois das festas pascaís um ataque do coração o reconduzia Àquele em que ele pusera toda a sua confiança.

Coad. Fernando Sibrian

* em San Juan Opico (La Libertad — São Salvador) 27-4-1912, † em Quezaltenango (Guatemala) 31-7-1974 com 62 anos, 25 de profissão.

Passou a maior parte da vida salesiana na casa de Quezaltenango, inteiramente dedicado à formação cristã de seus alunos, como professor primário, mestre de música e de desenho. Colheu-o a morte improvisamente, após doença muito rápida, quando ainda se achava em pleno ritmo de trabalho.

P. Nicolau Stanziani

* em Mirabello Samitico (Campo Basso — Itália) 26-4-1905, † em Nápoles — Vomero (Itália) 24-9-1974 com 69 anos, 51 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Fiel à Regra, exemplar, otimista, valeu-se de seu natural ascendente sobre as pessoas para convencer e prender a Nosso Senhor todos os que entravam na esfera fácil de sua amizade ou recorriam ao seu ministério sacerdotal. A saúde incerta não lhe permitiu estabilidade no trabalho. Os últimos meses também de aflitivos sofrimentos revelaram a tarefa que se impusera em segredo: apresentar-se sereno, mesmo no padecimento, oferecendo-se em holocausto pelas vocações.

P. José Szlek

* em Sietesz (Leopoli — Polónia) 24-9-1913, † aí mesmo em 2-6-1974 com 60 anos, 39 de profissão, 28 de sacerdócio.

Fica na lembrança dos irmãos como sacerdote zeloso e trabalhador. Foi bom musicista. Pároco por muitos anos, conquistou a estima dos fiéis, dos moços principalmente. Um enfarte o tirou da nossa companhia, mas permanece vivo o afeto de todos os que o conheceram.

P. Ferdinando Thebault

* em Rennes (Ille et Vilaine — França) 6-4-1888, † em Griel — Putanges (França) 29-4-1974 com 86 anos, 66 de profissão, 52 de sacerdócio. Foi diretor por 9 anos.

Por longos anos professor e pároco na paróquia de S. João Bosco em Paris, distinguiu-se pelo incansável zelo apostólico. Exemplar pela piedade, abnegação, desprezo das comodidades. Deixa lembrança de uma vontade tenaz, manifestada em exigente rigor consigo mesmo e diligente cuidado na formação de virtudes viris nos jovens que lhe foram confiados.

P. Nicolau Vitone

* em Sepino (Campobasso — Itália) 11-3-1913, † em Roma 10-6-1974 com 61 anos, 45 de profissão, 35 de sacerdócio.

Lembrado dos ensinamentos de D. Bosco, quis ser acima de tudo padre, sempre e em toda a parte — padre. Piedade iluminada, devoção transparente; o terço, sua oração preferida. Preparado como era nas ciências sagradas e dotado de raro talento musical, pôde exercer suas boas qualidades em benefício dos irmãos moços a caminho do sacerdócio, em Turim, Pádua, Messina, Castellamare di Stabia. Conhecido e apreciado no ambiente artístico, convidaram-no a lecionar no Conservatório de Bari; recentemente aceitara a cátedra das novas formas musicais litúrgicas no Pontifício Instituto Superior de Música Sacra. Formado nas severas leis da música tradicional, trouxe para o campo da liturgia renovada o aflato lírico e artístico das melodias polifônicas e gregorianas. Dele fica uma lembrança de amor à Igreja, à liturgia, à sua comunidade, à música, à juventude.

3.º Elenco 1974

- 78 Sac. BRAKEL Tiago van † em Nimega (Holanda) 1974 com 60 anos.
- 79 Coad. BURGER Félix † em Lima (Peru) 1974 com 92 anos.
- 80 Coad. CLITHEROE Vitor † na Cidade do Cabo (África do Sul) 1974 com 78 anos.
- 81 Sac. DOTTINO Natal † em Modena (Itália) 1974 com 86 anos.
- 82 Sac. ENCINAS Rufino † em Deuto-Bilbao (Espanha) 1974 com 64 anos.
- 83 Coad. FERRARI José † em Newton (USA) 1974 com 33 anos.
- 84 Sac. FERRARINO Francisco † em Courgne (Turim-Itália) 1974 com 60 anos.
- 85 Sac. FRANCIA Santiago † em Madri (Espanha) 1974 com 61 anos.
- 86 Sac. FRANÇA Joaquim † em S. José dos Campos (Brasil) 1974 com 77 anos.
- 87 Sac. GAFFNEY Bernardo † em Sliema (Malta) 1974 com 72 anos.
- 88 Dom MAGLIANO Maurício † em Pico Truncado (Argentina) 1974 com 54 anos.
- 89 Sac. MATTIEL Teodoro † em Pordenone (Itália) 1974 com 61 anos.
- 90 Sac. MARNIK João † em Ramos Mejia (Argentina) 1974 com 65 anos.
- 91 Sac. MOLINERIS Miguel † em Chieri (Turim-Itália) 1974 com 65 anos.
- 92 Sac. MONDINI Virgínio † em Parma (Itália) 1974 com 65 anos.
- 93 Sac. MORETTI César † em Gavardo (Brescia-Itália) 1974 com 31 anos.
- 94 Sac. PIRONDINI Luís † em Génova-Sampierdarena (Itália) 1974 com 53 anos.
- 95 Sac. RADMAN Félix † em Prviç-Luka (Croácia) 1974 com 82 anos.

- 96 Coad. RIVA Luís † em Turim (Itália) 1974 com 68 anos.
- 97 Sac. RUSHTON Clemente † em Colne (Inglaterra) 1974 com 73 anos.
- 98 Sac. RUZZON Mário † em Trieste (Itália) 1974 com 67 anos.
- 99 Coad. SALAMANCA Carlos † em Medellín (Colômbia) 1974 com 62 anos.
- 100 Coad. SANTANA José † em Marauíá (Rio Negro, Brasil) 1974 com 57 anos.
- 101 Sac. SCHINDELHOLZ Paulo † em Lião (França) 1974 com 65 anos.
- 102 Coad. SIBRIAN Fernando † em Quezaltenango (Guatemala) 1974 com 62 anos.
- 103 Sac. STANZIANI Nicolau † em Nápolis-Vomero (Itália) 1974 com 69 anos.
- 104 Sac. SZLEK José † em Sietesz (Leopoli-Polónia) 1974 com 60 anos.
- 105 Sac. THEBAULT Ferdinando † em Giel-Putanges (França) 1974 com 86 anos.
- 106 Sac. VITONE Nicolau † em Roma (Itália) 1974 com 61 anos.

Composto e impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SAO PAULO

